

**ATRAVÉS DO BRASIL**  
Olavo Bilac e Manoel Bomfim



# ATRAVÉS DO BRASIL

Olavo Bilac e Manoel Bomfim

Prefácio: Cláudio Murilo Leal





Os Correios, reconhecidos por prestar serviços postais com qualidade e excelência aos brasileiros, também investem em ações que tenham a cultura como instrumento de inclusão social, por meio da concessão de patrocínios. A atuação da empresa visa, cada vez mais, contribuir para a valorização da memória cultural brasileira, a democratização do acesso à cultura e o fortalecimento da cidadania.

É nesse sentido que os Correios, presentes em todo o território nacional, apoiam, com grande satisfação, projetos da natureza desta Biblioteca Básica Brasileira e ratificam seu compromisso em aproximar os brasileiros das diversas linguagens artísticas e experiências culturais que nascem nas mais diferentes regiões do país.

A empresa incentiva o hábito de ler, que é de fundamental importância para a formação do ser humano. A leitura possibilita enriquecer o vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação. Assim, os Correios se orgulham em disponibilizar à sociedade o acesso a livros indispensáveis para o conhecimento do Brasil.

*Correios*



O livro, essa tecnologia conquistada, já demonstrou ter a maior longevidade entre os produtos culturais. No entanto, mais que os suportes físicos, as ideias já demonstraram sobreviver ainda melhor aos anos. Esse é o caso da Biblioteca Básica Brasileira.

Esse projeto cultural e pedagógico idealizado por Darcy Ribeiro teve suas sementes lançadas em 1963, quando foram publicados os primeiros dez volumes de uma coleção essencial para o conhecimento do país. São títulos como *Raízes do Brasil*, *Casa-grande & senzala*, *A formação econômica do Brasil*, *Os sertões* e *Memórias de um sargento de milícias*.

Esse ideal foi retomado com a viabilização da primeira fase da coleção com 50 títulos. Ao todo, 360 mil exemplares serão distribuídos entre as unidades do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, contribuindo para a formação de acervo e para o acesso público e gratuito em cerca de 6.000 bibliotecas. Trata-se de uma iniciativa ousada à qual a Petrobras vem juntar suas forças, colaborando para a compreensão da formação do país, de seu imaginário e de seus ideais, especialmente num momento de grande otimismo e projeção internacional.

*Petrobras - Petróleo Brasileiro S. A.*





## SUMÁRIO

Apresentação	xiii
Prefácio – Cláudio Murilo Leal	xv
Advertência e explicação	3
I – Má notícia	11
II – Na estrada de ferro	14
III – A velha africana	17
IV – Garanhuns	20
V – A cavalo	23
VI – A vida selvagem	27
VII – Estrada a fora	30
VIII – Na fazenda	33
IX – Piranhas	38
X – A cachoeira de Paulo Afonso	42
XI – Órfãos...	45
XII – Sós...	49
XIII – Um novo companheiro	52
XIV – O rancho	55
XV – O sertão	58
XVI – Uma história	61
XVII – Uma cama improvisada	64
XVIII – Continua a história	67
XIX – Fim da história de Juvêncio	70
XX – A caminho	73
XXI – Um desapiedado e um bondoso	76
XXII – Perdidos	79
XXIII – O primeiro dinheiro	83

XXIV – O algodão	85
XXV – Cena terrível	88
XXVI – A cruz da estrada	91
XXVII – Uma pescaria	94
XXVIII – As lavadeiras	97
XXIX – Separados	100
XXX – Doença	103
XXXI – Maria das Dores	106
XXXII – À espera	109
XXXIII – A clareira	112
XXXIV – Uma briga	114
XXXV – Ladrão!...	117
XXXVI – Preso...	119
XXXVII – Quem não pode, trapaceia	122
XXXVIII – Um plano	125
XXXIX – A expedição	128
XL – Como se embrulha um sabido	130
XLI – Livre!	132
XLII – A despedida	134
XLIII – Uma oficina	136
XLIV – Um anúncio	140
XLV – Num valo	143
XLVI – O moribundo	147
XLVII – Morte e enterro	149
XLVIII – O juramento	153
XLIX – Um negociante de fumos	156
L – No catu	159
LI – O engenho	162
LII – Um encontro	165
LIII – Inácio Mendes	169
LIV – Na Bahia	173
LV – A partida	177

LVI – As jangadas	180
LVII – No mar	183
LVIII – A tempestade	186
LIX – O gigante de pedra	189
LX – Guanabara	192
LXI – A capital federal	195
LXII – Na Rua do Ouvidor	197
LXIII – Em viagem para São Paulo	199
LXIV – A linha do centro	202
LXV – O ouro e os diamantes	205
LXVI – Mato Grosso e Goiás	208
LXVII – A lavoura dos cafezais	211
LXVIII – O preparo do café	213
LXIX – São Paulo	216
LXX – O progresso paulista	219
LXXI – Para o sul...	222
LXXII – O Paraná	225
LXXIII – Santa Catarina	227
LXXIV – Um velho amigo	229
LXXV – Prossegue a viagem de Juvêncio	233
LXXVI – A vida na Amazônia	235
LXXVII – A pororoca	238
LXXVIII – O Amazonas	240
LXXIX – Encontro com os tios	243
LXXX – Uma estância	246
LXXXI – O gaúcho	249
LXXXII – Tudo se explica (epílogo)	251



A Fundação Darcy Ribeiro realiza, depois de 50 anos, o sonho sonhado pelo professor Darcy Ribeiro, de publicar a Coleção Biblioteca Básica Brasileira – a **BBB**.

A **BBB** foi formulada em 1962, quando Darcy tornou-se o primeiro reitor da Universidade de Brasília – UnB. Foi concebida com o objetivo de proporcionar aos brasileiros um conhecimento mais profundo de sua história e cultura.

Darcy reuniu um brilhante grupo de intelectuais e professores para, juntos, criarem o que seria a universidade do futuro. Era o sonho de uma geração que confiava em si, que reivindicava – como Darcy fez ao longo da vida – o direito de tomar o destino em suas mãos. Dessa entrega generosa nasceu a Universidade de Brasília e, com ela, muitos outros sonhos e projetos, como a **BBB**.

Em 1963, quando ministro da Educação, Darcy Ribeiro viabilizou a publicação dos primeiros 10 volumes da **BBB**, com tiragem de 15.000 coleções, ou seja, 150 mil livros.

A proposta previa a publicação de 9 outras edições com 10 volumes cada, pois a Biblioteca Básica Brasileira seria composta por 100 títulos. A continuidade do programa de edições pela UnB foi inviabilizada devido à truculência política do regime militar.

Com a missão de manter vivos o pensamento e a obra de seu instituidor e, sobretudo, comprometida em dar prosseguimento às suas lutas, a Fundação Darcy Ribeiro retomou a proposta e a atualizou, configurando, assim, uma nova **BBB**.

Aliada aos parceiros Fundação Biblioteca Nacional e Editora UnB, a Fundação Darcy Ribeiro constituiu um comitê editorial que redesenhou o projeto. Com a inclusão de 50 novos títulos,

a Coleção atualmente apresenta 150 obras, totalizando 18 mil coleções, o que perfaz um total de 2.700.000 exemplares, cuja distribuição será gratuita para todas as bibliotecas que integram o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, e ocorrerá ao longo de três anos.

A **BBB** tem como base os temas gerais definidos por Darcy Ribeiro: O Brasil e os brasileiros; Os cronistas da edificação; Cultura popular e cultura erudita; Estudos brasileiros e Criação literária.

Impulsionados pelas utopias do professor Darcy, apresentamos ao Brasil e aos brasileiros, com o apoio dos Correios e da Petrobras, no âmbito da Lei Rouanet, um valioso trabalho de pesquisa, com o desejo de que nos reconheçamos como a Nova Roma, porém melhor, porque lavada em sangue negro, sangue índio, tropical. A Nação Mestiça que se revela ao mundo como uma civilização vocacionada para a alegria, a tolerância e a solidariedade.

*Paulo de F. Ribeiro*  
Presidente  
Fundação Darcy Ribeiro

## Um périplo dramático e poético

Quando foi publicado, em 1910, *Através do Brasil* apresentava uma proposta clara e precisa: produzir um texto leve e atraente com o objetivo de motivar o interesse dos estudantes e dos jovens leitores para um melhor conhecimento do nosso país. O método utilizado para motivar o redescobrimento do Brasil profundo, da geografia e da vida interiorana brasileira foi o da narração de uma aventureira viagem de duas crianças, os irmãos Carlos e Alfredo, que partem do Recife e chegam até Pelotas, no Rio Grande do Sul.

Este livro, agora reeditado, já alcançara mais de 50 edições no passado, tendo sido escrito em parceria por dois respeitáveis e reconhecidos intelectuais: o poeta parnasiano Olavo Bilac, aclamado Príncipe dos Poetas Brasileiros, e Manoel Bomfim, escritor, professor e pedagogo, Diretor de Instrução Pública, autor de inúmeros livros didáticos e de importantes trabalhos de História e de Sociologia, como: *A América Latina: males de origem e O Brasil nação*.

Olavo Bilac, autor de admirável produção poética e de um grande número de crônicas jornalísticas, interessou-se, também, pelos temas educacionais e cívicos, tendo publicado *A defesa nacional*, *Poesias infantis*, *Teatro infantil*, *A pátria brasileira* e, em colaboração

com Manoel Bomfim o *Livro de composição e o Livro de leitura para o curso complementar das escolas primárias*. São, portanto, dois autores de renome nos meios culturais e da educação que se uniram no idêntico ideal de levar aos jovens o gosto pela leitura e o conhecimento de alguns aspectos relevantes do Brasil.

*Através do Brasil* deve ser considerado um livro paradidático, pois o seu objetivo é mostrar pelos caminhos, “estrada afora” (título de um dos capítulos), as múltiplas faces do nosso povo, tradições, geografia e história. Há que ressaltar, como uma das muitas qualidades do livro, a rara preocupação estética no tratamento da linguagem, que, de forma elegante, sóbria e mesmo poética, apresenta o eletrizante desenrolar das ações e emoções vividas pelos dois meninos.

Quem melhor definiu as intenções e o objetivo pedagógico de *Através do Brasil* foi Laura Sandroni em seu excelente estudo sobre a literatura infantil intitulado *De Lobato a Bojunga: as renaixões renovadas*, quando lembra que “Bilac decide escrever para as crianças livros que visavam em primeiro lugar a informar, transmitir conhecimentos e comportamentos exemplares segundo os valores da ideologia dominante.”

*Através do Brasil* registra uma redescoberta de nossa pátria, séculos após o primeiro e inspirador relato de Pero Vaz Caminha. O enredo do livro caracteriza-se por dramatizar, através das peripécias dos personagens infantis e dos acontecimentos fictícios, a rica vertente dos romances de aventuras. Os autores aproveitam, também, o caráter informativo das crônicas, diários de viagem, tratados e compêndios que retrataram o Brasil desde os tempos do Brasil colônia até os primórdios da República. No entanto, ao contrário dos relatos desses primeiros cronistas, viajantes e historiadores, Bilac e Manoel Bomfim objetivam, principalmente,



através de uma leitura agradável, que “a criança aprenderá um pouco do Brasil – as suas gentes, os seus costumes, as suas paisagens, os seus aspectos distintivos”. Ensinar deleitando, este o lema dos dois autores.

A expedição dos jovens inicia-se com a notícia recebida pelos irmãos da morte de seu pai, um engenheiro que trabalhava no interior do Estado. Eles partem em direção a Garanhuns, a fim de se certificarem da veracidade do triste fato.

Já no primeiro trem em que embarcam, encontram uma “velha africana” que principia uma instrutiva conversação sobre os engenhos de cana-de-açúcar e cuja fala relembra, pitorescamente, o tratamento dado aos filhos dos senhores nos tempos da escravidão: “– É seu irmão, ioiô?”

Um dos sutis procedimentos usados para passar ensinamentos históricos, geográficos e culturais se dá com as pacientes explicações do irmão mais velho ao mais novo. Exemplo: ao lembrar que eles já haviam visitado a Bahia, falar de Caramuru, nome que os índios deram a Diogo Álvares, um português que naufragou na Bahia e ia ser devorado num ritual antropofágico.

Já no capítulo seguinte, intitulado “A vida selvagem”, uma verdadeira aula sobre os índios é ministrada por Carlos ao curioso caçula, sempre interessado em aprender sobre os usos e os costumes do Brasil. Acontece, então, o providencial encontro com aquele que seria o companheiro inseparável durante parte daquele percurso que apenas se inicia: trata-se de Juvêncio, um jovem cujo “olhar denotava uma tão rude e boa sinceridade...” e que os ajudaria a resolver as novas e difíceis situações que surgiriam ao longo da caminhada.

Acontece, então, a rica experiência do engajamento dos três meninos em uma tropa de burros. E, também, é notável a descrição da tradicional hospitalidade brasileira com que eles são

recebidos pelo proprietário de uma fazenda, refletindo também o generoso caráter do homem do sertão. Assim, é relatado que “por mais que alegassem falta de apetite, Carlos e Alfredo tiveram de sentar-se à mesa farta, onde ficaram conversando”.

A aventura da viagem produz na alma dos meninos sentimentos contraditórios de tristeza mas, também, de encantamento com tudo aquilo que começavam a vivenciar. A interminável jornada é marcada, inicialmente, por uma angustiante busca do paradeiro do pai. “Estará ele vivo?” perguntam-se os meninos, enquanto vão acumulando experiências e descobrindo um Brasil que jamais haviam imaginado existir. O pedagógico diálogo com um jovem personagem que os irmãos encontram em um de seus trajetos de trem sintetiza a importância de se conhecer de perto, *in loco*, a riqueza e a beleza da nossa realidade: Diz o recente conhecido: – Viajar é sempre útil. Em geral, os brasileiros são sedentários e não conhecem o seu país. Eu viajo há quase dez anos, e ainda não estou farto. E quando este novo amigo se refere à cachoeira de Paulo Afonso, confessa ele que nunca viu tão belo espetáculo, em toda a sua vida: – não creio que haja, em toda a Terra, mais formosa maravilha da natureza!

No capítulo seguinte, aproveitando a laudatória motivação desse jovem personagem em trânsito, é criado o ensejo para uma aula sobre a Cachoeira, inclusive ao serem lembrados os famosos versos de Castro Alves, que Carlos sabia de cor e aproveita para recitar: “É o brado aterrador da catadupa...”

Entre andanças e trabalhos (como no engajamento numa tropa de burros e na colheita do algodão), o contato com a vida rural distrai e instrui os meninos em sua peregrinação em direção ao Sul com o objetivo de encontrar os parentes que vivem lá.

Após muitas peripécias, Juvêncio, o companheiro de viagem, retorna da Bahia em direção ao Estado do Amazonas. Esse trajeto

propicia a exposição de novos conhecimentos, como quando o oficial do navio em que Juvêncio viaja explica o fenômeno da pororoca. Qual a criança que não fica fascinada com o relato de algo único no mundo, o encontro das águas do rio Amazonas com as do oceano Atlântico?

Os irmãos seguem para o Sul, passando pelo Rio de Janeiro e São Paulo. É divertido acompanhar os dois exploradores dos imensos espaços do sertão acotovelando-se com os transeuntes da Rua do Ouvidor. E após uma passagem por Mato Grosso, Goiás, Paraná e Santa Catarina, completa-se finalmente a longa marcha com a chegada a Pelotas, no Rio Grande do Sul. Lá eles recebem dos tios a alegre notícia de que seu pai não morrera.

O enredo de aventuras fora o pretexto dos autores para que os dois irmãos empreendessem, através de um gênero entre o documental e o ficcional, gênero que poderia ser denominado uma ramificação do chamado “romance de formação”, uma viagem pedagógica, pois o livro guarda todas as qualidades de um sugestivo compêndio pedagógico.

Esses dois jovens exploradores de nosso amplo território serão os guias espirituais de futuros estudantes que, junto a seus professores, retomarão, com a agradável e instrutiva leitura de *Através do Brasil*, os agrestes caminhos do sertão e as rápidas passagens pelas cidades.

**CLÁUDIO MURILO LEAL** É POETA E PROFESSOR DA  
UFRJ – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO.  
DOUTOR EM LETRAS PELA MESMA UNIVERSIDADE.



**ATRAVÉS DO BRASIL**   
Olavo Bilac e Manoel Bomfim



**C**omposemos este livro de leitura para o curso médio das escolas primárias do Brasil, a fim de ser ele o único livro destinado às classes desse curso; tal é, de fato, a indicação pedagógica aconselhada hoje: às primeiras classes do ensino primário não deve ser dado outro livro além do livro de leitura.

Acreditamos que o conjunto destas páginas – *Através do Brasil* – corresponde a essa exigência ou fórmula pedagógica.

Entretanto, este livro é uma simples narrativa, acompanhada dos cenários e costumes mais distintivos da vida brasileira; e, em verdade, a escola primária deve ensinar muito mais do que aqui se contém, e muito mais do que se possa conter em qualquer livro de leitura. Quando a Pedagogia recomenda que as classes primárias elementares não tenham outro livro além do de leitura, não quer dizer com isso que nesse livro único se incluam todas as noções e conhecimentos que a criança deve adquirir. Fora absurdo e impossível. Desde a primeira classe elementar, há de a criança aprender, além da leitura e da escrita, a gramática e a prática da língua vernácula, noções de geografia e história, cálculo, sistema dos pesos e medidas, lições de coisas – isto é: elementos de ciências físicas e naturais, e preceitos de higiene e instrução cívica. Como resumir tudo isso em um pequeno volume, em um simples livro de leitura, que deve ser acessível à

inteligência infantil, e onde, por conseguinte, não será possível reduzir os ensinamentos e conhecimentos a simples fórmulas sintéticas e abstratas?

É um erro compor o livro de leitura – o livro único – segundo o molde das enciclopédias. Infelizmente, esse erro se tem repetido em diversas produções destinadas ao ensino e constituídas por verdadeiros amontoados didáticos, sem unidade e sem nexos, através de cujas páginas insípidas se desorienta e perde a inteligência da criança: regras de gramática misturadas com regras de bem viver e regras de aritmética, noções de geografia e apontamentos de zootecnia, descrições botânicas e quadros históricos, formando um todo disparatado, sem plano, sem pensamento diretor, que sirvam de harmonia e base geral para a universalidade dos conhecimentos que a escola deve ministrar. Como fonte de conhecimentos, a verdadeira enciclopédia do aluno é o professor. *É ele quem ensina*, é ele quem principalmente deve levar a criança a aprender por si mesma, isto é: a pôr em contribuição todas as suas energias e capacidades naturais, de modo a adquirir os conhecimentos mediante um esforço próprio.

Segundo esse modo de entender o ensino, o nosso livro de leitura oferece bastantes motivos, ensejos, oportunidades, conveniências e assuntos, para que o professor possa dar todas as lições, sugerir todas as noções e desenvolver todos os exercícios escolares, para boa instrução intelectual de seus alunos do curso médio, de acordo com os programas atuais e com quaisquer outros que se organizem com a moderna orientação da pedagogia.

Completaremos esta explicação mostrando como se podem tirar destas páginas ensejos e motivos para diversas lições.

Convém notar, porém, e lealmente o declaramos: se este livro de leitura fosse apenas o desenvolvimento de uma narrativa,



oferecendo motivos para diferentes lições do programa, ele não preencheria devidamente os seus fins, e não chegaria a ser um bom livro de classe. Além de servir de oportunidade para que o professor possa realizar as suas lições, o livro de leitura deve conter em si mesmo uma grande lição. E acreditamos que isso se dá com o nosso trabalho. Estamos certos de que a criança, com sua simples leitura, já lucrará alguma coisa: aprenderá a conhecer um pouco o Brasil; terá uma visão, a um tempo geral e concreta, da vida brasileira – as suas gentes, os seus costumes, as suas paisagens, os seus aspectos distintivos. E por isso escolhemos como cenário principal as terras do São Francisco – o grande rio, essencialmente, unicamente brasileiro.

E também quisemos que este livro seja uma grande lição de energia, em grandes lances de afeto. Suscitar a coragem, harmonizar os esforços, e cultivar a bondade – eis a fórmula da educação humana. Os heróis principais destas simples aventuras, não os apresentamos, está claro, para que sejam imitados em tudo, mas para que sejam amados e admirados no que representam de generoso e nobre os estímulos que os impeliram, nos diversos transe por que passaram. Não se pode influir eficazmente sobre o espírito da criança e captar-lhe a atenção sem lhe falar ao sentimento. Foi por isso que demos ao nosso livro um caráter episódico, um tom dramático – para despertar o interesse do aluno e conquistar-lhe o coração. A Vida é ação, é movimento, é drama. Não devíamos apresentar o Brasil aos nossos pequenos leitores mostrando-lhe aspectos imotos, apagados, mortos.

Preferimos destinar os primeiros capítulos do livro ao desenvolvimento dramático, deixando mais para o fim a sucessão dos cenários; sendo sempre a narração mais cativante para o espírito infantil, a atenção da criança começa desde logo a prender-se à leitura, e passa depois a aceitar facilmente as descrições, e a

seguí-las com interesse; ao passo que, se começássemos amontoando as descrições, cansaríamos inutilmente o ânimo do pequeno leitor.

Justamente porque procuramos apenas um pretexto para apresentar a realidade, preferimos ilustrar este livro somente com fotografias; se há nestas páginas alguma fantasia, ela serve unicamente para harmonizar numa visão geral os aspectos reais da vida brasileira.

Parece-nos ocioso mostrar como, a propósito da leitura de qualquer texto ou página deste livro, se pode dar qualquer lição de português, teórica ou prática. Imagine-se que se trata da primeira página, e que o professor quer ensinar as primeiras noções de morfologia: nada mais fácil do que palavras *variáveis*, distinguindo-as das *invariáveis*: e a observação deste fato – que certas palavras variam de forma, e outras não – levará naturalmente o aluno a compreender que a razão de tais variações é a modificação da ideia correspondente. Desenvolvendo mais a lição, o mestre chegará a ensinar a classificação das palavras, de que a leitura lhe dá copiosos exemplos – substantivos, adjetivos, artigos, pronomes, verbos, advérbios, etc.; e, como fecho, virão os exercícios de vocabulário.

Vejamos a lição de instrução moral. É mister começar o curso fazendo a criança observar a sua situação moral no seio da família – os laços e deveres de afeto que ligam as pessoas de uma mesma família. Diz o livro de leitura na primeira página: “Era a primeira vez que se separava dos filhos depois da morte da mulher...” Aí o professor estudará com a criança as condições dessa família em particular, e as condições de “família” em geral; mostrará as duas acepções em que o termo é usado – para significar o conjunto das pessoas que vivem na mesma casa, sob um mesmo teto e sob a direção moral de um chefe – e o conjunto de todos

os parentes; estudará os deveres recíprocos dos diversos membros de uma família – deveres nascidos de sentimentos naturais, tão intensos, que levam muitas vezes os indivíduos à prática de verdadeiros sacrifícios, como os que os pais fazem comumente pelos filhos – e como os que os dois pequenos heróis deste livro fazem por amor do pai.

Agora, uma lição de história. E preciso principiar explicando de um modo sensível as condições do Brasil antes da colonização. Fala por exemplo o livro de “sertão bruto, onde havia... índios...”. É um excelente pretexto para dizer quem são esses índios, que antigamente aqui viviam sozinhos: os brancos e pretos vieram depois, e com eles veio a colonização. E então o professor apelará para a observação da criança, para que ela note a diferença entre o estado selvagem e as indústrias, instituições, obras e costumes que distinguem a civilização; mostrará que essas instituições e indústrias faltam ainda em grande parte a algumas terras do interior, onde a civilização ainda não penetrou. Essa lição, desenvolvida de forma acessível à mentalidade do aluno, e apelando sempre para o seu próprio raciocínio e para a sua própria observação, há de levá-lo facilmente a fazer uma ideia do que era o Brasil selvagem.

Uma lição de geografia... A primeira lição do programa: terras e mares, acidentes geográficos. No segundo capítulo, o livro fala em *mar*: “o mar ficou lá trás...” – ao passo que o trem avança para o *interior do continente*, entre *montanhas*, *rios* etc. Aproveitando essas indicações, o professor ensinará que a superfície da Terra compreende terras e mares: as linhas de encontro são as costas, baías, penínsulas etc.; depois, é fácil indicar os outros acidentes geográficos: *rios*, *vales*, *ilhas*, *lagos* etc.

Suponhamos agora que é preciso iniciar o ensino de “lições de coisas” – noções de cosmografia e de ciências físicas e naturais, o dia a noite, estados dos corpos, seres vivos e seres inertes

ou mortos... Logo no primeiro capítulo do livro, está: “O sol nascera cercado de nuvens de fogo...”. Essa frase será o pretexto para a primeira lição de cosmografia. A propósito das “bafordas de fumaça da máquina”, virá o estudo dos três estados dos corpos; e, aproveitando os “blocos de pedra”, os “campos” e os “bois”, de que trata o mesmo capítulo, o mestre levará a criança a reconhecer que todos os seres se distribuem em duas categorias, perfeitamente distintas: seres vivos e seres inertes.

Deste modo, sob a sugestão das mesmas páginas, todo o programa pode ser ensinado. Qual a vantagem? É que todo o ensino fica assim harmonizado, como irradiação ou desenvolvimento de uma só leitura; e essa leitura é bastante, a todo o momento, para evocar os conhecimentos adquiridos, que dessa forma se assimilam muito mais fácil e naturalmente.

Neste livro existem e entrelaçam-se, por meio de mútua sugestão, todas as noções que a criança pode e deve receber na escola; e, ao mesmo tempo, a sua leitura representa por si mesma uma visão geral do Brasil, um conhecimento concreto do meio no qual vive e se agita a criança; e deste modo se consegue isto, que é a grande aspiração do ensino primário: que a escola ensine a conhecer a natureza com a qual a criança está em contato, e a vida que ela tem de viver e da qual já participa.

Juntamos ao volume um pequeno léxico, em que damos a significação de alguns termos empregados, dos menos familiares às crianças. Em geral, procuramos dar a estas páginas o tom singelo e a linguagem natural que mais convêm à inteligência infantil; é este um dever rigoroso em trabalho desta natureza; mas seria impossível evitar o emprego de uma ou outra palavra menos trivial. Nem tanto se exige dos livros didáticos; se, em suas leituras escolares, a criança somente encontrar palavras muito conhecidas, como poderá ela desenvolver o seu vocabulário? Nos livros

de classe podem ser empregados termos menos usuais, contanto que estejam dispostos de modo a poder ser facilmente compreendidos com uma ligeira explicação. Essa explicação certamente será sempre dada pelo professor competente e solícito; mas, como é possível que a criança seja tentada a ler o livro fora da classe, longe da vista e do auxílio do professor, o nosso pequeno léxico pode prestar-lhe bons serviços.

*Os autores*



**E**ram dois irmãos – Carlos e Alfredo, o primeiro de quinze anos de idade, e o segundo cinco anos mais moço. Não tinham mãe. Havia dois anos que a tinham perdido. Estavam ambos em um colégio, no Recife. O pai, que era engenheiro, fora obrigado a deixá-los aí, a fim de trabalhar na construção de uma estrada de ferro, no interior do estado. Era a primeira vez que se separava dos filhos, depois da morte da mulher; sempre fora muito carinhoso e meigo; principalmente depois de enviuvado, tornara-se de uma bondade excessiva, como querendo compensar com um redobramento de ternura a falta dos cuidados maternos de que via os filhos privados. Era simples e afetuoso, preferindo ser atendido e amado a ser obedecido e temido. Não castigava nunca os filhos: era para eles um amigo, um camarada, um companheiro.

A separação foi para os três um golpe doloroso. Mas não era possível evitá-la: e o engenheiro, no momento de partir, abraçando os dois rapazes, fez-lhes esta recomendação: “Vocês devem ser sempre muito amigos, muito unidos, tendo um só coração e uma só vontade. Não temos parentes por aqui. Todos os nossos parentes vivem longe, no Rio Grande do Sul. Se seu morresse, ficaríamos vocês desamparados; e, se não fossem muito amigos e muito unidos, a desgraça seria terrível...”

Havia já dois meses que o pai partira. Carlos e Alfredo, no colégio, estudavam, e tinham um pelo outro uma amizade que

nenhuma divergência alterava. O que era de um era do outro; o que um pensava, também o outro pensava. Não havia entre eles segredos, nem desconfianças, nem brigas. Ligados pelos laços de sangue, eram ainda mais ligados pelos laços do afeto. Compreendiam a responsabilidade da sua condição, e esperavam com confiança um futuro melhor.

Em certa manhã de domingo, quando iam sair a passeio, receberam um telegrama. O pai estava doente. Doente “sem gravidade” – dizia o telegrama. Os dois meninos, porém, num sobressalto, imaginaram logo uma desgraça: “O pai estava tão longe, num lugar quase deserto, num sertão bruto, onde ainda havia, talvez, índios ferozes – e estava entre estranhos, sem um amigo!... Que moléstia seria a sua? E se o seu estado se agravasse – se ele morresse, assim, sozinho, abandonado, sem ter o consolo de poder dar a última bênção aos filhos?”

Carlos, o mais velho, disse logo, com os olhos rasos de água.

– Sabes, Alfredo, não me resigno a esta incerteza! Vou para junto de papai... E vou já! Nem previno o diretor do colégio, porque receio que não me deixe partir. Tenho ainda algum dinheiro do que papai nos deixou; vou vender o relógio, e sempre hei de poder pagar a viagem.

– Também eu quero ir! – exclamou Alfredo – leva-me contigo!

– Mas tu és pequeno, a viagem é longa, o dinheiro é pouco...

– Venderei também o meu relógio...

Carlos não teve a coragem necessária para se opor à vontade do irmão. Foram logo dali preparar a jornada, que era penosa – um dia em caminho de ferro, e ainda muitas léguas a cavalo.

O trem só partia no dia seguinte, às seis horas e meia da manhã. Para economizar o pouco dinheiro que possuíam, os meninos nada compraram; e, não querendo voltar ao colégio, onde receavam a oposição do diretor, resolveram não dormir. Foram até Afogados, onde tinham uma família conhecida, com a qual



jantaram, depois vagaram longamente pelas ruas da cidade, cansados, pensando no pai. Alta noite, dirigiram-se para os lados da estação, e ficaram por lá, à espera da madrugada, encostados às portas, lutando com o sono. Às vezes, Carlos sentava-se, encostava a cabeça do irmão nos joelhos. Mas lá vinha um vulto – um soldado ou um transeunte –, e os dois assustavam-se, temendo ser presos e reconduzidos ao colégio. Levantavam-se e continuavam a sua triste peregrinação.

Assim passaram a noite. Ansiosos pelo dia. Tinham vendido os relógios, e não podiam saber a hora. De instante a instante, Carlos levantava a cabeça e olhava o céu, para ver a altura do Cruzeiro do Sul, ou para verificar se a estrela d'alva já aparecia.

Por fim, depois de uma longa espera torturante, viram o céu tingir-se de um ligeiro rubor. Começaram a animar-se as ruas. Passaram as primeiras carroças, levando pão, carne e verduras para a cidade.

Amanheceu.

---

## II

### NA ESTRADA DE FERRO

**A**s seis e meia, partiu o trem – e lá se foram os dois, num carro de segunda classe, muito juntos – e abatidos, não só pela aflição que levavam consigo, como pela fadiga daquela noite de vigília.

Era uma linda manhã de setembro, fresca e radiante. Alfredo, que ia junto à janela, começou a olhar a paisagem, e entrou em breve, com a sua curiosidade de criança, já um pouco esquecido do desgosto que o oprimia, a interessar-se por aquele espetáculo que nunca vira. Nunca viajara em estrada de ferro, e tudo aquilo era novo para os seus olhos e para a sua inteligência. Mudo e pasmado de admiração, contemplava o sol que nascera de nuvens de fogo, e o céu azul, e as árvores orvalhadas, e os imensos campos aqui e ali cobertos de neblina.

– Oh! Carlos! que beleza! mas só vejo campos e matas... Onde está o mar?

– O mar ficou lá atrás – respondeu o irmão –, nós nos vamos afastando dele.

– E que é aquilo ao longe, àquela altura?

– É uma serra.

Alfredo não se cansava de contemplar a montanha, que apenas vagamente se desenhava ao longe, com uma cor verde, quase azul esfumada.

O trem ia devagar, subindo uma rampa. Uma volta, o pequeno olhou para a frente, e viu a locomotiva que ia bufando, num esforço, expelindo pela chaminé grossas baforadas de uma fumaça muito branca, listada de faixas mais escuras.

Pobre Alfredo! estava embebedado nessa contemplação, quando sentiu dentro de um dos olhos um argueiro, um pedacinho de carvão da máquina. Com a dor, o pequeno fechou os olhos e correu para o irmão, que estava em um dos outros bancos do carro; mas, infeliz, pisou, em cheio sobre um embrulho que estava no chão. Era a matalotagem de um passageiro que dormia. Com o ruído, o homem acordou, e, vendo o embrulho machucado, levantou-se furioso contra o menino. Alfredo desculpou-se; mas o bruto a nada atendia, nem às explicações de Carlos, que, vindo em socorro do irmão, mostrava a causa de sua queda. O pequeno, de fato, tinha um dos olhos vermelho e lacrimejante... Em vão! o homem esbravejava, e dispunha-se a espancar os meninos, quando um outro passageiro interveio:

– Hem! bater nesses dois pirralhos?! Você não se envergonha de dizer tal coisa, homem? Você, um homem forte, a fazer-se de valente para duas crianças!

A esse protesto juntaram-se logo os dos outros viajantes – e o malcriado, corrido de vergonha, foi outra vez encafuar-se no seu canto.

O interessante foi que, com o episódio da alteração, Alfredo esqueceu o argueiro, e, quando pensou nele, já não o sentiu.

O trem parou. Era hora do almoço. Enquanto os viajantes saíam, e iam ao restaurante da estação, Caros desembalou dois pedaços de pão, com uma fatia de carne cada um, que comprara antes de tomar o trem.

Alfredo, sempre curioso, enquanto mordida o pão e a carne não tirava os olhos da casinhola da estação, do movimento da gente, da montanha que já aparecia mais perto, dos grandes blocos de

pedra que se amontoavam à margem da estrada, do carvão que os carregadores levavam para a máquina. Mais longe, estendiam-se vales cobertos de matos e campos imensos e ondedados, tapetados de um curto capim verde-amarelo. E Alfredo admirava os bois que pastavam, fartando-se no capim, e com os grossos cachaços reluzindo ao sol.

Soou o apito, e o trem pôs-se de novo em movimento.

**D**e espaço a espaço, o trem diminuía a marcha, e parava numa estação, onde ficava durante alguns minutos. Havia uma lufa-lufa de passageiros que entravam e saíam, despedidas ruidosas entre os que ficavam e os que partiam; carregavam-se e descarregavam-se bagagens; e o comboio seguia de novo, correndo pelo leito da estrada, entre barrancos e matos verdes.

Ao meio-dia, chegou o trem a Palmares. Aí houve baldeação: os viajantes passaram-se todos para os carros de uma outra estrada de ferro, e a viagem continuou. Agora ia a linha beirando um rio. Da janela do trem, Alfredo via-o e admirava-o. Em certos pontos, as águas muito claras, batidas de sol, corriam encachoeiradas, entre pedras, burburinhando e espumando; além, fluíam mansamente, e o leito do rio alargava-se, formando pequenas enseadas; e, de espaço em espaço, via-se uma ilha coberta de verdura, ou uma ilhota seca, de pedra, onde a água batia raivosa. Aqui, as margens eram altas, cobertas de árvores frondosas; e Alfredo, de cima, via o rio lá embaixo, negro e fundo, formando um abismo temeroso. Mais adiante, as ribas tornavam-se baixas, e estendiam-se em frescas vargens cobertas de capim e de junco.

Carlos, absorvido na sua ideia fixa, a moléstia do pai, ia calado e pensativo, com a fronte enrugada, sem olhar os aspectos da natureza; mas Alfredo não se fartava de gozar o espetáculo. Em certa altura, o trem passou junto, quase rente de um velho casarão em

ruínas, com um alpendre na frente e as paredes velhas, esburacadas e negras, quase caindo.

– Que é isto, Carlos? – perguntou o pequeno.

– Deve ser um engenho...

– E por que está assim tão feio?

– Porque é muito velho.

– E deve ser realmente muito velho! – disse Alfredo. – Esta casa deve ter mais de mil anos!

– Que mil anos!? – Exclamou Carlos, rindo.

– Não tem?

– Está claro que não! não há casa no Brasil que tenha mil anos! pois se há pouco mais de quatrocentos anos que o Brasil foi descoberto...

– Ah! sim! não me lembrava!

Nesse momento, reinou repentinamente a escuridão dentro do carro. Tudo ficou inteiramente negro. Com um rumor muito mais forte, a máquina ofegava na treva. Alfredo, assombrado, agarrou-se ao braço do irmão:

– Não é nada! – disse-lhe este. – Estamos atravessando um túnel; sairemos já, não te assustes!

De fato, instantes depois, o trem libertava-se da escuridão; e a luz do dia irradiou outra vez, iluminando a paisagem. Dentro do carro, a atmosfera estava quase irrespirável, carregada de fumaça espessa. Uma pobre preta africana, já muito velha, sentada a um canto do carro, gemia e arfava sufocada. Carlos correu para ela, e abriu a portinhola para que ela respirasse um pouco de ar fresco e puro. A velha contemplou-o com carinho, agradeceu-lhe o serviço, e instintivamente, num impulso de gratidão, estendeu-lhe umas das mãos, com um punhado de amendoins torrados. Carlos não aceitou o presente, mas Alfredo, com um grito, de alegria, deu-se pressa em recebê-lo.

– É seu irmão, ioiô? – perguntou a preta.

– É!

– Para onde vão?

– Para Garanhuns.

– Ah! É a minha terra! Ainda falta muito.

Carlos e a velha começaram a conversar. O menino, sempre pensando no pai, aproveitou o ensejo, que se lhe oferecia, de obter algumas informações. Mas a preta velha pouco sabia. Sabia apenas que tinham aparecido na cidade uns engenheiros; mas já não estavam lá: andavam pelos matos, construindo uma estrada, a muitas léguas de distância, no sertão bravo. Para chegar lá, seria preciso alugar animais fortes, que pudessem resistir à caminhada. Carlos, ouvindo as explicações da velha, pensava tristemente que só lhe restavam cinco mil-réis... Era todo o dinheiro que possuía! Como havia de fazer, com tão pouco dinheiro, tão longa viagem?

A preta falava, sem interrupção, numa tagarelice infundável, contando a história daqueles lugares, e daquelas gentes... Vira nascer quase todo o povo que ali vivia... Mas Carlos não escutava o que ela lhe dizia. Olhava com tristeza o irmãozinho, que já devia sentir fome. Como o alimentaria? Como o levaria consigo, por aqueles matos afora? E onde iriam dormir, quando chegassem a Garanhuns?... Pensando nisso, quase desanimava: mas o desejo de ver o pai era tão vivo que lhe restituía a coragem.

A africana continuava a falar: de vez em quando, metia a mão num pequeno saco e dava a Alfredo um punhado de amendoins torrados. A tarde caiu. O crepúsculo entristeceu o céu. Eram seis e meia.

O trem parou na estação de Garanhuns.

**N**a estação da modesta cidade, Carlos e Alfredo ficaram parados por algum tempo, sem saber o que deviam fazer... Foram depois andando, ao acaso, pelas ruas quase desertas, adormecidas, em silêncio, mal iluminadas, marginadas de casinhas pobres e baixas. Àquela hora, quase ninguém estava fora de casa; apenas alguns animais pastavam livremente, catando a erva que crescia entre as pedras. Carlos voltava-se, ansioso, para um e outro lado, procurando ver alguém, a quem pudesse perguntar onde era o escritório da Estrada de Ferro de Águas Belas. Enfim, à porta de uma casa, viu um velho, que lhe deu a informação desejada. Não era longe o escritório. Os dois meninos, reanimados, estugaram o passo; o mais velho ia cheio de esperança, arquitetando planos risonhos: ia saber notícias do pai – e era quase certo que lhes dariam pousada, por aquela noite, quando soubessem que eram filhos do engenheiro. Mas quando, ao chegar à casa indicada, viu fechada a porta, sentiu frio no coração. Bateu, tornou a bater... Em vão. Por fim, um vizinho, abrindo a janela, indagou a causa do rumor.

– Não é aqui o escritório da Estrada?

– É. Mas aí ninguém dorme.

– E não me sabe dizer onde mora o engenheiro-chefe?

O homem deu indicações minuciosas – e os dois seguiram. Mas, na casa do engenheiro-chefe, esperava-os nova decepção.



Um criado, espanhol, disse-lhes que o patrão não estava: tinha partido, na véspera, para uma viagem. O pobre Carlos, cansado, enfraquecido, tonto de sono, ficou atônito e trêmulo, no meio da rua, no silêncio e na treva, sem uma ideia. Que fazer? Que havia de ser deles – e, principalmente, do irmãozinho, tão criança, sem ter o que comer nem onde dormir? Lembrou-se de procurar um hotel: mas, se gastasse o pouco dinheiro que tinha, como poderia alugar os animais? – Pensava tristemente nisso, quando deu pela falta do irmão. Procurou-o por todos os lados, aflito, e ia gritar, chamar por ele, quando o viu sair, correndo de dentro de uma padaria. Trazia dois pães...

– Onde achaste esses pães? – Perguntou Carlos.

– Quando passávamos pela padaria lembrei-me que guardara cem réis, e comprei o nosso jantar. Toma um pão.

– Não! Guarda-o para ti, amanhã...

– Amanhã ainda está longe... E como queres que o guarde para mim, quando sei que também tens fome?

Andaram um pouco mais, comendo os pães; Carlos ia com a morte na alma, vendo que o irmão tropeçava nas pedras do caminho, já extenuado. Pararam no extremo da rua em que estavam. Já ali rareavam as casas. Viram um casebre humilde, fechado, com uma larga cobertura baixa, de sapé. Acolheram-se a esse abrigo providencial, aconchegaram-se, e adormeceram logo.

Rompia a manhã, quando Carlos ouviu que o chamavam:

– Ioiô! Ioiô!... Coitadinhos!

Era a velha preta, que já haviam encontrado no trem:

– Por que não bateram à porta? Vamos, vamos para dentro! Coitado do outro! Como está encolhidinho!

A boa velha levou-os para o interior do casebre. Era uma choupana rústica, mas asseada, com paredes de barro preto, e chão duro, batido de torrões. A um canto o fogão, no centro uma mesa de madeira tosca; alguns bancos de pau, e o catre, em que dormia a dona da casa, completavam a mobília. A velha trouxe-lhes logo

um grande pedaço de cuscuz, e um mingau saboroso, espécie de papa mole, feita de milho azedo. Os dois rapazes comeram, com vivo prazer, aquelas boas coisas, que lhes parecia terem caído do céu. O pequeno Alfredo, fazendo honra ao banquete, não deixava de olhar toda a casa, examinando tudo, a mobília, as cordas onde secava a roupa, e os “registros” de santos pregados às paredes. Mas, o que mais lhe prendia a atenção era o quintal, entrevisto através da porta do fundo. Assim que acabou de comer, correu para lá. De um lado ficava uma pequena horta, onde, em canteiros bem tratados, se alinhavam as couves, os quiabos, as ervilhas; do outro lado ficava o cercado da criação: havia galinhas, patos, perus, um porco, e uma cabrita. Tudo aquilo revelava um cuidado constante; tudo estava limpo e varrido; e, contra o muro, enfileiravam-se as enxadas, os regadores, as vassouras, as foices... Foi Carlos quem foi arrancar o irmão dali. O dia ia alto, e era tempo de seguir viagem.

Abraçaram a boa preta, agradecendo-lhe a hospitalidade generosa. Alfredo ainda levou um grande embrulho com amendoins torrados – último presente da caridosa africana. Seguiram, a caminho do escritório. Mas, antes de lá chegarem, houve um episódio que os interessou. Caíram no meio de uma compacta multidão, que cercava dois homens em luta. Eram dois do povo, engalfinhados, rolando no pó, esmurrando-se. Ouviram apitos, e apareceram soldados. Alfredo, atordoado, deixou cair no chão o saco dos amendoins, e pôs-se a tremer.

– Não te assustes! Que é isso?! – disse-lhe o irmão.

– Não nos vão eles prender, Carlos!

– Estás louco? Pois não vês que eles não têm o direito de prender-nos?... Pois, se nada fizemos... Deixa-te de tolices, e vamo-nos embora!

– Mas porque foi que prenderam aqueles homens?

– Porque estavam brigando, e podiam matar-se ou ferir-se.

– E quem os mandou prender?

– As autoridades, naturalmente...

Quando chegaram ao escritório da Estrada de Ferro de Águas Belas, Carlos e Alfredo encontraram um moço, engenheiro e desenhista, que substituíra o engenheiro em viagem. Chamava-se Cunha, era amigo do pai dos dois rapazes, e recebeu-os com amizade e carinho.

– É bem exata, infelizmente – disse ele a Carlos –, a notícia que receberam. Seu pai, o Dr. Meneses, está doente. Fui eu mesmo quem lhes passou o telegrama... Está doente, e bem longe daqui: se não fosse isso, já eu teria ido visitá-lo, e teria vindo com ele para Garanhuns, onde há mais conforto. Mas como posso ir até Boa Vista, à margem do Rio São Francisco, quarenta léguas acima do extremo da Estrada de Ferro de Piranhas?

– Tão longe assim? – Perguntou Carlos, com espanto e mágoa.

– Sim. O chefe do serviço quis mandar a Boa Vista uma pessoa de confiança, e seu pai foi o escolhido. Assim que chegou, adoeceu. Comunicaram-nos logo a notícia, por carta: e, como poderia tratar-se de coisa grave, não hesitei em passar-lhes o telegrama que receberam.

– Bem! – disse Carlos, depois de um segundo de reflexão – iremos a Boa Vista!

– E seu irmãozinho?

– Eu também irei! – Exclamou Alfredo.

– Impossível, meu filho! – Objetou, compadecido, o engenheiro. – A viagem é longa e penosa. É preciso viajar vinte e cinco léguas a cavalo até Piranhas, seguir por estrada de ferro até Jatobá, e daí subir, em canoa, quarenta léguas até Boa Vista. Essa não é viagem para uma criança.

– Seja como for, quero ir! – Teimou o menino, já com os olhos cheios de água.

O Dr. Cunha compreendeu que nada conseguiria insistindo. Foi logo dar as providências para a viagem: arranjou dois cavalos mansos, contratou, para acompanhar os dois viajantes, um homem conhecedor dos caminhos, e entregou ao mais velho dos irmãos o dinheiro necessário para as passagens e as despesas miúdas. Deu-lhes além disso uma carta de apresentação para o major Antônio Bento, que em Jatobá lhes forneceria os meios de subirem o rio em canoas.

Eram duas horas da tarde quando a pequena caravana partiu de Garanhuns. A princípio, tudo correu bem. O guia era falador, e tagarelava sem cessar, respondendo às perguntas dos meninos. A tarde era linda e fresca. Alfredo divertia-se extraordinariamente com aquele modo, para ele novo, de viajar: deliciava-se com o balanço do andar do animal, e ia encantado, fazendo perguntas sobre perguntas. O próprio Carlos parecia menos triste, menos preocupado com a doença do pai... Mas, depois de duas horas de viagem Alfredo começou a sentir-se fatigado: doíam-lhe as costas e as pernas; voltava-se, ora para um, ora para outro lado, procurando uma posição mais cômoda. Carlos compreendeu o seu sofrimento, e tentou distraí-lo:

– Sabes para onde vamos?

– Não. Para onde? – Perguntou o pequeno, já com os olhos acesos de curiosidade.

– Vamos para o Estado de Alagoas, e na direção do Estado da Bahia. Não te lembras da capital da Bahia, por onde passamos há

cinco anos? É a cidade mais velha do Brasil. Foi na Bahia que viveu o Caramuru.

– Que Caramuru?

– Caramuru – começou Carlos a narrar – foi o nome que os índios deram a um certo Diogo Álvares, português, que naufragou na Bahia ali por volta de 1510. Aprisionado pelos índios, Diogo Álvares ia ser por eles comido...

– Comido?

– Sim. Os selvagens do Brasil eram antropófagos, isto é: comiam os seus prisioneiros. Diogo Álvares ia ser comido, quando teve a feliz ideia de fazer fogo, com a espingarda que trazia, sobre um pássaro. Ouvindo o estrondo da arma, que não conheciam, vendo o pássaro cair fulminado, e atribuindo tudo isso ao poder sobre-humano, os índios prostraram-se por terra, e adoraram o náufrago português, a quem deram o nome de Caramuru.

– Mas, que quer dizer essa palavra?

– Dizem uns que, na língua selvagem, *Caramuru* queria dizer “senhor do raio”, “Filho do trovão”; e dizem outros que com esse nome designavam os indígenas uma espécie de peixe elétrico, uma enguia, cujo contato fazia estremecer a mão que a tocava. Seja como for, Diogo Álvares salvou-se, e viveu muito tempo entre os índios, casando-se com uma rapariga da tribo, Paraguaçu, que, depois de batizada, recebeu o nome cristão de Catarina. Quando, em 1534, Martim Afonso chegou à Bahia, ainda encontrou Caramuru, que teve muitos filhos, e prestou grandes serviços à colonização do Norte do Brasil.

– Que história interessante! – Exclamou Alfredo.

– Houve também um português que naufragou mais para o sul, em 1512, em São Vicente, onde é hoje a cidade de Santos, no Estado de São Paulo. Também esse, que se chamava João Ramalho, escapou de ser devorado pelos índios e chegou a dominá-los de tal modo que com eles viveu até idade avançada, constituindo

família e sendo encarregado mais tarde, por Martim Afonso, do governo da colônia ou vila militar de Piratininga, que foi a origem da atual cidade de São Paulo.

– Mas parece impossível que os índios pudessem comer carne humana! Que coisa horrível, Carlos!

– Ah! A vida dos selvagens era muito diferente da nossa, em tudo...

– Como viviam eles? – perguntou o pequeno, cada vez mais interessado.

Carlos não quis deixar de continuar a distraí-lo; e, enquanto os animais trotavam, falou deste modo:

— **O**s primitivos habitantes do Brasil formavam muitas tribos, disseminadas pelo interior e pelo litoral do país, e estando quase sempre em guerra umas contra as outras. Viviam da caça e da pesca. Caçavam, às flechadas, os porcos-do-mato, as pacas, e as aves; para pescar, empregavam suas flechas certeiras ou usavam umas redes pequenas a que davam o nome de puçás, e uma espécie de cesto afunilado, chamado giqui. Enquanto os homens andavam pescando, caçando ou guerreando, as mulheres ficavam nas casas, fabricando uma bebida forte, denominada cauim, tratando das sementeiras e das plantações, e preparando a farinha, que era um dos principais alimentos dos selvagens.

— E tinham casas, como as que temos? — perguntou o pequeno.

— Tinha casas que não eram tão bem-feitas como as nossas, mas serviam perfeitamente para abrigá-los. As aldeias dos índios chamavam-se tabas, e compunham-se de várias ocas, ou barracas feitas de paus e barro, sem divisões interiores, e tendo apenas esteios, onde se penduravam as redes. Em torno da taba, levantavam uma paliçada, feita de troncos ou de espiques de palmeira, servindo de defesa.

— E andavam vestidos como nós?

— Qual! Andavam nus, apenas com alguns ornatos feitos de penas. Na cabeça tinham comumente uma espécie de diadema, acanguape; em torno dos rins, traziam uma tanga, enduape; e

usavam ainda colares e pulseiras, algumas vezes formados por enfiadas dos dentes que arrancavam da boca dos inimigos mortos na guerra. Homens e mulheres costumavam untar todo o corpo com uma tinta oleosa, que extraíam de certas plantas. Alguns usavam furar os beiços, as narinas, as orelhas, encaixando nos furos pequenos batoques de madeira.

– E como eram as guerras?

– Ah! Eram terríveis! Eram verdadeiras guerras de extermínio. Algumas tribos odiavam-se tenazmente, com um rancor que só desaparecia quando uma delas era totalmente destruída pela outra. Os prisioneiros eram comidos ou escravizados. As armas eram variadas. Havia os grandes arcos, por meio dos quais atiravam as longas flechas, cuja ponta formada por ossos ou dentes afiados era algumas vezes envenenada; havia as grandes lanças de pau-ferro, que eram arremessadas com uma certeza de pontaria admirável; havia as tamaranas ou tangapemas, que eram pesadas clavas, ou maçãs de madeira; e havia as esgravatanas, tubos ocos, com os quais, por meio do sopro, atiravam-se setas finas a grandes distâncias. Essas armas eram todas fabricadas pelos selvagens, cuja indústria relativamente adiantada ainda se revelava no fabrico de vários utensílios domésticos, como cestos, redes de pesca, vasilhas para cozer mandioca, e talhas ou içaçabas, que serviam para guardar a água, o cauim, a farinha, o peixe moído, e dentro das quais algumas tribos enterravam os seus mortos. Como instrumentos de música, tinham os índios trombetas, das quais a mais usada era a inúbia ou buzina de guerra; o membi, que era uma gaita feita com um osso de coxa humana, um fêmur escavado; e o *maracá*, espécie de chocalho, constituído por uma cabeça cheia de pequenos ossos e pedras.

Alfredo ouvia com grande atenção o que o irmão lhe dizia. Mas não lhe saía da cabeça, particularmente, a ideia horrível dos banquetes de carne humana...



– Que barbaridade! E ainda há muitos índios no Brasil?

– Há ainda alguns, no interior do Amazonas, do Pará, de Mato Grosso, de Goiás, Espírito Santo, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Maranhão, conservando a sua vida independente e os seus costumes ferozes. Mas, perto das povoações, já todos eles se vão convertendo à vida civilizada...

– Patrãozinho! – disse neste ponto o camarada – acho melhor arrancharmos neste lugar.

Os três viajantes tinham chegado ao pé de um córrego. Apeararam-se e amarraram as rédeas dos cavalos às árvores. Havia mosquitos, voando e zumbindo. Benvindo, o camarada, para afugentá-los, juntou uns gravetos no chão, deitou-lhes fogo, com o auxílio de um fósforo; abanou com o chapéu a pequena fogueira; e, daí a pouco, as chamas crepitaram, vivas e alegres. Sentaram-se e começaram a jantar.

**C**omeram calmamente. O farnel, fornecido pelo sub-chefe, continha uma excelente galinha assada, um pedaço de rosbife e pão. O camarada Benvindo trazia uma boa porção de carne seca, que os dois rapazes também quiseram provar, com aquele valente apetite que lhes haviam dado o movimento e o ar do campo. Estavam do lado da estrada, à sombra de uma grande árvore, cuja copa de folhagens abundantes os raios do sol não conseguiam atravessar. O chão era batido – liso e limpo como o de uma casa. Via-se bem que aquele lugar era um ponto habitualmente escolhido para repouso pelos viajantes que por ali jornadeavam. Um pouco adiante, corria o riacho, atravessando o caminho. Ouvia-se bem o leve rumor das águas deslizando entre as pedras. E só esse rumor e o de alguma folha que caía perturbavam o silêncio do sítio quieto, a essa hora de calor ainda forte.

Alfredo, quando acabou de comer, correu para o riacho, e foi mergulhando as mãos na água, para lavá-las. Mas exclamou logo, ingenuamente:

– Oh! Sujei a água!... Como havemos de beber?

– Ora, patrãozinho! Não vê que a água está correndo sempre? – disse rindo o camarada. – A água suja vai embora, e a que vem está sempre limpa!

O pequeno riu da sua própria tolice; mas, nisto, ouviu-se o toque, ainda afastado e fraco, de uma campainha. Alfredo dirigiu

o olhar para todos os lados, e, não compreendendo que som era aquele, voltou-se para o camarada, que estava arreando os animais.

Benvindo era um caboclo reforçado, moço ainda – peito largo, pescoço musculoso, olhos negros e vivos, cabelos luzentes e anelados caindo sobre a testa. Tinha as mangas da camisa e as calças arregaçadas, e viam-se lhe, ao sol, os braços e as pernas de músculos grossos e tendões rijos e salientes. Era um belo exemplar do robusto sertanejo nortista. A presteza com que arreava os animais, e a força de que dava prova, apertando as correias, atestavam uma longa prática daquele serviço.

– Que toque é esse de campainha, seu Benvindo?

– Com certeza é alguma tropa que vem da vila, patrãozinho. Não tarda a aparecer... Olhe! Aí vem ela!

Alfredo voltou-se, e viu na estrada, do outro lado do riacho, um séquito de burros, uns atrás dos outros, em fila. O da frente trazia uma campainha no pescoço: todos os outros o seguiam docilmente, guardando a mesma distância entre si. Vinham carregados de couros; cada um trazia dois rolos enormes, um de cada lado da cangalha; era tão pesada a carga que os animais tinham o lombo derreado, e caminhavam devagar, como apalpando o solo com as patas. Atrás, no coice da tropa, vinham dois homens a pé, e um menino a cavalo.

Os burros, assim que chegaram ao riacho, correram todos para a água, sequiosos. Como eram muitos, sujaram logo a água com as patas. E Alfredo notou, com interesse, que todos, ao mesmo tempo, voltavam a cabeça para o lado de cima, à procura do líquido que vinha limpo:

– Também eles sabem que a água, que corre, vem sempre limpa... – disse consigo mesmo o pequeno sorrindo.

Mas o Benvindo, tendo reconhecido os dois tropeiros, exclamava:

– Oh! José! Oh! Justino! Vocês de onde vêm? Como vão vocês?

– Oh! Benvindo! Por aqui?... Nós viemos de Água Branca. E você está bom? Como está a velha?

– Boa. Vocês passaram pelo arraial?

– Passamos. E você para onde vai?...

– Vou levar estes moços a Piranhas, e queria saber se o Capitão Paulo está no “sítio”...

– Acho que está! – disse o mais velho dos dois tropeiros.. – Quando passamos por lá, estava na varanda uma pessoa: pareceu-me que era ele...

Aparearam-se o José e o Justino, e começaram a conversar com Benvindo. Eram amigos do camarada, conhecidos antigos, e davam mostras de estimá-lo muito. O mais velho, de face escura, quase preta, era mais forte do que o outro, caboclo como Benvindo. Ambos tinham fisionomia simpática, e trataram com carinho os irmãos que se dirigiam a Piranhas, desejando-lhes boa viagem.

– E quem é esse menino que vai com vocês? – perguntou Benvindo.

– É meu mano – respondeu o Justino –, vou levá-lo para a cidade; já está com os seus oito anos e vai estudar na escola.

A conversa não esfriava. Mas Carlos, vendo que se estava fazendo tarde, chamou a atenção de Benvindo, que se despediu dos amigos, pedindo-lhes que dessem lembranças à sua velha mãe, em Garanhuns.

Montaram, e puseram-se a caminho. Eram cinco horas da tarde. O ar ia refrescando; o sol era menos vivo, e podia-se olhar livremente para todos os lados, sem ser preciso levar a mão aos olhos para abrigá-los do ardor solar...

**A** essa hora, já a viagem era mais agradável. Corria uma viração suave. Animavam-se os campos; e viam-se, de quando em quando, ao longo do caminho, rebanhos pastando. A cada instante, da relva que atapetava a senda, ou das árvores que a bordavam, voava um pássaro, espantado com a aproximação dos animais.

Agora, os viajantes, depois de subir uma pequena ladeira, chegaram a um tabuleiro alto, plano, extenso, por onde a estrada se estendia quase em linha reta. A subida fora por um terreno áspero, avermelhado, semeado de pedrinhas brancas, alisadas e redondas, como as que forram o leito dos rios. De distância em distância, via-se uma moita mais elevada, um capão de mato, algumas árvores secas: tudo mais era capim rasteiro, enfezado, de folhas duras e peludas. Os animais marchavam num passo seguro e igual; e o bater das suas ferraduras no chão duro produzia um ruído cadenciado.

Iam calados os três viajantes. Benvindo esticava o pescoço, e olhava para a frente, como quem quer descobrir alguma coisa. Alfredo, entretido, contemplava o campo, e o céu coberto de nuvens vermelhas. Carlos, pensando sempre na moléstia do pai, ia concentrado e apreensivo.

Foi o camarada quem, de repente, rompeu o silêncio:

– Estamos perto!

O sol acabava de desaparecer no horizonte. Os viajantes acharam-se defronte de uma cancela ou porteira de bater. Benvindo adiantou o animal, abriu-a e ficou a segurá-la, enquanto os dois irmãos passavam.

– Estamos no pasto do Capitão Paulo – disse ele. – Ali, naquela casa, é que vamos pousar.

A casa ficava a uns trezentos metros de distância, bem visível, ao fundo do terreno chato.

Logo ao entrar, Alfredo assustou-se, e não pôde disfarçar o susto. O terreno estava cheio de bois, uns deitados, outros de pé, ruminando. Mas os animais ficaram como estavam, limitando-se a acompanhar os recém-chegados com os seus grandes olhos pensativos e mansos. Dez minutos depois, os três viajantes batiam à porta da casa. Era um casarão de aspecto feio, largo e baixo, com um telheiro ao lado, e um copiar na frente. Apareceu uma criada, que, reconhecendo Benvindo, foi logo chamar o dono da casa, que se não demorou – um homem de fisionomia franca e agradável, apesar da sua aparente severidade, e ainda robusto, apesar dos cinquenta e tantos anos que devia ter. Entrou, dando as boas noites e, olhando Carlos, pareceu logo reconhecê-lo. O rapaz, por sua vez, assim que o viu, exclamou:

– Oh! Senhor Silveira! O senhor não é pai do Ramiro e do Afonso?

– Sim, sim... Agora reconheço que já o vi no Recife... O senhor não é um mocinho que o Ramiro me apresentou, em março, quando estive no colégio?

– Sou eu mesmo. Sou muito amigo do Ramiro.

– E é seu irmão, este? E que é que fazem por aqui?

Carlos contou-lhe então toda a dolorosa história da sua viagem. Mas antes que ele acabasse, já o Capitão Paulo da Silveira tinha mandado recolher os animais, e dera todas as providências para

que os rapazes e o camarada fossem bem hospedados. Mostrando uma verdadeira solicitude, um grande interesse, chamou a mulher, e a filha já moça, e apresentou-lhes os rapazes:

– São colegas e amigos dos meninos... Vocês hão de ter fome, vamos comer alguma coisa!

Por mais que alegassem falta de apetite, Carlos e Alfredo tiveram de sentar-se à mesa farta, onde ficaram conversando. A mulher do capitão, assim que soube que eles não traziam bagagem, e vinham sem outra qualquer roupa além da que vestiam, foi procurar, entre os vestuários dos filhos, alguns que lhes pudessem servir. Felizmente, Ramiro e Afonso eram quase da mesma idade de Carlos e Alfredo: de maneira que cada um destes recebeu duas mudas de roupa.

O aspecto sério e tristonho de Carlos inquietava o capitão, que começou a conversar com ele, como se conversasse com um homem feito – impressionado pelo seu bom senso e pelas suas maneiras polidas. Pedia-lhe notícias dos filhos, informava-se sobre o seu adiantamento e sobre o seu proceder. Ficava satisfeito com as novas que Carlos lhe dava; via-se bem que tanto ele como a mulher estavam cheios de saudade dos pequenos. Enquanto conversavam os dois, Alfredo, que nunca até então se metera em cavalarias altas de viagem, já cabeceava, tomado de fadiga e sono. Mas, de repente, estremeceu, e espertou, ouvindo o som de uma viola, e logo depois o ruído de um pandeiro e vozes que cantavam.

– Que é isto? Onde é?

– É algum samba que o Benvindo já está arranjando lá em-baixo! – disse o capitão. – O Benvindo morre por um samba... Querem ver? Vamos até lá. Eu confesso que não gosto muito disso, porque é brincadeira que às vezes acaba em barulho... Ainda há pouco tempo, teve de vir aqui um delegado da Limeira, para fazer o corpo de delito num rapaz que saiu ferido do samba... Mas, coitados! É o único divertimento que têm!

E levou consigo os dois meninos.

Por trás da casa da fazenda, corria uma fila de casinhas da taipa, com uma só porta. Em frente a elas, num terreiro batido e limpo, estavam reunidas umas vinte pessoas, quase todos homens – pretos, caboclos e mulatos. Formavam círculo, uns sentados no chão, outros sobre os calcanhares, ou firmando na terra os joelhos e as pontas dos pés. No centro do círculo, o Benvindo, sentado sobre uma pedra, empunhava a viola. Ao lado, de pé, um mulato, talvez de vinte anos de idade, rufava o pandeiro. Os dois cantavam em desafio. Uma fogueira, acesa a pequena distância, espanicava as trevas, e alumiaava a cena pitoresca.

O mulato cantou:

*Já chegou, já está cantando:  
Canta no seco e na lama;  
Caboclo, tome sentido!  
Quero ver a sua fama!*

Benvindo respondeu logo, na mesma toada:

*Quero ver a sua fama,  
Diz você; pois há de ver:  
Mulato, chegou seu dia,  
Você tem de padecer.*

E o mulato continuou, torcendo-se todo, caindo para um e outro lado, e acompanhando com o corpo o compasso do pandeiro:

*Você tem de padecer...  
Quem de nós padecerá?  
Caboclo a mim não me espanta,  
Nem mesmo do Ceará!*



– Oh! José! – gritou o capitão. – Então vocês não dançam?  
Dancem um pouco, que estes moços querem ver!

– Formem a roda! – bradou o José. – Formem a roda!

– Quem tira? – perguntou um outro.

– Teresa! Teresa, tira o samba!

Levantaram-se todos. O Benvindo acomodou-se a um lado, com a sua viola. Formaram uma larga roda. No meio, apareceu uma crioula, moça e franzina, bonita, e começou a cantar com uma vozinha fraca, mas afinada:

*Eia, negro teimoso:*

*O boi é preto, valeroso, quadimá,*

*Fui ao mato, tirei pau, fiz um bodoque,*

*Mandei balas a galope*

*No peito do sabiá...*

Todos responderam, em coro, cantando a mesma trova. A crioula cantava e dançava, dentro da roda, sapateando, com um passinho miúdo, acompanhando o ritmo da música, dando voltas e reviravoltas e castanholando com os dedos. Quando ela acabava de cantar uma trova, o coro a repetia. Depois a dançarina aproximou-se de um dos parceiros da roda, dançando sempre, chamando-o, vindo os dois dançar no centro do círculo, um de frente do outro, – e retirou-se, cedendo o lugar a outra pessoa.

– Bem! – disse Carlos. – Já vimos bastante. Vamos dormir, Alfredo, que devemos partir cedinho...

Dormiram. E, quando nasceu o sol, já estavam prontos para partir, levando roupas, um farto farnel, e muitos abraços e desejos de felicidade.

**P**or quatro horas a fio, os nossos três viajantes seguiram por um caminho seco e ligeiramente acidentado, subindo e descendo morros baixos, quase totalmente despidos de vegetação. O sol ardia e fulgurava, reverberando sobre os calhaus da estrada, de onde saltavam faíscas de ouro. A poeira cegava.

A princípio, ainda se via uma ou outra casinha, com uma pequena plantação à roda – favas, mandioca, algodoeiros, bananeiras ou canas. Mas logo depois começou o campo deserto, duro e seco. Poucas árvores havia, mirradas, retorcendo no ar os galhos desfolhados. Os dois rapazes sofriam cruelmente. Alfredo, às vezes, olhava o irmão, com os olhos angustiados. Mas Carlos fingia não compreender: era impossível parar ali, onde não havia água nem sombra.

– Arre! Patrão! – exclamou Benvindo. – Felizmente, está acabando este maldito carrascal! Ali embaixo passa uma aguinha, e moram uns conhecidos meus. Vamos descansar um pouco, enquanto passa o ardor do meio-dia. E depois, puxaremos pelos animais, se quisermos ir dormir para lá do rio. Vamos ver se chegamos a Piranhas amanhã pelas quatro horas da tarde!

Não falharam os planos do camarada. Depois de um curto descanso, continuaram a jornada; e a noite, ao cair, apanhou-os junto do rancho de um vaqueiro, duas léguas além do rio. O homem recebeu-os bem, como podia. O seu casebre era tão pequeno que

os dois irmãos dormiram fora, sob o alpendre, metidos ambos numa só rede. Carlos lembrou-se da casinha da preta velha, em Garanhuns: era mesma, a pobreza, e era mesma, a boa vontade; e, abençoando a hospitalidade e a bondade da rude gente do norte, o menino adormeceu serenamente, ao lado de Alfredo, que, de cansado, dormia tão bem como se estivesse deitado numa cama de penas.

Antes da madrugada, beberam uma forte dose do excelente leite que lhes ofereceu o vaqueiro, e puseram-se a caminho. Quando o sol nasceu, já tinham caminhado meia légua. A estrada, sempre plana, sempre despida de arvoredo, era castigada barbaramente pelo sol. Às nove horas da manhã, já o calor era intolerável. Havia lugares em que as ferraduras dos animais batiam em rocha, viva, tirando fagulhas. Cada vez aumentava mais o calor. Não soprava a mais leve aragem; o ar pesava dentro dos pulmões; os animais arfavam, banhados de suor.

– Nós hoje temos tempestade, com certeza! – disse Benvindo.

De fato, às duas horas da tarde, o disco do sol foi adquirindo uma cor avermelhada, e, depois pardacenta; o céu nublou-se; para o lado do sul, começou a fuzilar.

“Seremos apanhados pela trovoada?”, pensavam aterrados os dois meninos.

Apressaram o passo dos animais, e tanto se esforçaram que, antes de desabar a chuva, aperearam-se à porta de um pequeno hotel da cidade de Piranhas.

– Vamos jantar! – disse Benvindo.

O hotel era modesto, mas a mesa era farta. Comeram carne de sol assada, e peixes – uns excelentes piaus do Rio São Francisco.

– Se fôssemos ver o rio? – disse Alfredo – É um rio grande, o São Francisco?

– É imenso! – explicou o irmão. – Atravessa dois estados do Brasil, servindo de divisa entre três.

Assim que acabaram de jantar, partiram para o porto.

– Lá está o Estado de Sergipe! – exclamou Benvindo.

– Onde?

– Lá, na outra banda! Esse rio separa Sergipe de Alagoas.

– É exato! – disse Carlos ao irmão. – Aquele já é o território de Sergipe. Nós, nestes últimos dias, já atravessamos todo o Estado de Alagoas.

– Ah! Era por Alagoas que estávamos viajando? – perguntou o pequeno ao camarada.

– Era. Viemos de Pernambuco, e entramos em Alagoas quando chegamos à fazenda do Capitão Paulo. A fazenda já fica para o lado de cá da divisa. Ali acaba Pernambuco e começa Alagoas; agora, aqui, acaba Alagoas e começa Sergipe.

– E vamos para Sergipe?

– Não, patrãozinho! Nós viemos nesta direção, mas agora vamos tomar outro rumo.

Vamos subir o rio. Isto é... vamos é um modo de falar, porque devemos separar-nos aqui. Agora os senhores vão seguir até Jatobá, e aí o major Antônio Bento, para quem o Dr. Cunha lhes deu uma carta de apresentação, há de indicar-lhes o caminho até Boa Vista.

– É verdade! – disse Carlos com tristeza. – Já tinha esquecido que nos devemos separar aqui! Já estávamos tão habituados a viajar juntos!

Voltaram ao hotel, e dormiram. No dia seguinte, de manhã, as despedidas foram tristes. Benvindo, comovido, ao abraçar os dois rapazes, quase se decidiu a acompanhá-los até Jatobá. – Alfredo desejava ardentemente essa solução. Carlos, porém, opôs-se tenazmente ao sacrifício do excelente camarada:

– Não, Benvindo, não! Antes de tudo, o dever: você tem o seu trabalho em Garanhuns... Já não foi pequeno o incômodo que lhe demos! Dê muitas lembranças ao Dr. Cunha, ao Capitão Paulo, e àquela boa preta que tão nossa amiga se mostrou.

Às sete horas, partiu o trem. Benvindo acompanhou-o com os olhos até que o viu desaparecer na primeira curva da estrada. E os dois rapazes encetaram a nova fase da sua fatigante viagem, num carro de segunda classe, muito agarrados um ao outro, e entregues agora a si mesmos.

A paisagem era a mesma que tinham visto até então: chão pedregoso, poucas árvores, retorcidas e nodosas, morros de áspera pedra negra, pastagens raras e fracas.

No carro em que viajavam os dois irmãos, ia um moço, brasileiro como eles, expansivo, olhando-os constantemente, com um manifesto desejo de entabular conversa. Depois de alguma hesitação, não se conteve, e apresentou-se. Era o representante de uma grande casa comercial da Baía, e tinha uma conversa agradável e instrutiva, porque gostava de contar as suas viagens por todos os Estados do Brasil.

– Os senhores nunca viajaram?

– Muito pouco – disse Carlos. – E, infelizmente, não é uma viagem de recreio, a que fazemos.

– Pouco importa! Disse o moço. – Viajar é sempre útil. Em geral, os brasileiros são sedentários, e não conhecem o seu país. Eu viajo há quase dez anos, e ainda não estou farto.

Nesse ponto da conversa, o trem parou. Tinha chegado à estação de Sinimbu.

– Aqui – explicou o amável viajante –, descem os que vão visitar a famosa cachoeira de Paulo Afonso. Nunca vi tão belo espetáculo, em toda a minha vida, e não creio que haja, em toda a Terra, mais formosa maravilha da natureza!

— **A**h! – exclamou Carlos, a cachoeira de Paulo Afonso! Vê-la é um dos meus sonhos mais ardentes! Sei de cor os versos em que Castro Alves a cantou:

*[...] Mas súbito da noite no arrepio  
Um mugido soturno rompe as trevas...  
Titubeantes – no álveo do rio –  
Tremem as lapas dos titãs coevas!...  
Que grito é este sepulcral, bravio,  
Que espanta as sombras ululantes, sevas?  
É o brado atroador da catadupa,  
Do penhasco batendo na garupa! [...]*

– Mas – disse o moço, sorrindo – por mais talento que tenha um poeta, por mais que saiba exprimir em seus versos a grandeza de uma cena, não poderá jamais descrever o que é aquele assombro! Aquilo é indescritível!

– O senhor já viu a cachoeira de perto? – perguntou Alfredo.

– Já fiz duas vezes a viagem a cavalo, só para admirá-la. E se Deus me der vida e saúde, hei de voltar.

– Conte! Conte o que viu! – exclamou o pequeno, batendo palmas.

– É difícil contar... Imaginem os senhores que o Rio São Francisco se despenha, com toda a sua massa formidável de água, de uma altura de oitenta e um metros! O salto dá-se justamente uns trezentos e dez quilômetros acima da foz do rio.

– Trezentos e dez quilômetros! – disse Alfredo. – Mas isso deve ser uma distância enorme!

– Ora! – disse Carlos. – O Rio São Francisco é um dos maiores do globo: o seu percurso é avaliado em dois mil e novecentos quilômetros! Mas vamos ouvir este senhor que já teve a fortuna de ver a cachoeira.

– Quando o rio chega a esse ponto – continuou a dizer o viajante, satisfazendo a curiosidade dos dois meninos –, as suas ondas passam apertadas entre duas altíssimas muralhas de rocha. Obrigadas a passar por essa garganta, as águas avolumam-se, esmagam-se, atropelam-se, atiram-se vertiginosamente por uma rampa de granito, e desabam da altura de oitenta e um metros, formando quatro canais, de muitos metros de largura... Mas, o mais admirável é que, sendo curvos os canais, as correntes de água encontram-se em certo ponto, num choque tremendo, cujo barulho se escuta e muitas léguas de distância. O viajante ainda vem longe, longe... e já ouve o mugir soturno da cachoeira.

– Mas quando se está perto é que o espetáculo deve ser belo – disse Carlos.

– Não é somente belo: é amedrontador: toda a terra estremece... parece que há, ao mesmo tempo, a erupção de vários vulcões rugindo. As águas crescem, confundem-se, brigam, separam-se, tornam a chocar-se numa peleja titânica, com um fragor que ensurdece. Em torno da cachoeira, todo o espaço fica toldado, de um nevoeiro denso, formado pelo vapor da água que espadana em espuma. E imaginem agora o sol atravessando esse vapor, e acendendo nela vários arco-íris em que brilham topázios, rubis, esmeraldas e safiras! Ah! Não se pode dizer o que é aquilo!

Carlos e Alfredo ouviam extáticos a narração de seu amável companheiro de viagem. Mas, nesse momento, o trem, com um estrondo mais forte, de ferragens entrechocadas, atravessou uma ponte.

– É a ponte do Rio Moxotó. Estamos entrando no Estado de Pernambuco! – disse o viajante.

– Mas então não estamos longe de Jatobá...

– Estamos perto. O Moxotó é a divisa entre Alagoas e Pernambuco.

– Mas, quem foi que marcou essas divisas? – interrogou Alfredo, que nunca perdia o costume de mostrar a sua curiosidade.

– Todas essas divisas são antigas, e foram sendo marcadas à medida que se foi explorando o território das capitânicas em que o Rei de Portugal D. João III dividiu o Brasil – disse-lhe Carlos. – O governo português, reconhecendo a necessidade de povoar o Brasil, e receoso do desenvolvimento que o comércio francês ia tendo, resolveu ceder grandes porções de território a alguns favoritos, encarregados de povoá-las e administrá-las. Essas capitânicas eram doze, e já tinham limites vagos, que se foram depois precisando e marcando com segurança. Ainda hoje a precisão não é absoluta: ainda há discussão sobre os verdadeiros limites de alguns Estados, em certos pontos do seu território...

– Jatobá! – gritou o chefe do trem.



**F**elizmente o major Antônio Bento estava na vila. Recebeu com carinho os viajantes, e no mesmo dia forneceu-lhes o que pediam. Agasalhou-os, deu-lhes jantar, e deixou-os às três horas da tarde, numa excelente canoa, confiados a um canoeiro perito, para quem as águas do São Francisco já não tinham segredos. Levá-los-ia a canoa até a casa do Capitão Tavares, um velho amigo do major, seu antigo companheiro na campanha do Paraguai; e daí seguiriam na mesma condução até Boa Vista.

Por sete dias viajaram assim os dois rapazes, rio acima, no fundo da estreita canoa que ora navegava impedida pelos remos e pelas varas, ora corria tangida pelo vento, que lhe enfunava o pano das pequenas velas. Só durante uma noite dormiram em terra firme, na casa do amigo do major Antônio Bento, um bom velho que contava histórias do Paraguai e fazia a todo instante a apologia da vida militar. Mas, nas outras noites, dormiram ali no fundo da canoa, sem comodidade, alimentando-se mal, e contando de minuto em minuto as horas longas e morosas que os separavam do termo da viagem.

Nos dois primeiros dias, ainda os divertia o espetáculo do rio. Uma viagem fluvial é sempre interessante para quem a realiza pela primeira vez. A jornada é monótona, mas tem, a princípio, o encanto da novidade pitoresca. Os rapazes contemplavam o curso do Rio São Francisco – às vezes manso e largo, espraído como um

mar – outras vezes acachoeirado, dividido em canais, formando ilhas e ilhotas, estas cobertas de vegetação opulenta, aquelas inóspitas e rochosas, opondo-se às vagas que as batiam em fúria. Das ribanceiras ou das pontas das ilhas partiam muitas vezes bancos de areia grossa e branca, planos, como aterros feitos pela mão do homem. Em certos pontos, via-se o gado, que vinha neles pousar, tão serenamente como se estivesse em terra firme. As margens do rio mostravam-se cobertas de matas: viam-se ali os troncos brancos das embaúbas, os altos jacarandás, as baunilhas espinhosas, as palmeiras tucumã.

– De onde vem esse rio? – perguntou uma vez Alfredo.

– Vem de Minas...

– Como é grande o Brasil!

– E como nós já temos andado! – acrescentou Carlos, com tristeza.

Os últimos dias foram tristes. Aquela uniforme extensão de águas, aquela mesma paisagem selvagem, desdobrando-se sem variedade, davam aos dois meninos uma negra melancolia. Por fim, numa quinta-feira, às duas horas da tarde, chegaram a Boa Vista. Havia doze dias que tinham partido do Recife! Saltaram da canoa, com uma sofreguidão delirante, gozando o prazer de pisar a terra firme, e ansiando por abraçar o pai...

– Aqui não há hotel – disse o canoeiro. – Com certeza, o pai de vosmecês está hospedado na casa do escrivão, que é onde para toda a gente boa que passa aqui.

Correram à casa indicada, e tiveram uma decepção:

– Seu pai já não está em Boa Vista – disseram-lhes. – Esteve aqui oito dias, doente; e, como não melhorasse, seguiu para Petrolina... Seguiu há uns dez dias.

Os dois meninos entreolharam-se, com lágrimas... Contavam abraçar o pai, e apenas ficavam sabendo que ele estava pior!

Durante meia hora, Carlos permaneceu num triste abatimento, sem ideias... Mas a sua energia não estava esgotada. Contou o dinheiro que lhe restava, e verificou que apenas tinha no bolso três mil-réis... Mas narrou a sua angústia ao escrivão, e pediu-lhe que o aconselhasse.

– Se o senhor quer ir a Petrolina – disse-lhe o homem, depois de uma curta reflexão –, o que posso fazer é arranjar-lhe uma boa embarcação. É uma lancha a vapor, que navega de Juazeiro para cima, e veio até aqui; deve partir hoje mesmo. Podem ir de graça até Petrolina.

Partiram. A lancha navegou todo o dia, mas ao cair da tarde parou: era arriscado viajar, com a escuridão da noite por entre as pedras do rio. Mais essa demora!... Na manhã seguinte, a viagem continuou.

Às dez horas estaremos em Juazeiro, que é o mesmo porto de Petrolina – disse o comandante –; Petrolina e Juazeiro defrontam-se, nas duas margens do Rio São Francisco.

O pequeno vapor, arfando, vencia a corrente, ora tomando o meio dela, ora desviando-se para uma e outra margem, fazendo voltas, fugindo das pedras, evitando as corredeiras. Seriam nove horas da manhã. Carlos e Alfredo, sentados sobre uns sacos, à proa da lancha, estavam tão desanimados que não trocavam uma só palavra. Que viagem! Já lhes parecia que estavam no fim do mundo, que tinham percorrido toda a Terra de um a outro extremo. Quando findaria aquela angústia?!

De repente, em uma das voltas do rio, avistaram uma canoa, que vinha em sentido contrário. Quando enfrentou com a lancha, a pequena embarcação aproximou-se um pouco, e parou.

– Você vem do Juazeiro? – perguntou o comandante.

– Venho, sim.

– Que há de novo por lá?

Nada... Ah! É verdade! Conheceu um doutor, um engenheiro que estava doente em Petrolina?

Ouvindo isso, Carlos e Alfredo puseram-se de pé, ansiosos...

– Não... – disse o comandante. – Por que pergunta?

– Esse engenheiro morreu, coitado! Enterrou-se ontem em Juazeiro...

Ouviram-se dois gritos, e depois um soluçar agoniado. Os dois meninos choravam abraçados, confundindo as suas lágrimas. O comandante e os tripulantes da lancha, compreendendo tudo, olhavam comovidos aquela cena horrível... E o resto da viagem foi triste, tão triste como se ali fosse realmente um cadáver.

• • •

Duas horas depois, a lancha aportava em Juazeiro. Tontos, sem saber para onde iriam, tão alucinados de dor que nem podiam ter uma ideia. Carlos e Alfredo desembarcaram como dois autômatos... Andaram sem destino, mudos, aterrados foram ter ao cemitério. Pediram que lhes mostrassem a cova em que o engenheiro fora na véspera enterrado, e ficaram ajoelhados junto dela, chorando longamente...

**A**li ficaram longas horas, e ficariam todo o dia, se o porteiro do cemitério não tivesse ido procurá-los.

Ergueram-se ainda chorando, e saíram. Para onde iriam agora? Carlos tinha no bolso três mil-réis: era essa toda a sua fortuna. Pensando nisso, mediu toda a miséria da sua situação. Eram três horas da tarde; e ainda não haviam almoçado... Carlos viu que o irmãozinho, abalado pela desgraça terrível, e debilitado pela viagem e pelo jejum, mal se podia ter em pé.

Compraram a uma quitandeira ambulante um pouco de peixe assado. Enquanto comiam, o mais velho dos dois irmãos, com a energia moral que felizmente não o abandonava nunca, encarou de frente o futuro, e procurou o meio mais fácil de sair de tão crítica situação.

Lembrou-se logo de recorrer aos seus parentes do Rio Grande do Sul, comunicando-lhes pelo telégrafo a morte do pai, e pedindo-lhes algum auxílio. Eram as únicas pessoas que ainda podiam interessar-se pela sorte dos dois órfãos. Mas aquele minguido dinheiro que lhes restava mal bastaria para cobrir a despesa com o telegrama... Como viveriam, enquanto esperassem uma resposta? Que seria deles, naquela cidade desconhecida, no meio de gente estranha?

Não! O melhor seria guardar esse pouco dinheiro com que sempre poderiam alimentar-se, ainda que mal, durante alguns

dias, e tratar de sair de Juazeiro quanto antes. Havia dois partidos a escolher: ou voltar para o Recife, ou descer para a capital da Baía; em qualquer dessas cidades encontrariam conhecidos e amigos do pai, que os socorreriam, facultando-lhes o meio melhor de se comunicarem com os parentes do Rio Grande do Sul, e dando-lhes – quem sabe? – algum dinheiro com que para lá pudessem imediatamente seguir, se não preferissem ficar à espera da resposta. Voltar ao Recife seria quase uma loucura: não poderiam fazer frente às despesas de tão longa e penosa viagem. Para a Baía, a viagem era mais fácil. Se tivessem dinheiro bastante, tomariam a estrada de ferro... Mas, sem dinheiro, era preciso vencer a pé vinte e cinco léguas até Vila Nova da Rainha, onde mais facilmente arranjariam passagem até a Baía...

Carlos não hesitou mais. Decidiu partir, e partir sem demora, sem querer perder tempo em pensar no imenso sacrifício dessa jornada a pé, por um sertão bravio, sem pouso certo, sem auxílio de qualquer espécie. E, às quatro horas, estavam a caminho. O mais velho carregava o embrulho das roupas, e o mais moço conduzia o pequeno farnel, adquirido com uma rigorosa economia, e constituído por bolachas, biscoitos e um pouco de carne seca.

– Tudo é preferível – disse Carlos a Alfredo – à indecisão. Não nos deixemos abater pela desgraça, e procuremos salvar-nos do apuro em que nos vemos.

Alfredo ganhou coragem; e os dois órfãos entraram a caminhar com resolução, confiando no acaso. Mas, ao cabo de dois quilômetros, o pequeno foi obrigado a parar, extenuado de fadiga e de sede.

O lugar era deserto e seco: nem sombra, nem água. Alfredo não se pôde conter, e desatou a chorar. Carlos sentou-o ao seu lado, tomado de uma aflição terrível: parecia-lhe que o irmãozinho ia morrer ali, ao desamparo...

Mas uma voz cantou ao longe:

*Foram-se os tempos felizes,  
Mas outros dias virão;  
E eu cantarei mais alegre,  
Ao lembrar o meu sertão...*

Carlos reanimou-se... Houve um silêncio, e, depois, a voz, já mais perto, repetiu a copla. Daí a pouco, assomou na estrada um viajante.

Era um rapazinho de dezesseis ou dezessete anos, vestido à moda do sertão: camisa de algodão grosso branco, paletó e calças de algodão riscado, sapatos e chapéu de couro vermelho. O tipo era simpático, moreno, entre caboclo e mulato – de rosto largo, boca rasgada, olhos vivos e inteligentes. Alfredo quase ficou assustado, quando o viu perto de si; mas o tom de voz do viajante logo dissipou todos os receios:

– Que é isso? O menino está doente? – perguntou ele a Carlos.

– Não. Está muito cansado, e com muita sede. Não haverá aqui perto uma casa, um abrigo qualquer, ou ao menos uma fonte?

– A falar verdade, não sei, porque não conheço estas paragens, e nunca por aqui me perdi: mas é impossível que não more alguém por aí fora... Quanto a água, ainda tenho um bocado na cabaça...

E, tirando a cabaça, que trazia ao ombro presa à extremidade de um cacete, entregou-a a Carlos. E continuou, indicando o sul:

– Olhe! ali para aquele lado há uma quebrada coberta de mato... não vê? Pois ali deve haver água... Vosmecês para onde vão?

– Para Vila Nova da Rainha.

– Ah! então, vamos fazer juntos a viagem, porque eu também vou para lá.



– Nós não conhecemos o caminho...

– Isso não importa! “Quem tem boca vai a Roma...” Agora, precisamos sair daqui, porque este sol é que está fazendo mal a seu irmãozinho. Vamos andando para a frente, a ver se encontramos alguma moradia por aqueles lados!

– Mas, senhor... disse Carlos, hesitando, por não saber o nome do novo companheiro.

– Chamo-me Juvêncio...

– Mas, Sr. Juvêncio, se as casas não estiverem à beira do caminho, passaremos por elas sem as ver...

– Isso não! Se houver casas, há de haver algum caminho que venha ter à estrada – disse o novo companheiro.

E, voltando para Alfredo:

– Dê-me o seu embrulho; vosmecê está tão cansadinho que mal pode aguentar-se.

Tomou o embrulho, e suspendeu-o ao pau, que levava ao ombro, juntamente com uma trouxa e a cabaça de água. E puseram-se a caminho.

– Vosmecês não são daqui?

– Não. Somos do Recife.

– E que é que andam fazendo por aqui?

Carlos hesitou um momento sobre se devia contar ou não a sua história àquele desconhecido. Mas a fisionomia deste era tão franca, e o seu olhar denotava uma tão rude e boa sinceridade, que o menino não se conteve, e narrou-lhe os acontecimentos que o tinham trazido até ali. Juvêncio ouvia-o com interesse e compaixão; e, enquanto o ouvia, ia examinando a estrada, de um lado e de outro. Em certa altura, exclamou:

– Olhem! aqui está uma batida que desce. Quem sabe se ali embaixo há uma casa?

Carlos e Alfredo atentaram, e viram que o que ele chamava “uma batida” era um trilho estreitíssimo, quase invisível, como

um caminho de formigas. Dirigia-se para a esquerda, e ia ter a um capão de mato. Seguiram por ele esperançados. O terreno era mais fresco, a vegetação viçosa. Pouco adiante, o trilho enveredou por dentro do mato, entre árvores grossas e altas de troncos direitos.

Iam a um de fundo. O rapaz seguia na frente, muito animado e comunicativo, conversando sempre. De repente, estacou, pousou no chão os embrulhos e a cabaça de água, e desfechou com o pau uma forte pancada no solo.

– Que é? – gritou Alfredo.

– Uma cobra... uma cascavel – disse o rapaz, com naturalidade.

O pequeno recuou assustado.

– Não é nada! Isto aqui pelo mato é assim... Quem anda pelo mato encontra cobras... Mas quem está acostumado já não se espanta. Tudo está em ter a gente muito cuidado, e ver onde pisa. O perigo está em bater em uma delas com o pé: essas cobras geralmente só atacam a gente quando são tocadas...

**L**ogo adiante, acharam uma casinha. Em frente, havia um curral, já meio arruinado; do outro lado, uma roça inculta.

A casa era verdadeiramente uma choça miserável – um rancho de sapé, com paredes de pau-a-pique, esburacadas. A porta estava aberta, mas o mato crescido que por ali se via, o silêncio que reinava, o ar de abandono que se notava – tudo indicava que não morava viva alma naquela palhoça. Em todo o caso, quando chegaram à porta, os três viajantes gritaram, bateram; como ninguém aparecesse, foram entrando sem cerimônia.

Dentro do rancho, o abandono era o mesmo. Havia dois compartimentos, comunicando por uma porta, rasgada a um lado da parede divisória: ambos estavam desertos.

– Eh! – exclamou Juvêncio – aqui ninguém mora... Mas, já agora, pousaremos aqui mesmo; daqui não saio, nem por ordem do rei!

Alfredo, já mais animado com a perspectiva do descanso que ia gozar, não pôde deixar de rir:

– Qual rei! Não há mais rei no Brasil! Agora quem pode dar ordens é o Presidente da República!

– Pois seja lá quem for – disse, rindo também, o rapaz. – Não saio daqui hoje!

– E se vier o dono? – objetou Carlos.

– Qual dono! Isto é com certeza o rancho de algum vaqueiro, que anda agora por longe, e só pousa aqui quando traz o gado para estes lados: quando o gado muda de comedia, ele muda também de rancho. Não veem vosmecês como está tudo isto? Aqui não entra gente há mais de dois meses...

Dizendo isso, o rapaz percorria todo o rancho, que estava, de fato, deserto. Em um dos compartimentos, via-se um cepo de madeira, e, a um canto, uma forquilha de três ramos; no outro, havia um couro seco pendente da parede.

– Bem! Arranjaremos a nossa vida! – disse o caboclo.

Pôs sobre a forquilha a trouxa e a cabaça, e, saindo para o mato, cortou três ou quatro ramos de uma erva rasteira, formando uma vassoura, com que limpou o chão do rancho.

– Agora, vamos arranjar um foguinho, para espantar os bichos.

Carlos e Alfredo saíram à procura de lenha, e voltaram logo com uma boa porção de gravetos. Juvêncio tirou do bolso uma caixa de fósforos, riscou um deles com cuidado, e abrigando a chama com a mão espalmada, para livrá-la do vento que entrava pela porta do rancho, acendeu um molho de palhas secas, e meteu-o por baixo da lenha: dali a pouco a fogueira crepitava.

– Agora, o que nos falta é água – disse o rapaz. – A da cabaça está quase acabada. Mas aqui perto há água, com certeza. Ninguém se lembraria de construir um rancho em lugar privado de água. Ali em baixo, bem perto, deve brotar alguma fonte, ou passar algum córrego. Vosmecês esperem por mim, que vou ver...

– Mas como há de você acertar com o riacho ou com a fonte, agora, se nunca andou por aqui?

– Oh! é muito simples! Perto da fonte, deve haver no mato a vereda que lá vai ter – caminho de gente, e caminho de bicho: tudo está em prestar atenção ao terreno e saber ver...

Daí a pouco, Alfredo e Carlos ouviam Juvêncio gritar, a uns vinte passos de distância do rancho, escondido pelas ervas:

– Eu não disse? Cá está o caminho!

Alfredo, apesar de mais animado, estava encolhido num canto da choça, denotando no abatimento da fisionomia o cansaço que o prostrava.

– Bom rapazinho, este, hem? – perguntou Carlos.

– É verdade. Quem será ele?

– Havemos de sabê-lo. O que é certo é que foi para nós uma grande felicidade o encontro. Não sei como nos arranjaríamos sem ele – ignorantes do caminho e de tudo, perdidos nesta solidão.

Ouviu-se uma voz, que se aproximava cantando.

– Aí vem ele...

Era de fato Juvêncio que cantava alegremente, como se estivesse na situação mais feliz na vida. Mas a melopeia da toada era tão lúgubre, a hora era tão melancólica, que a cantiga, ouvida pelos rapazes, ainda abalados pela sua grande desgraça, entristeceu-os, enchendo-lhes de lágrimas os olhos.

**P**ronto! aqui está a água! – disse Juvêncio, entrando, lípido e alegre.

Trazia o rosto, as mãos e os pés lavados... Vendo Carlos e Alfredo naquela atitude desanimada e lacrimosa, condeu-se deles:

– Não chorem! Vamos comer alguma coisa... Depois, hei de contar-lhes a história da minha vida, e vosmecês hão de ver que eu também tenho muitas razões para ser triste, apesar deste meu ar alegre... Vamos comer.

Tirou da trouxa um naco de carne de sol, um peixe assado, e um pouco de farinha. Assou a carne ao calor da fogueira, aqueceu o peixe, e fez a distribuição. A refeição foi completada com os biscoitos que os meninos traziam. Carlos e Alfredo, sentados no chão, e o rapaz, de cócoras, ao pé do fogo, comeram com apetite. Enquanto comiam, conversavam:

– Ninguém no mundo – disse Juvêncio –, das pessoas que conhecem vosmecês, é capaz de imaginar que vosmecês estejam no sítio em que estão... Quem imaginaria que haviam de andar por este sertão, a pé, comendo no chão, bebendo água em cabaça, dormindo assim sem comodidade, num ermo como este, dentro de um rancho tão pobre? Tudo, no mundo, é para o bem da gente... Vosmecês ficam conhecendo a sua terra... Eu, por mim, gosto muito dessas coisas, e já não estranho os incômodos das viagens. Era capaz de ir de um polo ao outro, como dizia o meu mestre!

– Ui! – gritou Alfredo.

Ouviu-se de repente um ruído rápido e surdo e viu-se um vulto atravessar o espaço, cortando o ar, e sumindo-se pela porta do rancho. Dir-se-ia, pelo tamanho, uma pomba-rola.

– É um morcego que estava dormindo aí! – disse Juvêncio.

– Um morcego! – exclamou Alfredo. – Dizem que esse bicho chupa o sangue da gente...

– É muito raro. E as feridas que resultam da sua picada nunca são perigosas: somente nas crianças recém-nascidas é que podem apresentar alguma gravidade. Os morcegos atacam de preferência os animais.

– E os animais não se defendem?

– Não, porque são atacados durante o sono; e, além disso, quase não sentem a dentada, porque o morcego, quando morde, abana as asas e faz, com a língua sobre a pele, uma cócega ligeira, que disfarça a dor.

– Então o morcego tem dentes, para morder?

– Tem. O morcego voa, mas não é pássaro. É um animal como o rato, com o corpo coberto de pelos; tem focinho e cauda, boca e dentes.

– Como é que você sabe tudo isso? – insistiu Alfredo, com a sua eterna curiosidade.

– Porque já vi! Vi morto, um dia, um morcego, e examinei-o bem.

A conversa continuou. Juvêncio começou a falar das coisas e das gentes do sertão, dos animais, das pessoas que nele vivem. Contou os costumes dos sertanejos, que vivem à custa das roças que cultivam e do gado que criam:

– A terra é muito rica, e nunca nega o sustento a quem sabe tratá-la: dá o milho, o feijão, a mandioca, o algodão, o fumo, a cana; e, além de alimentar os homens, ainda alimenta os bois, os carneiros, as cabras, os cavalos, que, bem tratados, são para o

criador uma verdadeira fortuna. No tempo das chuvas, há uma fartura geral: o gado engorda, as vacas dão muito leite, com que se fabricam queijos e requeijões. Mas no verão, na época das secas, quando se passam comumente seis e oito meses sem um pingote de chuva, os campos mirram, as plantações morrem, os pastos ficam torrados, os rios e as fontes secam, o gado em grande parte morre de fome e sede, e até os homens, para não morrer, andam, às vezes léguas e léguas, em busca de água. Quando a seca dura muito, há muita gente que morre, quando não emigra em tempo para outros lugares menos assolados pelo rigor do verão. Apesar de tudo isso, a gente toda, que aqui nasce, ama loucamente o seu sertão, e suporta com paciência e coragem esses reveses.

– É uma boa gente, não é, Juvêncio?

– É uma gente muito boa, muito honrada. O sertanejo é sempre sério e fiel. Pode ser desconfiado, mas gosta de praticar o bem. Toda a gente do sertão é hospitaleira e caridosa. Eu sei o que estou dizendo, porque já tenho recebido muitos benefícios de todo este povo.

– É verdade! – exclamou Alfredo. – você de onde é, Juvêncio? Cumpra a sua promessa, e conte-nos a sua história!



**P**ois vou contar-lhes a minha história, e hão de ver que também é triste como a sua.

Também não tenho pai, nem mãe. Meu pai, que era vaqueiro, numa fazenda perto de Cabrobó, morreu, caindo do cavalo que montava, quando saltava um barranco. Minha mãe morreu pouco depois, de bexigas. Eu tinha então ano e meio de idade, e fui recolhido à casa de meu padrinho, que era o sacristão da igreja de Cabrobó. Esse homem, João Inácio, era casado, mas não tinha filhos: recebeu-me como a um verdadeiro filho, e minha madrinha foi para mim uma verdadeira mãe dedicada, extremosa. Assim que completei sete anos, aprendi a ler, a escrever e a contar: e meu padrinho, querendo fazer de mim um homem, quis que eu começasse a estudar um ‘ofício’. O ofício escolhido foi o de alfaiate.

“Logo nos primeiros dias, desgostei-me dessa profissão. Não me agradava ficar sentado durante todo o dia, com a agulha na mão, como uma mulher. O meu desejo era poder andar, agitar-me, mover-me – empregar-me em qualquer trabalho que me permitisse sair e brancejar. Além disso, antipatizei logo com o mestre. Era um homem mau, teimoso, birrento. Dava-me tarefas enormes; e, vendo que o que mais

me aborrecia era o trabalho de casear calças, justamente me dava esse trabalho.

“Perto da casa do alfaiate, havia uma oficina de ferreiro. Eu, sempre que podia fugir, ia até lá, e ficava embevecido contemplando aquele trabalho forte e movimentado, que me encantava. Minha madrinha, querendo satisfazer a minha aspiração, pediu ao marido que me deixasse mudar de aprendizado. Ele consentiu, e eu fiquei contentíssimo. Foi esse o tempo mais feliz da minha vida. O trabalho agradava-me, e empenhei-me nele com tanta diligência, que ao cabo de um ano já era um bom limador.

“Um dos serviços de que mais gostava era o de fazer carvão. De oito em oito dias, íamos, dois aprendizes e um oficial, preparar as provisões de combustível para a forja. Saíamos de madrugada, em direção ao mato, levando foices e machados. Cortávamos a lenha, fazíamos a coivara, e, à noite, depois de um dia de rude trabalho, voltávamos, com dois animais carregados de carvão.

“Mas a minha felicidade não durou muito. Meu padrinho morreu; e, onze meses depois, minha madrinha praticou a loucura de casar com um malandro, que só cobiçava a casa e o dinheiro que o defunto legara à viúva. Era um vadio, e um bêbedo. Preguiçoso e grosseiro, abominava o trabalho e passava o dia inteiro na venda, bebendo e palestrando. Um mês depois de casado, já maltratava a minha pobre madrinha. Essa triste situação foi piorando de dia em dia – e eu, que já tinha os meus quinze anos de idade, fui obrigado a intervir, para defender a santa mulher que me servira de mãe, e a quem eu estimava tanto como se fosse seu legítimo filho.

Era um domingo, e almoçávamos. O miserável passara toda a noite fora de casa, e entrara ao amanhecer, de mau humor, procurando pretextos para uma rixa. Começou a

‘rezingar’, a criticar a comida, a achar que tudo estava mal. Passou a dirigir as mais pesadas injúrias à mulher; depois de insultá-la muito, arremessou-lhe um prato ao rosto, e avançou para ela, com o punho fechado, para espancá-la.

Não me pude conter mais, e levantei-me, revoltado, protestando contra aquela brutalidade. Ele estacou, como uma fera, espantando pela minha ousadia, Olhou-me demoradamente, com os olhos vermelho e maus, e gritou, com rancor:

– Sai de minha frente!

E levantou a mão. Senti-me tomado de cólera, e respondi:

– Não saio! Não saio, e não admito que o senhor espanque essa mulher! O senhor é um miserável e um covarde! Só faz isso porque vê que ela é uma mulher, e que eu sou uma criança!

Ele atirou-se contra mim. Felizmente, vizinhos, que ouviram a altercação, intervieram. O malvado vociferou ameaças, e saiu.

Não querendo suportar essa vida, minha madrinha separou-se do miserável, e foi morar em casa de uma irmã, levando-me consigo, Nesse tempo, já eu ganhava algum dinheiro, e dava-o à minha madrinha. Mas o marido não me perdoava, e queria vingar-se de mim. Obteve do juiz ser nomeado meu tutor, e um belo dia, apresentou-se na oficina, para se apoderar de mim...

**N**este ponto da narrativa, Juvêncio notou que Alfredo, apesar de ouvi-lo com atenção, estava como constrangido, agitando-se continuamente.

– O senhor está com sono... Vamos tratar de dormir, e amanhã continuarei a minha história.

– Não! – exclamou o menino. – Estou fatigado, mas não tenho sono: prefiro ouvir já o resto da história.

– É melhor! – apoiou Carlos –, além disso, assim mesmo, sentados, é que passaremos toda a noite...

– Isso é que não! – objetou Juvêncio – vou mostrar-lhes já como se arranja num momento uma cama. Temos ali aquele couro: vamos estendê-lo no chão, e arranjar dentro dele um travesseiro, com a trouxa da roupa. Vosmecês dormirão muito bem nessa cama improvisada.

– E você?

– Ah! Estou acostumado a dormir em qualquer parte. Estiro-me no chão, e durmo como um príncipe.

– Nunca! – exclamou Carlos. – Por que é que temos de dormir com mais comodidade do que você? Já basta o que você tem feito por nós!

– Pois não seja essa a dúvida! – disse Juvêncio. – Caberemos os três dentro do couro!

Alfredo ergueu-se, e, chegando à porta do rancho, espiou a noite:

– Ih! como está escuro!

Era uma noite sem luar. Mal se divisavam os vultos negros das árvores mais próximas. Mas o céu estava cheio de estrelas. O sítio permanecia quieto, silencioso, adormecido, numa serenidade infinda. De longe, vinha uma viração fresca e suave, que acariciava a face do menino. Carlos e Juvêncio, que tinham seguido Alfredo até a porta, ficaram ali apreciando aquela calma da noite.

– Sim! – disse o rapaz sertanejo – a noite está escura, mas tranquila e estrelada. Felizmente para nós! Se fosse uma noite de tempestade, então teríamos de sofrer horrores, aqui, sozinhos, neste deserto! E as trovoadas por aqui são medonhas... Já vi chover pedra, cada pedra do tamanho de um ovo de pomba. Depois as pedras desmancham-se em água; mas, quando caem, quebram telhados, e arruínam plantações inteiras...

– E são pedras verdadeiras?

– São pedras de gelo. Vamos para a nossa cama, ou, antes, para o nosso couro! Daqui a pouco, hei de contar-lhes como passei uma noite dessas, sozinho, no meio do mato.

A cama foi improvisada em minutos; reforçaram e ataçaram a fogueira, ajuntando-lhe mais lenha; e Juvêncio continuou a contar a sua história:

Quando vi aparecer o malvado, dizendo que era meu tutor, fiquei frio. Tive ímpetos de atirar sobre ele a tenaz em brasa que segurava, mas contive-me, e, dizendo que ia despedir-me do mestre, dirigi-me para o interior da oficina, de onde saí pelos fundos. Corri até a casa de minha madrinha. Ela, como já disse, morava com a irmã.

A casa ficava longe, retirada, no extremo da vila. Naquele lugar, houvera antigamente uma aldeia de índios, de que ainda se viam vestígios.

Quando cheguei, contei o caso a minha madrinha, e disse-lhe terminantemente que não me submeteria a viver com aquele malvado. Ela concordou; e, depois de procurarmos durante muito tempo, eu, ela e a irmã, o meio de salvar-me, combinamos que eu iria à casa de um conhecido delas, um pouco afastada dali, e lá ficaria durante algum tempo à espera de uma solução. Abracei-as, e saí. O que eu deveria ter feito era seguir logo para o meu destino; mas não quis deixar de despedir-me do mestre, e voltei à oficina. Foi a minha desgraça!

Assim que cheguei, vi-me cercado por dois soldados e um oficial de justiça. O malvado também lá estava... Vendome perdido, não me pude mais conter, e, levantando a voz, disse-lhe tudo quanto pensava da sua maldade. Disse-lhe que ele só fazia aquilo para compelir minha madrinha, privada do meu auxílio, a voltar para a sua companhia; disse-lhe que o que ele queria era viver à custa dela...

Ouvindo-me, riu com perversidade, e disse:

– Hei de ensinar-te!

– E levou-me não à casa do ferreiro, mas à casa do alfaiate, e entregou-me ao poder do antigo mestre. Ao retirar-se, intimou:

– Se não me apareceres à noite, saberei achar-te, e ficarás preso num quarto, um mês sendo castigado todos os dias!

Não me intimidei com a ameaça; assim que me vi na rua, voei para a casa de minha madrinha...

**M**inha madrinha abraçou-me chorando – prosseguiu Juvêncio – e quis que eu partisse imediatamente. Mas tranquilizei-a, dizendo-lhe que eram apenas onze horas da manhã, e que somente à noite o desalmado me procuraria. Era um engano! Por volta de meio-dia, ouvi a voz dele:

– Está aqui, sim! Está aqui! Não negue!

Minha madrinha, pálida de terror, só me pôde gritar:

– Ganha o mato, Juvêncio!

Voei pelo quintal, como um foguete. Por trás da casa, estendia-se um catingal: caí nele, e corri, sempre para a frente, durante uns dez minutos. Parei, e verifiquei que ninguém me seguia. Arrependi-me logo de ter fugido: refleti que o miserável talvez se vingasse de mim, espancando a mulher... Dei uma volta, e ganhei a estrada. Daí avistei o meu perseguidor, que voltava para o povoado, em companhia de dois soldados. Escondi-me, para que não me vissem, e, quando calculei que já deviam estar longe voltei à casa: não tinha almoçado, e estava caindo de fome. Enquanto eu comia alguma coisa, minha madrinha e a irmã resolveram ir à vila, à procura de informações sobre o que meu inimigo contava fazer.

Voltaram às quatro horas da tarde, muito contentes. Falaram ao delegado, e este dissera-lhes que estava tudo acabado, que ficassem tranquilas, que eu não seria preso...

Não acreditei nisso, pois bem sabia que o ódio do meu tutor era implacável. O que me tranquilizava era que, devendo haver eleições no dia seguinte, o delegado, os oficiais de justiça, e os soldados estariam muito ocupados, e não pensariam em mim. Em todo o caso, deliberei partir ao raiar do dia. Jantei, e deitei-me cedo. Pelo meio da noite, ouvi a voz de minha madrinha, que me chamava:

– Acorda, Juvêncio! Acorda, que o maldito está aí!

Tinha-se formado uma grande tempestade; e entre o ruído da queda da chuva e o rumor forte dos trovões, ouvi a voz de meu tutor, que bradava:

– Abram! Abram! Senão, meto a porta dentro!

Enfiei as calças às pressas, e corri para a porta do fundo. Mas, ouvindo vozes, compreendi que estava cercado. Fui à cozinha, onde o telhado era tão baixo que a mão facilmente o alcançava, afastei duas telhas, subi para o teto da casa, saltei para o catingal, e desatei a correr como um louco, tomando o rumo do sul, que era a direção oposta à da vila.

Um pouco adiante, alcancei a estrada. Mas a chuva caía sem cessar. Era um verdadeiro dilúvio! Descia pela estrada, numa cachoeira; e tudo estava tão escuro que eu só via onde punha o pé quando um relâmpago alumia o céu. Molhado inteiramente, com a roupa pegada ao corpo, corria sempre, para o lado da mata. Era o que me valia: era esse o lado que eu mais conhecia. Quando já me pareceu ter andado uma légua, parei, e tentei achar um abrigo. Foi em vão. Chovia cada vez mais, e as árvores, sacudidas pela ventania, escorriam água. Continuei a caminhar. Andei mais meia légua. A tempestade abrandou. A chuva foi cessando, e apareceram



os primeiros clarões do dia. Entrei no mato, e encostei-me a uma pedra, para descansar um pouco. Encolhido, regelado até os ossos, adormeci.

Quando acordei, devia ser meio-dia. O sol estava a pino, quente como fogo. Mas eu tremia, sacudido por uns tremores, como os calafrios das sezões. Doíam-me a cabeça, o peito e as cadeiras. Sentia ânsias. Veio-me uma tosse seca, e comecei a sentir uma dor muito forte, muito fina, sob as costelas. Não podia respirar, e parecia-me que, tonta, a cabeça andava à roda. Olhei em torno e reconheci que estava justamente no ponto do mato, tão meu conhecido, onde vinha sempre fazer carvão. Quis levantar-me, mas as pernas doíam-me tanto, que fiquei quieto.

Ah! Vosmecês não podem imaginar o que senti então! Via-me ali perdido, desamparado, sentindo que ia morrer, sem esperar socorro! E pensava: se fico aqui, morro abandonado, sem ter quem me dê um golpe d'água; se saio para a estrada, prendem-me, e vou sofrer as maldades daquele homem... eu que nunca fiz mal a ninguém!...

Fiz um esforço desesperado, levantei-me, andei uns dez passos e dei com uma picada, um caminho de arrastão de madeira. Verifiquei que estava perto da casa de um velho serrador, onde eu e os meus companheiros da oficina descansávamos às vezes, quando vínhamos fazer carvão. Animei-me, e arrastei-me para lá. Mas pernas não me podiam levar. Deixei-me cair no chão, e, por felicidade, avistei o velho serrador, com as suas grandes barbas brancas de missionário. Ele reconheceu-me, aproximou-se, tomou-me ao colo...

Perdi os sentidos...

Quando voltei a mim, estava estendido sobre uma cama, na casa do serrador. Abri os olhos, e vi que o velho estava ao meu lado, mirando-me com atenção, interessadamente. Quis fazer um movimento, voltar-me na cama: mas o velho deteve-me. Notei então que ele mantinha, fixado sobre o lado direito do meu peito, um objeto, – uma espécie de pequeno copo de vidro: era uma ventosa. Pouco a pouco os meus olhos foram distinguindo o que viam, e fui compreendendo o que me acontecia. O bom velho fizera-me a aplicação de ventosas sarjadas: atirada ao chão, estava uma velha toalha ensanguentada, e na minha camisa havia largas nódoas de sangue.

Fiquei horrorizado, e quis falar. O bom velho, porém, com a mão que tinha livre, tapou-me a boca, e disse-me com carinho:

– Fique quieto! Não se assuste! Vi que você estava muito ‘ansiado’, com muita febre, e tossindo muito: compreendi que tinha qualquer coisa no peito, e, pelo sim, pelo não, apliquei-lhe estas ventosas. Não se sente melhor?

– Muito melhor.

Realmente, já não me atormentavam as dores de há pouco. Tinha o peito mais desafogado e a cabeça menos tonta. Além disso, animava-me a confiança que depositava

no velho serrador. Esse bom homem era a providência daqueles sítios: não havendo médico por ali, era ele quem se encarregava de tratar todos os doentes. Recebia-os, a todos, com afeto, examinava-os, fornecia-lhes os remédios gratuitamente, e muitas vezes ainda lhes dava dinheiro para as despesas da dieta. Sentia-me entregue a um homem verdadeiramente bom... Pedi-lhe um pouco de água, que bebi com sofreguidão, e adormeci.

Quando acordei, eram já quatro horas da tarde. Fui despertado pelo meu enfermeiro e salvador. Tomei um remédio, que ele mesmo preparara. E, sentindo-me forte e bem-disposto, comecei a contar o que me acontecera: os sofrimentos de minha madrinha, a minha intervenção no conflito doméstico provocado pelo marido, o ódio e as perseguições deste. O serrador ouviu-me com indignação, e tranquilizou-me:

– Descanse! Ele não poderá adivinhar que você está aqui, – e hoje as eleições estão preocupando toda a gente. Vou mandar chamar sua madrinha, e combinaremos a melhor maneira de salvá-lo.

Logo no outro dia, chegou à choça do velho minha madrinha, aflita, pesarosa, dando-me notícias que me amedrontaram: o malvado jurava que havia de descobrir o meu esconderijo, e que havia de vingar-se da minha desobediência; e dizia ainda que me mandaria preso, para o Rio de Janeiro. Eu, que não sou tolo, julguei, refletindo um pouco, que tudo isso não passava de uma bravata: como poderia ele mandar-me preso para o Rio de Janeiro, se eu não cometera crime? Disse isto a minha madrinha, para tranquilizá-las. Mas a pobre estava aterrada, e duvidava do que eu lhe dizia:

– Olhe, Juvêncio! Você, assim que se sentir melhor, deve partir para longe daqui. Eu também não fico... Vou recolher-me à casa de uns contraparentes de minha irmã, no sertão da Serra Negra.

Ali fiquei durante cinco dias. Quando já me sentia bem, soubemos que meu tutor se dispunha a vir buscar-me em casa do velho. Minha madrinha quis que eu a acompanhasse a Serra Negra. Mas refleti que aí não ficaria livre da perseguição, e, cansado de tanta luta, deliberei sair de Pernambuco. Sabia que em Alagoinha, no Estado da Baía, vivia um Padre que me conhecia bastante, pois fora durante muitos anos vigário de Cabrobó. Resolvi ganhar o sertão, descer até Juazeiro, e daí seguir até Alagoinha. Despedi-me de minha madrinha e do velho serrador – e aqui estou, em companhia de vosmecês.

– E agora? – perguntou Carlos.

– Agora, quando chegar a Alagoinha, conto com a proteção do vigário, que decerto não me negará auxílio. Continuarei a exercer o meu ofício de ferreiro, ou obterei qualquer trabalho, na Baía ou em outro qualquer lugar. Quando a minha vida melhorar, minha madrinha virá ter comigo, e tratarei de tornar-lhe a existência agradável e feliz. E eis a minha história! Falei tanto, que já estou com fome outra vez... Vamos dormir!

Os três companheiros, quando acordaram, viram o casebre inundado de luz. Era em outubro; e nesse mês o sol aparece mais cedo. Seriam seis horas da manhã, e já fazia dia claro. A porta do rancho ficara aberta, e uma larga toalha de clareza entrava, estendendo-se até o couro.

Levantaram-se, e quiseram aproveitar as horas frescas da manhã, viajando. Deitaram um último olhar à pobre casa que os abrigara, e partiram.

Iam animados, quase alegres. A manhã era verdadeiramente bela. O céu limpo e azul, quase sem nuvens, tinha, no lado do oriente, uma cor de rosa, levemente dourada; uma viração agradável sacudia as folhagens; o mato exalava um aroma selvagem. Saíram do capão, e entraram no campo. Aí o olhar estendia-se à vontade, abrangendo um horizonte largo. Nem um floco de neblina velava a paisagem, nem um morro servia de obstáculo à vista: apenas, aqui e ali, algumas touceiras de vegetação baixa. Havia, em tudo, uma grande animação; os passarinhos cortavam o ar. Parecia que os arbustos, as moitas, os tufo de ervas estavam povoados de ninhos. Saíam trinados de toda a parte; quando aqui se calava um pássaro, dois e três começavam a gorjear mais adiante. Todo o espaço estava cheio dessa música festiva, num concerto incessante.

Tinham andado uns cem metros, quando Juvêncio parou, e voltou-se para os companheiros:

– Tenho uma ideia... Se tomássemos um banho na fonte? Não há nada como um bom banho frio, para restaurar as forças da gente...

– Vamos! – acudiram prontamente Carlos e Alfredo.

Enveredaram para o lado da fonte. Foi um verdadeiro regalo o banho àquela hora matinal! A água era abundante e limpa, de uma pureza admirável, correndo entre pedras lisas. Como não tinham toalha ou lençol, deixaram que o ar lhes enxugasse os corpos. Enfiaram as roupas, e puseram-se a caminho, sentindo-se bem dispostos e fortalecidos. Daí a pouco estavam na estrada real.

Eram dez horas da manhã, quando encontraram uma venda. Era uma casa rústica, com um vasto telheiro ao lado. Os viajantes, que já sentiam fome e cansaço, resolveram parar ali. Carlos lembrou-se de comprar algumas coisas de que tinha necessidade: uma faca, um pedaço de sabão, fósforos, um pouco de carne e farinha. Gastou nisso, resto do dinheiro. Juvêncio despendeu os dois mil-réis que possuía, adquirindo uma boa provisão de café e açúcar, e uma caneca. Perto, em frente a uma choupana de sapé, dois homens batiam feijão.

– Mas como vai você preparar o café se não tem um coador? – perguntou Alfredo.

– Já lhe mostro!

Dirigiram-se para o telheiro. Juvêncio arranjou um bom fogo, numa trempe formada por três pedras. Pediu ao vendeiro uma panela, e ferveu dentro dela uma porção de água. Deitou na água algumas colheres de pó e café, e deixou a mistura repousar. O pó depositou-se no fundo da panela, e o café, servido na caneca, foi saboreado, com grandes elogios, pelos viajantes, que já a esse tempo tinham comido a carne e a farinha.

De repente, Carlos exclamou:

– Que cheiro de enxofre!

– É, naturalmente, algum formigueiro que estão destruindo, perto – explicou Juvêncio.

Foram ver, e acharam um homem, agachado, junto da abertura do formigueiro, injetando nele com o auxílio de um fole a fumurada do enxofre.

Era uma hora da tarde. Continuaram a marcha mas logo adiante tiveram de parar. Chegaram a um braço de rio, não muito largo, mas profundo, atravessado por uma ponte de madeira. A ponte estava tomada por um carro de bois. O carreiro instigava os bois, dando gritos, e metendo-lhes a ponta da aguilhada; mas o carro não podia galgar uma diferença de nível que havia entre o caminho e o tabuleiro da ponte. Juvêncio ofereceu-se para ajudar o carreiro: tangeram juntos os bois, e safaram o carro.

O homem, vendo que Alfredo ia fatigado, propôs-lhe que se acomodasse sobre o carro. O menino, contentíssimo, empoleirou-se sobre a lenha. Fizeram assim uma légua, gastando quase três horas, pela lentidão com que marchavam os bois. Mas conversaram muito com o carreiro, homem expansivo e amável, que, separando-se dos três caminhantes, tudo fez para que eles aceitassem um quarto de requeijão fresco, saborosíssimo.

O carro chegou ao seu destino, e os viajantes continuaram a sua marcha através do sertão.

**A**ndaram mais uma légua, e chegaram a um sítio, a uma fazenda de criação de gado, à beira da estrada. Era quase noite, e, sem discussão, resolveram dormir ali. A princípio, pensaram em andar mais um pouco, e ir pedir pousada na casa da fazenda: mas estavam tão cansados, e a casa ainda devia ser tão distante, que deliberaram pousar no rancho deserto que encontraram: estariam mais em liberdade, e não incomodariam o fazendeiro.

Entraram, apanharam lenha, acenderam uma fogueira, e forraram com folhas secas o chão do casebre.

Enquanto Juvêncio e Carlos preparavam o jantar, Alfredo saiu, e adiantou-se alguns passos pelo campo. A essa hora, vinha o gado recolhendo. O céu ia pouco a pouco trocando a cor pálida do crepúsculo pela cor escura da noite. As estrelas começavam a palpitar no firmamento. Alfredo, encantado, contemplava os bois, os bezerros, as cabras, os carneiros que passavam, com a cabeça baixa, num tropel cerrado e confuso. Atrás do rebanho, vinha o vaqueiro. Era um homem de feia catadura, barbado. Avistando o menino, parou, mirou-o durante alguns segundos, e chamou-o. Alfredo hesitou, acanhado, mas animou-se.

– Quem é você? – perguntou o vaqueiro, com voz rude.

– Sou... sou... – titubeou o pequeno.



– Sou... sou... hem? É com certeza algum vagabundo. Não quero vagabundos aqui! afaste-se, afaste-se quanto antes!

Transido de medo, com os olhos cheios de lágrimas, Alfredo voltou ao rancho e contou aos companheiros o que lhes sucedera.

– Que maldade! – exclamou Carlos – enxotar-nos daqui, a esta hora! Que mal lhe fazíamos nós?!

– Ora, paciência! – disse Juvêncio. – Vamos levantar acampamento! Dormiremos no mato. A noite está boa.

Saíram, e enveredaram pelo negror da noite. Carlos ia acabrunhado, pensando na dureza daquele homem. Alfredo mal podia caminhar, e gemia. Cerca de trezentos metros adiante, avistaram uma luz, fixa e brilhante como a de um farol.

– Ali há uma casa. Vamos ver se nos dão pousada! – disse Juvêncio.

– Não protestou Carlos –, prefiro dormir no mato a sujeitar-me a ser expulso outra vez!

– Mas nem todos os homens são perversos como aquele bruto! – retrucou o rapaz. – Quem sabe? Talvez acharemos ali gente de bom coração... Se nos repelirem, paciência; mas o nosso dever é ver se arranjam um pouso. Olhe que seu irmão está quase caindo de cansaço, e não está acostumado a dormir ao relento!

Esta última razão bastou para vencer a resistência de Carlos. Felizmente, a casa não estava longe. Alcançaram-na com algumas passadas. Era uma construção baixa e modesta, mas muito limpa, tendo ao lado um curral de cabras, e mais adiante uma roça bem cuidada. Bateram à porta; acudiu logo ao chamado um homem ainda moço, simpático, que era o dono da casa. Juvêncio não se enganara: tinham encontrado gente de bom coração. O homem acolheu-os com afabilidade, e tratou de agasalhá-los do melhor modo possível, dando-lhes comida boa e abundante.

Quando estavam terminando a refeição, alguém bateu à porta, que se abriu para dar passagem a um visitante. Carlos, Alfredo

e Juvêncio não puderam conter um grito de alegre surpresa: o recém-chegado era aquele mesmo carreiro, com quem se tinham encontrado de manhã. Era irmão do dono da casa, e vinha também pernoitar ali, depois de ter depositado a lenha num sítio próximo.

No dia seguinte, Alfredo acordou com os tornozelos vermelhos e inchados. Ser-lhe-ia impossível continuar a viagem a pé, sem ter descansado mais algum tempo. O dono da casa declarou terminantemente que não o deixaria sair naquele estado: e a mulher começou logo a tratar o pequeno, lavando-lhe os pés com uma mistura de água quente, aguardente e sal.

Depois do almoço, o dono da casa e o carreiro saíram para o trabalho. Enquanto Alfredo ficava em casa, repousando, Carlos e Juvêncio foram a passeio, e internaram-se pelo mato próximo. Juvêncio sentia-se ali dentro como em sua casa, movendo-se e dirigindo-se com facilidade naquele intrincado de ramos e cipós.

– E se nos perdêssemos por aqui... – lembrou Carlos.

– Qual! Não vê como vou assinalando todos os lugares por onde passamos?

Efetivamente, de distância em distância, Juvêncio quebrava ou torcia um ramo, marcando assim, quase de passo em passo, o roteiro que seguia. O mato era rico de caça. O sertanejo, de vez em quando, mostrava a Carlos um rasto de animais no chão, ou apontava um pássaro grande pousado nos galhos altos de uma árvore:

– Ah! Seu Carlos! – exclamava ele. – Quem me dera aqui uma boa espingarda! Já não voltaríamos para a casa com as mãos abanando!

Quando chegaram à casa, encontraram o Alfredo bem disposto e alegre, conversando como Júlio, filho do proprietário, numa intimidade de bons camaradas.

Carlos e Juvêncio contaram o passeio, e falaram da abundância da caça que por ali havia:

– O que nos faltou hoje foi uma boa espingarda!

– Papai tem uma... – disse Júlio.

O dono da casa, que daí a pouco chegou, pôs logo a arma, que era excelente, à disposição do rapaz sertanejo. Ficou combinado que às três horas da tarde sairiam os três – Carlos, Juvêncio e o filho do dono da casa – para a caçada. Alfredo ficaria em casa...

– Não! – protestou logo o menino. – Já estou bom; não sinto mais dor nos pés, e posso ir com vocês.

Carlos tentou dissuadir o irmão desse propósito, que lhe parecia imprudente. Mas Alfredo teimou, e Juvêncio interveio:

– Não há dúvida... Vosmecê irá conosco até a entrada do mato, e aí ficará até que voltemos.

Jantaram à pressa, e partiram. À beira da floresta, Juvêncio limpou o chão à sombra de uma bela árvore, e aí acomodou o menino, recomendando-lhe que se não afastasse daquele lugar. Para que ele não se aborresse, o sertanejo armou uma arapuca, e disse:

– Vosmecê fique vigiando a armadilha: daqui a pouco, verá como vem cair dentro dela um passarinho...

E embrenharam-se os três pelo mato. Juvêncio ia adiante, andando devagar e com cautela, pisando de leve, sempre com o dedo no gatilho da espingarda, e olhando com cuidado para um e outro lado, examinando a espessura da floresta. Alguns passos atrás, com a mesma cautela e atenção, seguia Júlio. O último era Carlos, que, não habituado a excursões pelo mato, embaraçava os pés nos cipós, tropeçava nas raízes das árvores, caía, distanciava-se dos outros, perdia-os de vista, chamava-os. Juvêncio voltava-se, punha um dedo nos lábios, impunha-lhe silêncio.

Chegaram assim até perto de uma nascente de água límpida. Juvêncio parou um pouco, recomendou aos outros que se conservassem quietos, e, sem afastar os olhos de uma certa árvore que se levantava a poucos passos de distância, pouco a pouco e sorratamente se foi aproximando dela. Carlos, perplexo, olhava também a árvore, procurando o que nela havia, mas nada enxergava. Juvêncio levou a espingarda ao ombro, e fez fogo. Assim que reboou o estampido do tiro, caiu do alto das rama-gens um pássaro escuro e grande, do tamanho de uma galinha. Era um jacu. Daí a pouco, o rapaz matava outro jacu e uma cotia. Carlos, admirado, gabava-lhe a perícia, a certeza da pontaria, a calma...

– Ora, vosmecê ainda nada viu! Nós, que nascemos e vivemos no mato, nunca perdemos um tiro. Mas por hoje basta. Vamos procurar seu irmão, que já deve estar cansado de esperar...

Uma triste surpresa lhes estava reservada. Não acharam o menino no lugar em que o haviam deixado. Chamaram-no, gritaram por ele – em vão. Com seu faro de caçador, Juvêncio examinou o local, para ver que rumo teria Alfredo tomado, e reconheceu que ele tinha penetrado no mato:

– Olhe! – disse a Carlos – estas folhas aqui devem ter sido pisadas por ele. Vamos procurá-lo. Em todo o caso, é bom que o Júlio vá à casa; talvez seu irmão tenha voltado para lá...

Separaram-se de Júlio, e internaram-se de novo no mato, gritando de vez em quando: – Alfredo, Alfredo!... Mas não recebiam resposta, e continuaram a andar.

De repente, Juvêncio viu luzir, entre as voltas de um cipóal, o pelo arruivascado de um bicho. Apontou a arma, e fez fogo. Aproximaram-se, e... que horror! Viram uma onça-suçuarana, que estrebuchava, ainda com vida... Carlos tremia – já não por si, mas pelo irmãozinho, que andava por ali perdido, expondo-se a ser devorado por qualquer animal feroz. O próprio Juvêncio, apesar da sua calma, estava pálido – também pensando nisso. Continuaram, gritando e chamando sempre. O pior é que não tardava o cair da noite; dentro do mato já reinava uma meia-escuridão amedrontadora. Chegou um momento em que foram obrigados a parar: já nada viam, e não poderiam caminhar senão às apalpadelas...

Reconheceram que estavam também perdidos, sem saber que direção haviam de tomar. Juvêncio calava-se, aflito, e Carlos sentia um verdadeiro desespero.

– Não há remédio! – disse o sertanejo – devemos ficar aqui mesmo...

– E Alfredo? – perguntou Carlos, com angústia.

– Que havemos de fazer? Se estamos também perdidos... Vamos fazer fogo, e acampar. Talvez a gente de casa se assuste, e venha à nossa procura... – Juvêncio riscou um fósforo; fizeram fogo, e ficaram junto dele, acabrunhados, soltando de vez em quando altos gritos. Duas horas passaram-se, nessa aflição. Por fim, ouviram um grito longe, muito longe. Responderam. Ouviram o estampido de um tiro... Os gritos continuavam, de parte a parte. Os dos que vinham aproximavam-se cada vez mais, até que se ouviram distintamente duas vozes – a do carreiro e a do irmão... Eram eles, de fato:

– Vamos rapazes! Vocês sempre nos deram um susto tremendo!... O menino está lá em casa: chegou com o meu Júlio – disse o

fazendeiro. – O pequeno aborreceu-se, impacientou-se, e afastou-se da árvore junto da qual vocês o haviam deixado. Quis entrar no mato, mas teve medo, e começou a procurar a estrada, andando à toa. Felizmente, Júlio encontrou-o...

– Felizmente! – exclamou Carlos, com um suspiro de alívio.

**N**o outro dia, cedo, depois de abraçar o dono da casa, o Júlio e o carreiro, os nossos três viajantes puseram-se de novo em marcha. Estavam dispostos a avançar o mais possível, ansiosos por chegar a Vila Nova quanto antes. Não tinham já um vintém de seu; e a matalotagem que levavam só podia bastar para dois dias...

Às nove horas pararam, para descansar, numa encruzilhada do caminho. Aproximou-se uma tropa, carregada de couros, também com destino a Vila Nova. Juvêncio entrou logo em conversa com os tropeiros. Eram dois. Queixaram-se da falta que lhes fazia um companheiro, que fora forçado a ficar em caminho. Juvêncio ofereceu-se logo para substituí-lo, dizendo pronto a ajudar a condução dos animais. Carlos ofereceu-se também. Os tropeiros aceitaram a proposta de ambos, com uma condição: os dois rapazes receberiam, além da alimentação, quinhentos réis por dia.

Seguiram. A tropa era grande – doze animais, que foram repartidos em dois lotes, ficando cada um deles a cargo de um dos tropeiros, ajudado por um dos rapazes. Alfredo continuou a caminhar ao lado do irmão; mas o tropeiro condeou-se dele, e autorizou-o a montar um dos burros da tropa. Foi uma fortuna para o menino, que, sem fadiga, pôde assim suportar as quatro léguas que a caravana percorreu nesse dia.

No dia seguinte, venceram facilmente mais cinco léguas. Os viajantes conversavam, para “matar o tempo”. Os tropeiros falavam da sua vida trabalhosa, mas não se mostravam descontentes: o trabalho dava bom lucro – mais do que muitos outros, sobrecarregados de dificuldades e de impostos.

Ao anoitecer do segundo dia de viagem, chegaram a uma fazenda de criação. Aí devia parar a tropa. Juvêncio e Carlos receberam o seu salário, correspondente a dois dias de trabalho.

À vista daquele dinheiro – era o primeiro que ganhavam! –, ficaram contentíssimos. E pensaram logo em obter qualquer trabalho naquela grande fazenda, para arranjar mais dinheiro, com que pudessem fazer face às despesas do resto da viagem. Os tropeiros recomendaram-nos ao fazendeiro, que justamente estava começando a colheita do algodão, e precisava de trabalhadores. Ficou combinado que Carlos e Juvêncio ajudariam a colheita e ganhariam na proporção do que colhessem. Os dois rapazes atiraram-se ao serviço com um ardor extraordinário. Nas horas de menos forte calor, também Alfredo os auxiliava – muito orgulhoso por dizer que também era capaz de trabalhar. O certo é que colhiam, cada dia, tanto quanto os outros trabalhadores, que eram homens adultos e robustos. Até o fazendeiro estava admirado.



**C**orreu, então, uma semana, que foi de certa serenidade de espírito para os dois meninos. O trabalho, a preocupação, a fadiga, a novidade da vida foram derivativos para a mágoa que os oprimia.

Os dias eram de labuta extenuante; à noite, antes do sono profundo em que os mergulhava o cansaço, havia ainda a distração do sertão tranquilo que sucedia à refeição. Alguns dos tropeiros e dos trabalhadores da roça traziam os violões ao vasto terreiro que defrontava a casa da fazenda: cantavam as “modinhas” do sertão, cheias de saudade e melancolia; às vezes, justavam em “desafios”, e improvisavam quadrinhas de ingênua graça, provocando o riso dos presentes. Juvêncio, com a sua vivacidade habitual, também fazia parte do divertimento, e contava histórias rimadas, em que havia diálogos de homens e animais – brigas heroicas entre sertanejos boiadeiros, e disputas fabulosas entre a onça e o sapo, ou entre a cobra e o lagarto.

Os dois meninos apreciavam com encanto aquela inocente alegria dos trabalhadores. Alfredo, principalmente, entusiasmava-se com as histórias e os desafios. Carlos, de espírito mais ponderado, conversava às vezes com o fazendeiro, e procurava instruir-se. Interessava-se pela cultura do algodão, e elogiava a abundância da colheita durante esses dias.

– Ora! – protestou o fazendeiro – tenho uma pequena plantação... Nem imagina você o que é a abundância em outras fazendas. Agora, sou, principalmente, um criador de gado, e não me dedico muito à lavoura. Mas fui lavrador no Maranhão, e tenho parentes que possuem muitas plantações de algodão em Pernambuco. O que você está vendo aqui é apenas uma insignificância; para mim, o algodão não é a renda principal: é apenas um proveito mais, para não se desperdiçarem a riqueza do chão e o resultado dos pés de algodoeiro que estão ali.

– Porque a terra é muito rica?

– Muito rica. E o algodoeiro dá-se muito bem em todas as terras do Brasil, tanto no Norte como no Sul. O algodoeiro exige muito sol, muita luz.

– Mas o melhor algodão é o daqui?

– É o melhor de Pernambuco e de Maranhão, mas todo o algodão de todo o Brasil é excelente.

– Dá muito trabalho a lavoura?

– Não muito. Está claro que a produção é melhor quando a terra é bem revolvida, bem estrumada e bem irrigada, nas lavouras que empregam muito capital. Mas às vezes a lavoura é rudimentar, e nem precisa de arado. Corta-se o mato bravo, faz-se a queimada para destruir as raízes e limpar o solo, e abrem-se pequenas covas, pouco fundas, havendo entre elas a distância de metro e meio a dois metros. Cada cova recebe três ou quatro sementes. As sementes devem ser bem escolhidas, porque é da qualidade delas que depende a qualidade da colheita. As plantas aparecem logo ao cabo de seis a oito dias, depois da sementeira. Quando o pé chega até a altura de quase um metro, é sempre bom podá-lo, para dar força. Os algodoeiros chegam até o tamanho de cinco a seis metros de altura, e vivem oito anos e mais: e dão a primeira colheita já no oitavo ou nono mês de idade.

– E todo o algodão que é colhido no Brasil vai para o estrangeiro?  
– Há uma grande exportação. Mas grande parte das colheitas é aproveitada pela indústria do Brasil. Há umas fábricas de fiação no Brasil. Nunca viu uma dessas fábricas?

– Nunca.

– Pois procure ver. O trabalho é admirável. Cada usina de fiação e de tecelagem é um mundo de maquinismos e de operários...

Assim, em cantos, música e conversa, passavam os serões.

Tinham chegado à fazenda numa quarta-feira os três peregrinos. Na quarta-feira seguinte, receberam doze mil-réis – uma verdadeira fortuna para eles, que ainda na semana anterior nada tinham de seu.

Terminada a colheita, dispunham-se a partir, quando souberam que, dali a três dias, no próximo sábado, devia seguir uma boiada para Vila Nova. Propôs-lhe o fazendeiro que ficassem, para seguir com ela. Era um meio de ganharem mais dinheiro: Carlos aceitou a proposta com satisfação.

**N**o dia seguinte, quinta-feira, o fazendeiro mandou reunir o gado, para apartar as reses que deviam partir. O serviço foi feito à tarde: reuniram-se quinhentas cabeças de bois, vacas, novilhos e bezerros.

Era um gado gordo e bonito, de pelo fino e lustroso, grandes chifres esgalhados e retorcidos. Os animais vinham tangidos por seis vaqueiros – uns a pé, outros a cavalo, todos vestidos de couro: perneiras, gibões, coletes e chapéus de couro.

– Porque é que os vaqueiros não se vestem como nós? – perguntou Alfredo a Juvêncio.

– Por que têm de atravessar caminhos difíceis: e vestem-se de couro por causa dos espinhos que lhes romperiam quaisquer outras vestimentas. Quem viaja no sertão, onde não há lagos, nem rios francos, nem estradas largas, mas somente matagais cerrados, precisa de vestimenta especial..

O gado foi todo recolhido a um “pastinho”, que havia perto da casa da fazenda. O fazendeiro ordenou aos vaqueiros que comparessem no outro dia, bem cedo:

– Amanhã apartaremos as reses, e ferraremos os novilhos e garrotes.

Às seis horas da manhã de sexta-feira, começou o trabalho. As vacas e os bois que deviam seguir ficaram no “pastinho”. Para o curral vieram os animais que iam ser ferrados.

Acendeu-se uma grande fogueira de lenha; e os ajudantes puseram nela os ferros, para aquecê-los. Eram hastes de ferro, tendo numa extremidade duas letras também de ferro; a outra extremidade cravava-se num cabo de madeira. Alfredo notou que as letras eram um J e um P unidos.

– Que querem dizer aquelas letras?

– São as iniciais do nome do fazendeiro: João Pedroso – explicou Juvêncio.

Quando os ferros ficaram bem quentes, os vaqueiros foram buscar umas cordas fortes, de couro cru e torcido, tendo em uma das pontas uma argola de ferro, dentro da qual a corda corria, formando laço.

Um vaqueiro tomou logo uma dessas cordas, enrolou-as em várias voltas, e, segurando a ponta livre do laço, atirou-a na direção de um dos novilhos. A corda desenrolou-se no ar, e o laço foi cair certo sobre os chifres do animal, que ficou preso. O vaqueiro passou a corda em torno de um mourão, fincado no meio do curral, e foi puxando por ela. O novilho, assim que se sentiu laçado, começou a pular; mas o homem era forte, e o mourão estava bem firme no solo. Os outros vaqueiros tangiam o animal, que pouco a pouco foi sendo trazido para junto do toco, até ficar com a cabeça encostada ao mourão. Passaram-lhe a corda pelos chifres, ligando-os fortemente ao esteio; e, quando viu que a cabeça do animal estava bem segura, um dos vaqueiros prendeu-o pela cauda; outro foi buscar o ferro, que estava vermelho, em brasa, e assentou-o sobre o quarto direito da rês. Os pelos e a pele chiaram, despreendendo uma fumarada negra e um cheiro de carne chamuscada. O novilho arfou, quis saltar, e soltou um berro medonho, um urro de raiva e dor. Depois de uns quinze segundo, retiraram o ferro: as letras JP apareciam, num sulco escuro, sobre a anca do animal.

O serviço continuou rapidamente, sendo marcadas várias reses, até que foi laçado um novilho negro de pontas alçadas e finas.

Antes que o vaqueiro tivesse podido puxar o laço o animal arremeteu furioso contra ele, sacudindo a cabeça, e desprendendo-se da corda. Ligeiro e ágil como um toureiro de profissão, o homem desviou o corpo, e apadrinhou-se com o mourão. O animal arremeteu contra outro vaqueiro, que saltou fora do curral. O bicho estava como uma fera; e, vendo Alfredo, encostado à porteira, veio direito sobre ele. O menino, tomado de medo, conseguiu abrir a porteira, e deitou a correr; o novilho seguiu atrás dele, como um raio. Carlos, soltando um grito de horror, partiu em socorro do irmão. Os vaqueiros todos o imitaram... Mas o animal já estava quase alcançando o menino... Felizmente, Alfredo tropeçou e caiu: o novilho, cego de raiva, não pôde parar, com o impulso que trazia, e passou por cima dele... Mas, daí a pouco, voltou, e, desta vez, arremessou-se sobre Carlos, que quase foi apanhado pelas suas pontas aceradas. Todos os vaqueiros, porém, já tinham chegado: um deles, conseguindo segurar a cauda do animal, e dando-lhe um puxão violento, pôde atirá-lo ao chão...

**P**rofundamente abatido pelas terríveis comoções daquele dia, Carlos quis desistir do seu projeto de acompanhar a boiada.

– Nada! – disse ele a Juvêncio – já fiquei conhecendo bem os perigos a que a gente se expõe, neste ofício de lidar com bois bravos... Quase vi o Alfredo morto, e escapei também de ser mutilado pelos chifres daquele novilho... Para que havemos de arriscar a vida inutilmente? Não esperemos pela partida da boiada, e partamos hoje mesmo!

– Bem! – respondeu o rapaz sertanejo – não sigamos com a boiada, mas, em vez de partir hoje, partamos amanhã. Aproveitaremos o dia, para consertar nossas roupas que estão rotas...

Assim fizeram. Remendaram e coseram as roupas, e, no outro dia, despediram-se do criador, que lhes forneceu generosamente alguns víveres, e partiram.

Caminharam durante quase todo o dia, vagarosamente – para evitar a fadiga – e parando de quando em quando.

A estrada era boa, mas desabrigada, sem árvores, cortando terrenos despovoados e secos, muito castigados do sol. Os rapazes ofegavam e suavam, com as faces afogueadas pelo calor.

Ao cair da tarde, entraram numa região mais fresca, mais coberta de mato, e, ao mesmo tempo, mais cultivada. Sentia-se que havia habitações ali perto.

À beira da estrada, encontraram, numa encruzilhada, num sítio baixo, sombreado e triste, um ranchinho de telhas, aberto por todos os lados, abrigando uma cruz. Era uma cruz de pau tosco, já enegrecida pelo tempo, mas enfeitada com flores e fitas de papel.

Pararam todos: e Alfredo lembrou-se de já ter encontrado, várias vezes, pelo caminho, outras cruzes como aquela...

– Que quer dizer isto? – perguntou ele. – Desde Pernambuco, venho encontrando estas cruzes...

– Estas cruzes – explicou Juvêncio – marcam quase sempre os lugares onde mataram gente. Também, às vezes, marcam a sepultura de pessoas pobres, cujos corpos não puderam ser conduzidos para os cemitérios... Mas, em geral, quando se levanta uma cruz à beira da estrada, isso quer dizer que aí foi assassinada uma pessoa. Antigamente, cometiam-se por aqui muitos crimes: por qualquer causa insignificante, um indivíduo tirara a vida ao outro; e, naturalmente, os assassinos sempre praticavam as suas maldades em lugares ermos como este. Vinham esperar a vítima, e matavam-na a tiro ou a facada...

– E a polícia? – perguntou Alfredo.

– Ora, antigamente, quase não havia polícia por aqui. Era preciso que a vítima fosse alguma pessoa importante ou rica, para que as autoridades se abalassem. Na maioria dos casos, os criminosos ficavam sem castigo. Enterrava-se uma cruz no lugar em que o desgraçado tinha caído morto – e não se tratava mais do caso.

– Mas a cruz está enfeitada... – notou Carlos. – Quem a terá enfeitado?

– Foi o povo... Quando uma pessoa morre assim, caída da perversidade um malvado, o povo acredita que a alma dessa pessoa foi logo para o céu, e começa a fazer-lhe “promessas”: acende velas, e coloca flores no lugar em que se deu o crime; às vezes até se levantam capelinhas, onde o povo vem rezar...

– Que horror! – exclamou Alfredo. – E há sempre assassinatos?



– Ah! Não! Os tempos mudaram. Os costumes são outros. Agora são raros os crimes.

Continuaram a caminhar. Cem metros adiante a estrada subia, costeando um morro. Apareceram algumas casas, na colina; e, em breve, os viajantes chegaram a um pequeno arraial, formado por pouco mais de uma dúzia de habitações. A primeira casa do arraial era uma “venda”. Para aí se dirigiram os rapazes, e pediram ao vendeiro que lhes permitisse que se aboletassem debaixo de um telheiro ao lado.

Os viajantes dormiram tranquilamente, refazendo as forças exaustas pela caminhada. De manhã, dispunham-se a partir, quando Juvêncio lembrou:

– Não seria melhor ficarmos aqui hoje? Corre ali embaixo um pequeno rio... Aproveitaríamos a água, lavaríamos as nossas roupas, que estão bem sujas.

Carlos concordou. Na falda do morro, em frente à casa, corria de fato um riacho, entre moitas de ingazeiras. Juvêncio, sempre jovial, ampliou a ideia primitiva:

– Vamos passar todo o dia à beira da água. Além de lavar a roupa, podemos fazer uma pescaria.

Alfredo aplaudiu a ideia. Compraram sabão, anzóis, um pouco de carne seca, e dirigiram-se para a margem do riacho. A lavagem das roupas foi rápida: Juvêncio molhava-as, ensaboava-as, e passava-as a Carlos, que as esfregava e torcia, batendo-as sobre as pedras; Alfredo depois estendia-as ao sol, sobre os galhos baixos das árvores.

O sertanejo escolheu, então, duas vergõntes, duas varas finas e flexíveis, cortou-as, e atou à ponta mais delgada de cada uma delas um fio de dois metros de comprimento; e na extremidade de cada fio prendeu um anzol. Depois, começou a cavar com a faca a terra úmida da beira do rio.

– Que é que você procura aí dentro? – perguntou Alfredo, interessado.

– Procuo uma isca...

Apanhou na terra revolvida algumas dez ou doze minhocas, e enfiou uma delas em cada anzol, de modo a deixar a ponta deste escondida e invisível. Feito esse trabalho preliminar, encaminharam-se os três para a ribanceira, e pararam num ponto onde as águas eram mais calmas e o riacho parecia mais profundo. Juvêncio e Carlos empunharam as varas, e deixaram cair os anzóis, que se afundaram na água em virtude do próprio peso. E os dois, quietos, de cócoras, deixaram-se ficar imóveis, segurando as varas, estendidas horizontalmente.

Alfredo começou a mover-se e a falar, ao lado deles, fazendo-lhes perguntas. Mas Juvêncio impôs-lhe silêncio. Carlos, inquieto, desajeitado, mexia-se, agitava-se involuntariamente, distraía-se. Mas o sertanejo era um verdadeiro pescador. A sua atenção não se desviava do trabalho. Em certo momento, o rapaz, atento, sentiu que o anzol tremia, e compreendeu que o peixe estava beliscando a isca; moveu a vara ligeiramente, e, sentindo a resistência, deu-lhe um puxão rápido e forte, levantando-a. Carlos e Alfredo viram apenas luzir no ar um corpo prateado, que foi bater em cheio no chão, e principiou a pular: era uma piabanha, de um palmo de comprimento.

Nesse mesmo instante, Carlos sentiu também que o seu anzol tremia. Açodado, fez o que vira o companheiro fazer, e puxou a vara com violência: mas o peixe tinha comido a isca, e fugira.

Carlos ficou um tanto envergonhado: e Alfredo ria gostosamente, vendo a cara espantada do irmão.

Juvêncio pôs-se então a explicar que as primeiras qualidades do bom pescador são a paciência e a tenacidade. É preciso esperar o momento preciso em que se deve dar o safanão: ao contrário, o pescador arrisca-se a perder, ao mesmo tempo, a isca e o peixe...

Conversavam sobre isso, quando ouviram vozes que se aproximavam. Eram vozes de mulheres... Voltaram-se os três, e viram cinco mulheres, que desciam a ribanceira carregando grandes trouxas de roupa.

– Ah! Carlos! E eu estou sem calças! – exclamou Alfredo.

– Que tem isto? Deixa-te de tolices... Todos veem que és uma criança.

As lavadeiras tinham ouvido a exclamação do pequeno. Uma delas, já velha, vendo-o correr, e esconder-se atrás de uma árvore, deu uma risada, e disse por gracejo:

– Vejam lá que vergonha! Um homem assim, sem calças!

Outra, uma cabocla, de fisionomia expansiva, perguntou a Carlos, vendo-o com a linha de pescar:

– Já pescou muito?

– Não! Mas o meu companheiro apanhou um peixe, e nem sei o que hei de fazer dele...

– Deixe ver! – disse a lavadeira – é uma piabanha! E que bonita! Se quer, vou assá-la...

E estabeleceu-se logo uma conversa cordial entre os rapazes e as lavadeiras – mulheres simples, francas e hospitaleiras, como, em geral, todos os habitantes do sertão.

**D**entro em pouco, as cinco mulheres e os três rapazes formavam um só grupo.

A velha, a que gracejara com Alfredo, tomou o peixe e escamou-o em dois tempos, com grande admiração do pequeno, que nunca a supusera capaz de fazer aquilo tão depressa. Depois, a lavadeira acendeu fogo, arranjou um espeto, e enfiou o peixe, temperado com um pouco de sal, levando-o às brasas.

– Maria! – exclamou ela a uma rapariga, que, pela idade e pelas feições, parecia ser sua filha –, vai molhando essa roupa!

E, voltando-se para Carlos, perguntou:

– Aquelas roupinhas estendidas ali são de vocês?

– São.

– Estão corando?

– Creio que sim – respondeu ele, com um ar de quem não entendia muito daquilo.

– Pois, vou mandar enxugá-las...

E, depois de alguns momentos:

– Vocês de onde são, e que estão fazendo aqui?

Carlos não achou conveniente estar contando sua história a toda gente; e fazendo um sinal a Alfredo, para lhe indicar que não falasse, deu tempo a Juvêncio, que respondeu:

– Somos de Petrolina, e vamos até Vila Nova, e talvez mesmo até a Baía; estes meninos têm família na Baía, uns parentes do pai,

e querem ver se conseguem entrar em um colégio; e eu quero ver se arranjo um emprego.

Assado o peixe, a velha entregou-o a Carlos que o não queria aceitar. Ela, porém, insistiu:

– Aceite! Nós todas já almoçamos bem. Ah! Mas vocês não têm farinha... Oh! Maria! – gritou, voltando-se para a filha –, vai à casa buscar um pouco de farinha.

– Não, não é preciso! – acudiram os três rapazes.

– Vai, já te disse! É ali! – continuou, apontando uma casa que se via bem distinta, na encosta, defronte do ponto em que estavam.

Partiu a rapariga, e, dez minutos depois, estava de volta, com uma cuia de farinha. Mas, ao mesmo tempo que ela descia, por um lado, descia, pelo outro, o dono da venda, que, mal chegou à distância de ser ouvido, gritou:

– Olá! Rapaz! Que estás fazendo aí! – perguntou o vendeiro ao Juvêncio.

– Lavando umas roupas, e apanhando umas piabanhas, enquanto as roupas coram ao sol...

– Mas os teus companheiros não podem fazer isso sem o teu auxílio?

– Podem... Porque pergunta?

– Porque preciso de alguém que me leve já uma carta aqui adiante, ao arraial do Riachinho, no caminho de Vila Nova, e bem me podias prestar esse serviço, ganhando alguma coisa.

– A carta tem resposta?

– Não.

Juvêncio piscou um olho para Carlos, e respondeu ao vendeiro:

– Não há dúvida. Prepare a sua carta, que irei levá-la agora mesmo. E fique descansando que não há de queixar-se do portador!

Assim que o homem se afastou, o rapaz disse aos companheiros:

– Um negócio magnífico, hem?

– Por quê? – interrogou Carlos.

– Porque teremos de passar inevitavelmente por esse arraial, e, assim, aproveito a ocasião para ganhar algum dinheiro.

– Mas – objetou Carlos – o homem diz que a carta deve seguir já, e nós não podemos partir daqui sem que as nossas roupas tenham secado...

– Isso é o menos. Vosmecês ficam aqui. Eu sigo hoje, e dou conta do meu recado. Amanhã, quando tudo estiver pronto, vosmecês partem bem cedo, vão seguindo sempre o mesmo caminho direito, e encontram-se comigo em Riachinho.

– E com que roupa vai você?

– Vou com esta camisa velha, com esta calça molhada, que há de secar com o sol, e com o paletó de Carlos. Vosmecês levam o resto da minha roupa.

– Bem! mas como havemos nós de achá-lo lá no arraial?

– Ora! Um arraial não é uma cidade; não é o Recife, nem o Rio de Janeiro... Olhe: deve haver lá uma igreja, uma capela...

– Há, sim – acudiu a velha, que o escutara.

– Muito bem! Amanhã, do meio-dia para a tarde, ficarei à porta da igreja à espera de vosmecês.

– Eles só não irão – interveio rindo a velha – se eu os prender lá em casa – e apontou para a casinha. – E estou com muita vontade de fazer isto: quero guardar este vadio – e levou a mão aos cabelos de Alfredo – para o casar com uma velha que me criou...

Apareceu de novo o vendeiro, e entregou a carta ao Juvêncio. Os rapazes abraçaram-se, e Juvêncio, ao ver os outros comovidos, disse gracejando:

– Que é isto? a separação é tão curta! Eu não vou para um país estrangeiro...

Juvêncio ainda cumprimentou com a cabeça as mulheres, apertou a mão às duas que estavam no grupo, mãe e filha, e partiu.

Vendo partir Juvêncio, Carlos e Alfredo esqueceram as mulheres lavadeiras; sentiram-se sós e tomados de uma grande tristeza. O sertanejo fazia-lhes muita falta ao coração; amavam-no já como se fora um irmão. Demais, Juvêncio era a vida, a animação, a alegria do grupo. Tudo aquilo, agora, lhes parecia morto; o rio, o sol, as árvores, o céu, a corrente: tudo, sem o companheiro, se lhes mostrava torvo e triste. Foi a rapariga quem rompeu o silêncio.

– Mas que é isto? Parece que saiu daqui um defunto: estão todos tão tristes! Por que tanta tristeza?!... Pois amanhã não se encontram todos, outra vez?... Ora, vamos daí, vamos pescar...

– Sim – disse a velha –, vai, Maria! Tomo conta da roupa, e tu aproveita a linha e o anzol, e vê se apanhas algumas piabanhas, para o jantar. E vocês (para os dois rapazes) irão jantar em casa, dormirão lá, e partirão amanhã.

O resto do dia passou-se relativamente bem. As mulheres nunca estavam caladas, conversavam e cantavam sem descanso, contando histórias aos rapazes, que já escutavam com prazer. A rapariga pescava. As outras, batiam, ensaboavam, torciam, estendiam, borrifavam a roupa; e Alfredo acompanhava com interesse o trabalho das lavadeiras, com os braços nus, mostrando as veias salientes, e cobertos de espuma de sabão; divertia-se,



vendo a roupa, que, antes de ficar molhada, flutuava sobre a água do rio.

Carlos, ao lado da rapariga, acompanhava as peripécias da pescaria. Ela preparou o outro anzol, e ensinou-lhe a maneira de fugar o peixe:

– Quando sentir algum movimento no anzol, vá levantando e abaixando devagar a linha; e assim que sentir resistência, dê o puxão. Vamos! Experimente!

Carlos aproveitou tão bem a lição que conseguiu apoderar-se de dois peixes, que, com os outros já pescados pela rapariga, deviam dar um farto e excelente jantar.

Alfredo viu a velha tirar alguns objetos de dentro de um saco todo de couro, coberto de pelos espessos.

– Que saco é esse? – perguntou.

– É um surrão. – E como percebesse que o pequeno não entendera a resposta, explicou:

– O surrão é um couro inteiro de bode. Mata-se o bode, corta-se-lhe o couro junto da cabeça, e vai-se puxando pouco a pouco – com o mesmo jeito de quem tira uma meia do pé. Corta-se depois o couro, junto dos pés do bode, e ele sai inteiro; enche-se de palha, põe-se a secar ao sol ou ao vento, e obtém-se um saco como este; é só o que se usa no sertão.

– Mas esse saco deve cheirar mal...

– Cheira mal a princípio, quando está novo; mas, depois de curtido o couro, o cheiro desaparece.

No correr da conversa, a velha, sabendo que Carlos e Alfredo tinham dormido na véspera sob o telheiro da venda, insistiu para que fossem passar aquela noite em sua casa.

– Lá jantaremos! – disse ela. – Vamos, que já trabalhamos bastante, e ganhamos bem o nosso dia.

As lavadeiras recolheram as roupas, e os rapazes seguiram com elas.

O sol ia caindo... Longe, chiava um carro de bois. Uma aragem fresca sacudia as ingazeiras, e a água do riacho corria com um murmúrio suave a que se casava o canto dos pássaros.

**A** velha lavadeira era casada. Já o marido a esperava em casa. Assim que entraram, ela explicou a presença dos dois rapazes:

– Estes mocinhos são de Juazeiro, e vão para o arraial do Riachinho.

O homem, que era de Juazeiro, entrou a pedir notícias de vários moradores de lá... Carlos, vendo que ia ser apanhado em flagrante mentira, foi obrigado a contar toda a sua história. O homem ficou comovidíssimo com a triste narração.

– E vosmecês arriscaram-se a fazer essa viagem tão longa?

– Ora! – acudiu Alfredo – por que não? Eu até era capaz de vir sozinho!

– Deixa-te de bazófias! – disse Carlos, sorrindo – queres mostrar-te valente, e ainda hoje choraste, de medo, quanto te tiraram um bicho-do-pé!

– Porque doía muito! se você soubesse quanto doeu! e ainda está doendo!

De fato, nessa mesma manhã, Alfredo queixara-se de uma comichão do artelho; Juvêncio vira que o pequeno tinha um bicho no pé, e procurara fazer com todo o cuidado a extração.

Depois do jantar, os pequenos acomodaram-se. Já noite alta, Carlos percebeu que o irmão se agitava, choramingava, gemia. Apreensivo, levantou-se e foi apalpar o corpo do pequeno,

achando-o muito quente. Alfredo sentia dores vivas no pé. A ferida inflamara-se, o pé inchara e avermelhara-se.

Carlos, sem saber como havia de aliviar o irmão, esperou que amanhecesse, e passou o resto da noite entre sustos e reflexões tristes. Como resolver essa dificuldade? Alfredo, naquele estado, ardendo em febre, não poderia continuar a viagem... com que recursos contaria ele, Carlos, para salvar o irmão, naquele lugar quase deserto, sem médico, sem farmácia? Ainda se o Juvêncio ali estivesse... Porque, enfim, o Juvêncio era expedito, experiente, decidido, e achava sempre uma solução para todos os casos difíceis... Justamente, uma das coisas que mais preocupavam o espírito de Carlos era o encontro marcado com o Juvêncio no Riachinho. Que pensaria e que faria ele, quando não visse chegarem aos companheiros?

Amanheceu. Entrou logo, no aposento em que Carlos e Alfredo tinham passado a noite, a velha lavadeira:

– Que é isto? o seu irmãozinho está doente? – perguntou ela, a Carlos, sobressaltada.

Examinou a ferida, e tranquilizou-o:

– Foi porque não souberam tirar o bicho... Mas isso não é grave.

Lavou a ferida com aguardente canforada, colocou sobre ela uma cataplasma de tapioca também canforada.

Bento – o dono da casa – veio também ver o menino, mostrou-se extremamente penalizado, e disse:

– Não há gravidade, felizmente. Mas, agora, o remédio que há é ficarem aqui um dia ou dois.

Carlos quase lhe pediu que fosse ao tal arraial avisar o Juvêncio, e dizer-lhe o motivo da demora. Mas não se animou a fazer o pedido, porque o homem disse logo que tinha de enfardar uma grande quantidade de algodão, já vendido.

Com a aplicação dos remédios, Alfredo melhorou consideravelmente. As dores diminuiram logo, e a febre cedeu. O menino bebeu uma cuia de leite, e adormeceu.

Carlos, acompanhado pela rapariga, Maria das Dores, passou o dia ao lado dele, mais sossegado, mas ainda preocupado com as consequências da melhora. Era provável que Juvêncio voltasse, para saber o que era feito deles... Era provável, mas não era certo. E se não voltasse? E se continuasse a viagem sozinho, uma vez que não tinha o dever de se preocupar com a sorte de companheiros a quem mal conhecia? Esta ideia mortificou o espírito de Carlos: o Juvêncio era um companheiro tão bom, tão inteligente, tão conhecedor dos caminhos! Além disso, aquela convivência de poucos dias criara no coração de Carlos uma grande amizade por aquele excelente rapaz, tão bravo, tão carinhoso e tão serviçal...

No meio dessas cogitações, surpreendeu-o a voz da velha, que o chamava:

– Venha almoçar! Seu irmãozinho está sossegado, e você já deve sentir fome...

Carlos considerou que era realmente melhor não acordar o irmão; deixou-o dormir, e passou à sala, que era ao mesmo tempo de visitas, de trabalho e de jantar. Apesar da sua pobreza, o aposento tinha um ar alegre; os móveis, antigos e já sem verniz, estavam cuidadosamente espanados: o lampião de metal reluzia, de tão bem areado; na janela, dentro de uma pequena gaiola, cantava um curió.

O almoço era farto: feijão, carne de sol assada, bananas; mas Carlos comia maquinalmente, preocupado com a doença do irmão, e com as dificuldades com que ainda tinha de lutar até chegar à capital da Baía – dificuldades que maiores lhe pareciam agora, na ausência do providente Juvêncio.

Ia em meio ao almoço, quando se ouviu a voz de Alfredo, que despertara. Carlos correu ao quarto, e teve a satisfação de ver que o doente estava, sem dúvida, muito melhor.

– Então? Como te sentes?

– Muito bem! – respondeu o pequeno. – Já quase não sinto dor no pé.

– Queres almoçar?

– Quero, sim, que tenho bastante fome.

– Não te levantes. Vou buscar o teu almoço.

A dona da casa arranjou à pressa um almoço leve para o enfermo – um pirão de farinha, um ovo frito –, e disse à filha, Maria das Dores, que a fosse levar ao quarto.

Alfredo já vira, na véspera, a rapariga, à beira do rio. Mas, olhando-a entre tantas outras, não reparara bem nas suas feições. Agora, vendo-a entrar com o almoço, achou-a encantadora.

Maria das Dores era uma mocetona morena, quase cabocla, mas muito corada e de traços regulares. Tinha olhos negros, lábios finos mostrando uma fileira de dentes alvos e iguais, rosto redondo, testa estreita, cabelos muito lisos e pretos, atados no alto da cabeça. Tinha um ar de candura e de meiguice e, ao mesmo tempo, de simples e ingênua franqueza.

Entrou, deu o almoço ao pequeno, e começou a conversar com ele, que logo se sentiu atraído pela sua bondade.

– Então, ainda não está bom?

– Não estou bom, mas já estou muito melhor. Ora, eu, ontem, conversei tanto com você, e não lhe perguntei o seu nome!...

– Maria das Dores.

– Você não tem irmão?

– Tive um que morreu pequenino, de sarampo.

Daí a pouco, ia tão animada a conversação entre os dois que Carlos e a velha lavadeira ouviam lá dentro as risadas alegres de ambos.

– Aquela rapariga – disse a velha – é sempre assim. Tem dezesseis anos, e parece uma criança de oito ou dez. Está sempre falando, rindo, cantando. Nunca a vi triste... Saiu à avó, que era uma tapuia: quando tinha setenta anos, andava tão alegre, tão risonha como uma moça.

Tentado por aquela alegria, cujo ecoar chegava à sala, Carlos foi ver o que a provocava.

Ao entrar no quarto, encontrou o irmão, bem-disposto e com boas cores, sentado na cama, com o prato sobre as pernas cruzadas, ouvindo a rapariga, e rindo muito do que ouvia. Maria das Dores, sentada no chão, contava uma história em verso. Não se vexou com a entrada de Carlos, e continuou:

*No sertão de Cabrobó  
Havia um sapo casado:  
Na seca de 34  
Quase morreu de torrado...*

•••



Quando Maria das Dores acabou de contar a história do sapo, Carlos, sentado à beira da cama do irmão, falou daquilo que mais o preocupava.

– E o Juvêncio, Alfredo? Que dirá ele, se não chegarmos?

– Há um remédio – respondeu o pequeno –, vá você hoje encontrar-se com ele: eu irei amanhã...

– Não pode ser...

– Não pode ser, por quê? – perguntou Maria das Dores. – Seu irmão pode muito bem ficar aqui conosco. Não lhe hão de faltar cuidados.

– Não é isso! – explicou o mocinho – o que digo é que Alfredo não poderá ir sozinho até Riachinho. E quem sabe se amanhã já ele poderá caminhar? Não! Mais vale ficarmos ambos aqui...

E continuou, pensando em voz alta, torturado pela sua preocupação:

– Com certeza, o Juvêncio não continuará sozinho a viagem. Espera-nos hoje... Mas, vendo que não chegamos, há de compreender que aconteceu alguma coisa, e voltará para saber o que houve. Talvez amanhã o tenhamos por aqui... Ah! lembro-me agora... É natural que, se voltar, ele vá imediatamente procurar-nos na venda; e, como ninguém sabe que estamos aqui, pode ficar sem notícias...

E, voltando-se para a rapariga:

– Por onde se vai para a venda? é longe daqui?

– É muito perto. Já lhe mostro o caminho.

Maria das Dores levantou-se, e saiu acompanhada de Carlos. Foram até a porta da casa. O dia estava lindo e quente. A soalheira ardia.

A casa ficava num declive, na parte mais baixa. Em frente, havia o morro, de terra vermelha, pedras e barro, coberto de um mato ralo, de árvores crestadas e capim escasso, onde algumas cabras pastavam. À direita, havia um mato fechado; à esquerda, uma extensa plantação de mamoneiras e algodoeiros. Defronte da casa, no sopé do morro, levantavam-se algumas paineiras, altas e copadas, que espalhavam em torno uma larga sombra.

– Olhe! – disse a rapariga, estendendo o braço – siga por este caminhezinho, suba o morro, e depois desça: há de achar duas veredas. Tome a da esquerda, que vai dar na estrada real. Siga sempre para a esquerda, que há de logo encontrar a venda; se quer, vou acompanhá-lo.

– Não, não é preciso, disse Carlos. E pôs-se a caminho.

– Maria das Dores voltou para junto de Alfredo. Este, assim que soube que o irmão fora à venda, exclamou:

– Que tolice de Carlos! Pensa que eu não sou capaz de andar sozinho por essas estradas! como se eu não soubesse ir daqui ao Riachinho!

– Mas note que é longe...

– Que é que tem? De mais longe viemos nós... Viemos do Recife!

– Eu não conheço o Recife... – disse a rapariga.

– Ah! É uma bela cidade! Quando saímos de lá à procura de papai...

Neste ponto, Alfredo parou, e levou a mão a testa, cerrando os olhos.

– Que é – perguntou Maria das Dores. – Está sentindo alguma coisa?

– Não! Não é nada! – disse o pequeno, enxugando as lágrimas.

É que, ao pronunciar o nome do pai, Alfredo lembrara-se da sua figura, tão nobre, tão simpática, tão carinhosa, e sentiu que uma nuvem de pranto lhe toldava o olhar.

Passou-se esse dia, passou-se o segundo, passou-se o terceiro, sem que Juvêncio aparecesse. Carlos ia à venda à procura de notícias, e voltava sem elas, apreensivo e desanimado.

Uma ideia fixa o perseguia: “Quem sabe se aconteceu alguma desgraça?”, pensava. “Quem sabe se o Juvêncio se viu envolvido em algum barulho? Quem sabe se está preso?”

Vejamos o que acontecera a Juvêncio. Tendo recebido os dez tostões, para levar a carta à Vila de Riachinho, o rapaz pusera-se a caminho sem perda de tempo. Era uma hora da tarde, quando partiu; às seis devia estar na vila. Em caminho, parou um pouco, por volta das três horas, à procura de água com que matasse a sede. Não havia casas à vista: o lugar parecia inteiramente deserto. Mas, para um sertanejo como ele, isso não era motivo de desânimo.

Juvêncio observou com atenção o local. A estrada seguia por um meio declive, e fazia uma grande volta, rodeando um mato, que lhe ficava para o lado de baixo, à esquerda do rumo que levava o rapaz. Do outro lado erguiam-se dois morros pelados. E Juvêncio pensou: “Se o caminho faz este rodeio é porque aí dentro da mata existe algum obstáculo, que o obriga a desviar-se, e esse obstáculo é, com certeza um rio, um córrego, que passa bem perto talvez”. Continuou a marcha, reparando bem para o lado esquerdo, e pouco depois descobriu uma batida que entrava para o mato; enveredou por ela, e, umas cinquenta braças adiante, estava à beira de um ribeirão manso e profundo, de águas frescas e puras na sombra quieta do arvoredado. Era agradável o sítio, principalmente para quem vinha escaldando sob o sol das três horas da tarde; e Juvêncio, depois de fartar a sede e refrescar longamente as mãos, o rosto e os pés na água da corrente, acompanhou-a um

pouco, entretido a ver as piabanhas que surgiam aqui e ali, à tona da água, e a mirar as raízes grossas e nodosas que, descendo a escarpa da ribanceira, iam até o fundo do ribeiro. Teria ele dado uns vinte passos, e deu com uma clareira, larga e limpa, cujo relvado o sol brunia e destacava no sombrio do bosque. Aí, o terreno descia suave para a corrente; as águas espraivavam-se, e via-se o fundo arenoso do córrego. Era um passo, era um ponto onde homens e animais podiam facilmente atravessar a corrente. Mas o rapaz não tinha folga para fazer maiores explorações, e não pensou em transpor a água; cortou a clareira no mesmo sentido em que vinha, e deu com um outro trilho que partia para cima, para fora do mato, mas numa direção quase oposta. Tomou por ele, calculando que iria dar na estrada real; e de fato, minutos depois, estava de novo no caminho, que reconheceu perfeitamente por ver os morros pelados para o lado de cima. Sucedeu com isto, apenas, que o rapaz veio sair uns trezentos metros adiante do ponto onde deixara o caminho, e atalhou assim uma boa distância.

Às seis da tarde, estava Juvêncio na Vila do Riachinho, e não lhe foi difícil acertar com a casa do indivíduo a quem vinha destinada a carta. Era um negociante, juiz de paz da vila.

**E**ntregue a carta, Juvêncio comprou um pão, jantou frugalmente, e, recolhendo-se sob um alpendre que havia na Praça da Matriz, ali passou a noite.

Ao amanhecer, percorreu com descanso as duas ou três ruas da vila, para matar o tempo, e ao meio-dia foi postar-se à porta da igreja à espera dos companheiros. Só se afastou daí para jantar: jantou numa venda, ali perto, e, enquanto comia, não perdia de vista a igreja. Mas a espera foi baldada. Passou-se a tarde, passou-se a noite, e os companheiros não apareceram. Juvêncio, aborrecido, andou passeando sem destino, e recolheu-se de novo ao alpendre, onde já passara uma noite.

“Que terá acontecido?”, pensava. “Ter-se-ão eles perdido no caminho? Talvez não... talvez a roupa não tenha ficado enxuta, e eles tenham adiado a viagem para amanhã.”

A madrugada veio encontrá-lo já de pé. Não sabendo como matar o tempo, interessou-se pelo movimento das ruas. Assistiu à partida de uma tropa, e chegou a ajudar os tropeiros. Depois, foi até a porta de uma escola pública, e presenciou a chegada dos alunos, pobremente vestidos, mas limpos; levavam nas sacolas os livros e a merenda. Em seguida foi ao mercado da vila, onde os vendedores de hortaliças se reuniam. Às onze horas, postou-se de novo à porta da Matriz; as horas continuaram a correr, monótonas e tristes...

Sentado num poial, o rapaz começava a cochilar, quando ouviu uma grande gritaria. Uma pobre velha atravessava a praça, perseguida por alguns desocupados, que a apupavam:

– Maluca! Maluca!

A pobre velha nada dizia, e ia caminhando, ofegante, com a cabeça baixa e os passos trôpegos.

– Maluca! Maluca! – berravam os garotos.

Um deles apanhou no chão uma pedra, e arrojou-a sobre a desgraçada. A pedra passou-lhe por cima da cabeça, e veio cair a poucos passos de Juvêncio. O sertanejo, indignado contra a covardia dos perseguidores, levantou-se e tomou a defesa da velha.

– Que é que você tem com isto, seu atrevido? – perguntou-lhe desafortadamente um dos vadios, rapaz de dezesseis ou dezessete anos. Juvêncio mirou-o, e os seus olhos fuzilaram de raiva e desprezo:

– Você não se envergonha do que está fazendo?... que mal lhe fez esta pobre mulher?... Você é que é um malvado e um covarde!

O rapazola, que era forte e sacudido, avançou e atirou-se para Juvêncio, disposto a sová-lo. Juvêncio esperou-o, e, desviando rapidamente o corpo, recebeu-o com um soco, que o atirou a quatro passos de distância. O valentão voltou à carga, meio tonto, e o sertanejo, ágil como um gato, segurou-lhe a cintura, pelas costas; mas o malvado era forte, e os dois rolaram no chão, esmurrando-se. Nisto, acudiu gente da venda fronteira, em auxílio de Juvêncio, e o vadio agressor teve de fugir, para não sofrer maior castigo.

Ao meio-dia, Juvêncio, com a roupa rasgada, estava outra vez sozinho à espera dos meninos. Sentia bastante ter estragado a roupa, que era a única, mas ao mesmo tempo estava satisfeito por ter dado uma boa lição ao atrevido. Às três horas da tarde, a sua preocupação aumentou: “Não! Não era natural aquela demora! Com certeza, alguma coisa tinha havido!...”

Quando anoiteceu, o sertanejo resolveu partir para o lugar em que havia deixado Carlos e Alfredo. Não podia mais suportar aquela incerteza. A noite devia ser de luar, e a viagem era curta...



**R**efletindo que certamente sentiria fome durante a caminhada, Juvêncio foi comprar um pão. Mas, quando meteu a mão no bolso, não achou um só vintém: os cinco mil-réis, que eram toda a sua fortuna, tinham desaparecido... Com certeza, tinham caído do bolso, durante a luta.

O rapaz, desanimado e quase chorando, afrouxou os dedos, e ia deixando o pão sobre a tábua do balcão da venda.

– Que é – perguntou o vendeiro –, perdeu o seu cobre?

– Perdi...

– Bem! leve o pão! Não há de agora passar fome, além do desgosto de ter perdido o seu dinheiro! Leve o pão, e traga o dinheiro amanhã.

Juvêncio agradeceu a bondade daquele homem, que nele confiava sem o conhecer, e aceitou o favor. Esteve ainda algum tempo, às apalpadelas, procurando o dinheiro no chão da praça, mas não o encontrou. Resignou-se, e pôs-se a caminho.

Seriam, mais ou menos, nove e meia da noite, quando, já no meio da estrada real, tendo andado cerca de uma légua, o rapaz sertanejo ouviu atrás um tropel de cavalos, cujos cascos soavam alto sobre as pedras do caminho; e, daí a pouco, foi alcançado por eles. Vinham dois homens montados; e, além dos cavalos que montavam, traziam mais dois, pela arreata. Quando avistaram

Juvêncio, saudaram-no, e perguntaram-lhe se tinha encontrado outros viajantes por ali.

– Não – disse ele –, não encontrei viva alma!

– E para onde vai a esta hora?

– Vou ali adiante, àquele sítio, onde está a venda do Lima.

– Ah! Também vamos para lá. Não quer montar um destes cavalos?

Juvêncio aceitou com grande prazer a proposta. Apanhou o cabresto de um dos animais, arranjou-lhe um barbicacho, quebrou um galho de árvore para empregá-lo como chicote e de um salto equilibrou-se sobre o cavalo.

Caminharam algumas quinhentas braças sem novidade. Mas, na primeira encruzilhada, saíram-lhes ao encontro três indivíduos, também montados. Saltaram ao chão, e foram empunhando as garruchas que traziam a tiracolo.

Mas os dois meliantes deram logo de rédea para trás e desapareceram a galope, fugindo. Dois dos recém-chegados partiram a toda a brida, a persegui-los: o outro atirou-se sobre Juvêncio, agarrou-o, e jogou-o ao chão. Depois, apeou-se, e agarrou fortemente os braços do rapaz, de modo a tolher-lhe todos os movimentos. Ao mesmo tempo, dirigia-lhe injúrias:

– Ah! ladrão! tão criança, e já ladrão! Tu não tiveste pai que te ensinasse o bom caminho, desgraçado?

O pobre Juvêncio, aturdido com a queda, apenas vagamente compreendia o que lhe acontecera... Via que caíra numa cilada: os dois sujeitos eram ladrões de cavalos; estavam com medo de serem apanhados, e queriam andar depressa: por isso, pediram-lhe que montasse um dos animais...

– Eu não sou ladrão! – gritou o rapaz.

Ao longe, ouviam-se tiros de garrucha...

— **N**ão sou ladrão! — continuava Juvêncio.  
— Deveras? — dizia o sujeito, com ironia.

— Juro que não sou ladrão! Nem conheço aqueles homens! Nem sou daqui!

Ouviu-se um tropel de cavalos, e reapareceram os dois cavaleiros, que tinham partido em perseguição dos ladrões.

— Os salteadores fugiram; internaram-se pelo mato! — gritou um deles, ainda de longe.

— E que é do cavalo, que eles levavam pelo cabresto? — perguntou o que ficara com Juvêncio.

— Disparou, e não o vimos mais.

— Bem! enfim, sempre apanhamos um dos patifes, e o coronel há de ficar contente!

Juvêncio estremeceu, ouvindo isso. Sabia bem quanto é terrível, às vezes, a gente do sertão: voltando-se para o homem que acabava de falar — um sujeito gordo, barbado, já meio idoso —, disse com voz firme:

— Juro ainda uma vez que não sou ladrão, e que não conheço aqueles homens!

— Sim? E então como se explica que o tenhamos encontrado com eles, montando um cavalo roubado?

Juvêncio contou toda a história do seu encontro com os ladrões.

– Ora! deixe-se de histórias! – acudiu o homem. – Você vai seguir conosco, e lá na fazenda se explicará!

Seguiram – os dois a cavalo, e Juvêncio a pé, entre eles, vigiado – pela mesma estrada por onde tinham aparecido.

Correram, durante cerca de hora e meia, e chegaram à fazenda do coronel.

O coronel estava dormindo, mas foi chamado, e levantou-se logo. Juvêncio, ainda com as mãos atadas, foi levado à sua presença, e um dos sujeitos, o mais velho, começou a relatar o que sucedera.

O fazendeiro, ouvindo-o, não tirava os olhos de sobre o rapaz, – uns olhos duros, pardos, frios, sombreados por espessas sobrançelas. Juvêncio, olhando-o também, tremia de medo: aquele homem tinha na face uma expressão de maldade feroz... Era um velho sertanejo, queimado do sol – cabelos grisalhos, duros e maltratados, uma barba rala e desigual, pele enrugada como um couro franzido.

O homem concluía o seu relatório:

– Os ladrões eram três. Infelizmente, só pudemos apanhar este...

– Sim! – rugiu o patrão. – E os cavalos? Nem os cavalos, nem os ladrões! E é assim que vocês sabem cumprir as minhas ordens e cuidar dos meus interesses? Vocês são tão bons como eles!

– Fizemos o possível! e um dos ladrões está ferido... fiz fogo sobre ele, e ouvi um gemido. Fique tranquilo: havemos de apanhá-los! E este pequeno, que é filho ou não sei quê de um deles, há de dizer-nos onde os poderemos achar!

– Como não? – bradou o coronel – há de dizer tudo! Diga já!

Juvêncio exclamou ainda, com toda a sua força de alma:

– Nada posso dizer, porque nada sei! Não sei quem são aqueles homens!

– Bem! Veremos! Ficará preso, num quarto escuro, e amanhã há de confessar. E será espancado, até confessar!

Juvêncio foi levado a um pequeno quarto, ao fundo da casa, junto da cozinha.

Ficando só, pôs-se a pensar na sorte que o esperava: ser espancado todos os dias, até que se decidisse a confessar... A confessar o quê? Um crime que não praticara?! Que ia ser dele, ali, desamparado, sem uma só pessoa que lhe valesse? Que fazer? Dizer quem era, e pedir que mandassem tirar informações, a seu respeito, na sua terra? Mas o padraço ficaria conhecendo o seu paradeiro, e viria buscá-lo: e seria, de novo, o cativo, a tortura, a desgraça...

O rapaz tanto pensou que, de repente, uma ideia vaga e indefinida a princípio, e precisando-se e acentuando-se pouco a pouco, começou a formar-se no seu cérebro.

Juvêncio concentrou-se, refletiu, e não conteve um grito de triunfo: tinha achado o meio de salvar-se!

**I**a alto o dia, quando entrou no quarto um dos criados, trazendo um pequeno pedaço de carne, um pouco de farinha, e uma banana; – já Juvêncio estava completamente transformado, calmo, e quase alegre. Espantou-se o criado, ao verificar aquela mudança, e ia abrir a boca para interrogar o rapaz, quando este lhe disse, no tom mais natural:

– Ouça! diga ao seu patrão que estou disposto a confessar tudo. Ele que venha cá, se quer saber onde estão os seus cavalos.

– Mas, menino! – exclamou o homem, indignado – você ainda agora não jurava que era inocente?!

Doeu-se Juvêncio, vendo-se assim tratado por mentiroso e hipócrita: esteve para contar o que pretendia fazer – todo o seu plano de salvação. Mas receou perder-se, e suportou com resignação a imerecida ofensa.

Momento depois, entrava no quarto o coronel, sempre áspero e antipático, mas com a fisionomia denotando a mais viva curiosidade.

– Ah! velhaco! sempre te decidiste a confessar? Ora vamos a isso! Então, os meus cavalos?

– Sr. Coronel! – começou o rapaz, procurando dar à voz um tom natural – confessarei; mas peça-lhe que me proteja, porque aqueles malvados, se sabem que eu os traí, são capazes de matar-me...

– Não tenhas medo!

– Não sou filho de algum daqueles homens...

O coronel franziu a testa...

– ... Sou sobrinho de um deles.

E estavas em companhia deles, quando me furtaram os cavalos?

– Não, senhor. Eu estava guardando outros dois cavalos, perto do Angico, e esperando um outro companheiro, que tinha ido a Vila Nova.

Já se interessava o coronel...

Juvêncio prosseguiu:

– Nós somos de Pernambuco. Já andamos por aqui três vezes. Eles são quatro...

– São quatro? – interrogou, ansioso, o fazendeiro.

Juvêncio, obedecendo ao plano que formara, continuou a contar o seu romance, todo inventado:

– São quatro. Quando aqui estiveram, das outras vezes, furtaram seis cavalos, passaram o Rio São Francisco, abaixo de Juazeiro, e foram vender os animais em Pernambuco, lá para os lados do Triunfo. Agora, naturalmente, vão fazer o mesmo. Andamos por estas bandas há uns dez dias...

E descreveu minuciosamente a viagem, de Juazeiro até ali, para provar que dizia a verdade. Depois:

– Chegando aqui, trataram de saber quais os animais que poderiam furtar. O primeiro animal furtado foi uma besta muito boa, que encontraram no Angico. Saíram com ela, mas a besta fugiu. Seguiram então dois, o Pedroso e o Texugo, para os lados de Vila Nova. Viram bem o que podiam roubar aí, e voltaram para combinar com os outros o ponto de encontro. Enquanto esses andavam por lá, meu tio e o Zé-Mano escolheram no mato um lugar em que pudessem armar um rancho; o lugar escolhido fica légua e meia para cá do Angico, junto do caminho que vai do Riachinho para o Angico e segue depois para o Juazeiro.

Ao dizer isso, Juvêncio não falava no ar; referia-se ao caminho por onde viera e descrevia lugares que bem conhecia. Lembrava-se daquele mato em que entrara, havia dois dias, para beber, e via na memória todo o local: a grande volta do caminho, o trilhozinho por onde viera até o ribeirão, o passo que aí havia, a clareira, e o outro trilho por onde saía até a estrada.

– E você não foi com eles? – perguntou o fazendeiro.

– Desta vez fui. Depois de escolhido o lugar para o rancho, voltaram para o Angico, e lá esperaram os outros que tinham ido a Vila Nova. Chegaram no dia seguinte, trazendo dois cavalos: um é o que está aqui, e o outro é um “ruço”, em que meu tio ia montado. Meu tio, que é o chefe do banco, indicou-lhes bem o lugar em que tinha feito o rancho; separamo-nos, anteontem, pela madrugada. Meu tio e o Zé-Mano vieram furtar os animais daqui, enquanto o Pedroso e o Texugo foram ver se furtavam mais alguns adiante de Vila Nova.

– E você?

– Fiquei, com os dois cavalos já furtados, em uma capoeira alta, que há perto do Riachinho. Meu tio e o Zé-Mano foram ter comigo na noite de anteontem para ontem. E íamos recolher os animais ao rancho, quando fomos apanhados na estrada...



— **A**h! — exclamou o coronel, interrompendo o rapaz sertanejo — então, não será difícil encontrá-los reunidos no tal rancho!

Juvêncio pensou, consigo mesmo: “Caiu no laço!” E disse em voz alta:

— Creio que é quase certo! Pode pegá-los hoje mesmo!

— Bem! — disse o fazendeiro. — Já sei o que vou fazer! Vou mandar reunir uns doze homens decididos, e você irá com eles, para lhes indicar o lugar.

— Mas — exclamou o rapaz, fingindo-se aterrado —, assegure-me a vida, por quem é! Estou pronto a ensinar o caminho, e a fazer tudo para que possa deitar a mão não só aos cavalos, mas também aos ladrões... Mas não me deixe desamparado, que eles são homens vingativos e rancorosos, e, se me pegam, estou morto!

— Não tenhas medo! vais com a minha gente, e voltas com ela!

E gritou:

— Felipe!

Chegou imediatamente Felipe, a quem o coronel ordenou:

— Toma conta deste pequeno! és responsável por ele.

E saiu.

Ficando só com Juvêncio, Felipe olhou-o com certa desconfiança e ressentimento. Isso mortificou de novo o rapaz, que lhe perguntou, com voz triste:

– Tem filhos?

– Por que é que você me pergunta isso? Tinha um, que está no céu, há doze anos; e, antes assim! Antes morto do que vivo e ladrão de cavalos!

Juvêncio continuou:

– Ouça, Felipe! tem sido bondoso comigo, e dói-me muito que me julgue ladrão. Pelo amor que teve ao seu filho, creia que sou inocente! Ainda um dia há de saber que nunca fui ladrão!

– Sim? – perguntou Felipe, incrédulo – o que quer dizer o que você contou ao patrão?

– Estou buscando o meio de salvar-me. Que importa o meio que emprego, se com isso não faço mal a alguém? O que lhe peço, por tudo quanto possa haver de sagrado para o seu coração, é que não diga que menti ao coronel. Deixe-me ver se consigo sair desta aflição!

– Fique tranquilo! não sou homem capaz de fazer mal aos outros!

– Outra coisa! – acrescentou Juvêncio – peço-lhe que não vá, hoje, com os que vão fazer a diligência...

– Que diligência?

– A diligência dos que vão hoje partir à caça dos ladrões.

– Ah! Nunca faço parte dessas expedições: sou criado particular do coronel, e nunca saio de casa.

Juvêncio almoçou, e dormiu, à farta, até duas horas da tarde. Quando acordou, aproximou-se da janela gradeada do quarto, e viu que havia no terreiro um grande movimento de gente a quem o coronel dava ordens. Compreendeu que já se estava organizando a expedição. Veio sentar-se sobre o banco, e começou a refletir, assentando bem o seu plano, combinando bem os recursos de que podia lançar mão.

Daí a pouco entrava o fazendeiro:

– Está tudo pronto! Você jantará, e partirá imediatamente com os meus homens. São doze: quatro irão a cavalo, e os outros a pé; você irá na anca de um dos cavalos. A que distância fica o tal rancho?

– A três léguas mais ou menos.

– Então, é preciso não perder tempo. Saindo daqui às três e meia, podem estar lá às seis horas. Chegam, param a pequena distância, esperam que anoiteça, dão cerco, e apanham a canalha. Mas veja bem! tome tento no que lhe digo! Não procure fugir, não arme uma traição, não me queira enganar, porque, se o fizer, está perdido!

Juvêncio jantou, e foi confiado a Venâncio – o mais velho dos homens que o tinham trazido à fazenda.

Montaram, e dispuseram-se a partir, ouvindo as últimas recomendações do coronel:

– Sigam sempre pela mesma estrada, por onde vieram com esse pequeno, até a encruzilhada, e tomem depois a estrada do Angico. Daí por diante, o pequeno há de indicar-lhes o caminho, até o rancho. Mas tomem cuidado com ele: não o percam de vista!

Partiram. Às quatro horas e meia, chegaram à encruzilhada. Juvêncio ia à garupa do cavalo que o Venâncio montava.

Tomaram a estrada do Angico. Quando Juvêncio viu que tinham chegado perto do lugar que indicara, no ponto em que começava a avistar os dois morros pelados, disse a Venâncio que era bom suspender a marcha.

Pararam todos. Eram quase seis horas da tarde, mas ainda havia muita luz. Afastaram-se um pouco do caminho, e abrigaram-se por trás de um grupo de árvores, um pouco antes do mato grande. Ficaram aí até quase as sete horas. Ainda não era bem noite fechada, e o céu estava limpo, mostrando já duas ou três estrelas, que apenas luziam; a lua só devia sair lá para as oito e meia.

– Podemos seguir! – disse Juvêncio.

Tocaram os animais, tomaram o caminho; agora, Juvêncio seguia a pé, e marchava, fingindo uma grande atenção, afiando

o olhar para um e outro lado. Ficaram todos silenciosos, e, aproximando-se do mato fechado, disse Juvêncio, ensurdecendo a voz:

– É aqui dentro, um pouco para baixo. Assim que eles chegam aqui – e o rapaz apontava para um trilhozinho que mal se via na luz escassa do crepúsculo –, descem dos cavalos, e entram por esta batida, que vai dar numa abertura, junto do ribeirão que passa dentro do mato; atravessam o ribeirão, num passo que fica mesmo aí, e estão no rancho, que é logo ao pé, um pouco para a direita do passo. Os animais ficam amarrados numa aberta maior, que há um pouco para lá do rancho...

Então, começou Venêncio a dar ordens:

– Bem! Chico, você fica aqui fora com os cavalos; o melhor, até, é ir com eles para aquele capãozinho onde estávamos, e esperar-nos lá. Os outros vêm comigo, cada um com a sua garrucha pronta.

Dizendo isto, Venêncio empunhou logo uma pistola que trazia, e enveredou pelo cerrado, guiado por Juvêncio. Na sombra da mata a noite era completa.

– Se pudéssemos acender uma lanterna!... mas é arriscado; podem ver-nos e fazer pontaria na luz – considerou baixinho o comandante da expedição.

– Não é preciso – ajuntou Juvêncio –, sei o caminho: é só tomarmos para baixo, e iremos dar no ribeirão.

E lá seguiram, tateando, mudos e cautelosos. Uns quinze minutos depois, reconheciam os da frente, pela natureza do terreno e pelo murmúrio da água, que estavam à beira do córrego.

– Vamos seguindo o ribeirão para a esquerda, até encontrar a clareira – aconselhou o sertanejo.

Na margem do ribeiro, o chão era quase limpo de folhagens, e os homens caminhavam com maior facilidade. Logo adiante, sentiram o terreno coberto de relva; estavam na clareira.

— **É** aqui! — murmurou Juvêncio com solenidade. Pararam todos, e chegaram-se uns para os outros, formando um feixe de homens. Venâncio falava baixinho, ao ouvido, quase, dos seus homens:

— Vocês três, Zé Pedro, Januário, e João Fazenda, ficam aqui, e, pelo sim, pelo não, guardam este laço e esta lanterna. Foice numa mão, e garrucha na outra! E nós, vamos atravessar a água — disse para os outros.

— Acho bom tirarmos as calças, porque o passo é meio fundo: dá água até a cintura quase — aconselhou Juvêncio.

— Sim! — concordou Venâncio, e foi logo, como os outros, safando as calças e atando-as à cintura: mas ainda não tinham acabado este preparativo, e já o rapaz entrava na água.

— Espera! — murmurou, áspero, Venâncio.

— Sim! — acudiu a voz apagada de Juvêncio.

Disse “sim” mas continuou. A treva era completa. A sombra espessa do arvoredado, a noite negra, sobre a superfície trêmula da corrente, tornavam impossível distinguir-se qualquer coisa. Venâncio, seguido de perto pelos seus homens, dirigiu-se logo para o passo, e avançou com o braço estendido, tateando, à procura do rapaz. Este, porém, não o esperara; entrara na água até o meio da passagem, e, em vez de buscar a outra margem, tomou

pelo leito do ribeirão; a água chegava-lhe até o peito. Deu vinte passos, e, voltando-se para a margem de onde viera, agarrou-se à primeira raiz que encontrou, e ganhou a terra firme outra vez.

Estava Juvêncio desembaraçado dos seus terríveis guardas, mas ainda não se sentia livre; queria ver-se na estrada. Nisto, ouviu um sussurro de falas; percebeu a voz rude de Venâncio, que o chamava baixinho, já meio impaciente.

“Preciso safar-me”, pensou o rapaz: “podia trepar a uma destas árvores e passar aí a noite, que eles não seriam capazes de descobrir-me, e, com a luz da manhã, sair daqui; mas, se ficam também?... Amanhã dão comigo... Nada! O melhor é tirar-me daqui; desde que vá, procurando sempre o rumo de cima e da direita, hei de chegar à estrada. Eles hão de buscar à esquerda, porque entraram por lá...”

Juvêncio refletia estas coisas, mas já estava andando, sôfrego. Tropeçava, enrolava-se nos cipós, emaranhava-se nas ramas, caía, levantava-se tateava, seguindo sempre para cima.

– Juvêncio! – bramiu a voz colérica de Venâncio. – Vem já para aqui, ou varo-te com uma bala!!!

Esta exclamação foi um novo incentivo para o rapaz, que, no seu afã, já não tomava precauções contra os tropeços do mato. Um ramo pegou-lhe em cheio a cabeça, arrancou-lhe o chapéu e magoou-o profundamente. Mas não se deteve; tirou o paletó, enrolou-o à cabeça, ao modo dos pretos africanos, e prosseguiu para cima.

Ao fim de vinte minutos, estava na estrada.

**E**ra já noite fechada; mas a lua ainda não despontara. Havia apenas a claridade dos milhões das estrelas, em um céu límpido e profundo. Juvêncio pôde divisar bem o vulto dos dois morros pelados, ao outro lado do caminho; e, sem demora, orientou-se, tomando a direção do Angico. Vestiu as calças, que ainda trazia à cintura, e partiu. Ia trêmulo, de susto e de fadiga, mas era todo atenção; não caminhava, voava.

Antes de meia hora de marcha, ouviu, atrás de si, um tropel; parou e agachou-se na sombra de uns arbustos espessos, à beira da estrada. Era um cavaleiro, a galope curto, e seguido de perto por um homem a pé, arquejante, a correr para acompanhar a montada. Falavam, mas Juvêncio não percebeu o que diziam. Passaram; e o rapaz, por precaução, deixou-se ficar ainda um pouco ali, a ver se vinha mais alguém. Ao cabo de uns dez minutos sussurraram vozes, que vinham do mesmo lado; Juvêncio desceu o rosto até o chão, olhou na direção das vozes, e pôde lobrigar, assim, dois vultos de homens. Aguçou então o ouvido:

– “... dizer ao senhor coronel... amanhã... Zé Pedro...” – diziam as vozes, que se aproximavam, tornando-se de todo distintas:

– “Zé Pedro e Barroso foram para os lados do Joá, para tirar indagações; e nós vamos para o Angico, porque sou de lá; minha mãe mora lá, e tenho lá o meu padrinho, o Bento-Função. Se o



ladrãozinho partiu para ali, nós o apanharemos. Basta que ele passe por lá, para que se tenha notícia...”

Juvêncio compreendeu que era dele que falavam os homens; e apurou mais o ouvido, arrastando-se, agachado, por entre as moitas, para apanhar mais alguma coisa:

– “Daqui a duas horas estaremos no arraial; iremos à casa de minha mãe, e bem cedo teremos notícias.”

Então, Juvêncio não quis ouvir mais; deixou que os dois homens tomassem a dianteira, e seguiu-os a uma certa distância, avistando-os de longe em longe. Chegado ao arraial, viu que seguiam na direção da venda, e tomou para a casa das lavadeiras, a ver se estas lhe poderiam dar notícias de Alfredo e de Carlos.

Bateu, e foram grandes a surpresa e o espanto de todos, quando o viram entrar, ofegante, pálido.

– Dá-lhe um pouquinho de água! – acudiu o dono da casa.

E era preciso: Juvêncio estava quase a desmaiar: fraqueza, susto, alegria, cansaço, dores... Passou o pasmo do primeiro momento, e ele contou a história toda; terminou, repetindo o que ouvira aos dois sujeitos: que viriam procurá-lo no Angico.

– É o Tomás, da comadre Josefa! – exclamou o dono da casa. – Ah! Então, nada há; tudo arranja-se; o rapaz é meu afilhado de batismo: eu sou o Bento-Função; você não sabia... Bem, vamos dormir, vamos dormir... Maria das Dores! Vai preparar-lhe uma rede!

– E não tem fome? – interveio a velha.

– Não; só tenho cansaço; estou caíndo...

– Bem, vá dormir!

Cedo, Juvêncio acordou, com o ruído de uma conversa. Saltou da rede, para cair nos braços de Carlos e Alfredo, que já o esperavam ansiosos. Ao pé da rede, estava o dono da casa, ao lado de um pardo, bem moço ainda, de pele acaboclada, cabelos anelados, olhos risonhos.

– Está aqui o ladrão de cavalos! – disse sorrindo Bento-Função, dizendo ao afilhado, e apontando Juvêncio.

Tomaz – pois não era outro – sorriu também.

– Bem – continuou o dono da casa –, você já sabe que não há aqui algum ladrão... Pobres crianças!... E vou fazê-los partir sem demora. De qualquer modo, é preciso que o coronel não saiba que o rapaz esteve aqui; é um homem birrento e rancoroso, e não quero histórias com ele. Você, Tomaz, vá para onde está o seu companheiro, e diga-lhe que nada pôde saber; e finja fazer indagações para os lados do Joá, porque sigo com os rapazes para outro lado; vou com eles ao sítio do mano Tibúrcio, lá arranjo cavalo para os três, e hoje mesmo podem partir para Jaguari. Amanhã deve haver trem; escreverei uma carta ao meu compadre Martinho, da padaria, e ele receberá os meninos. Pode mesmo arranjar passagem para os pobrezinhos; o meu compadre dá-se bem com os homens da estrada de ferro, e tem muito bom coração.

Foi uma despedida rápida. Alfredo abraçou com ternura a boa velha, que ainda lhe guardou nos bolsos dois ovos cozidos e umas

pipocas de milho; abraçou e beijou com efusão a sua carinhosa enfermeira, Maria das Dores, que já não trazia na fisionomia a alegria de sempre. Os olhos, negros e puros, contemplavam tristes o menino, e iam de quando em quando procurar os olhos de Carlos, cujo rosto meigo e pesaroso tinha agora um tom de penetrante saudade. Juvêncio abraçou a todos; e Carlos, tendo beijado com amoroso respeito a mão da velha, caminhou para a rapariga, quieta e pálida, e abraçou-a silenciosamente. A boa velha viu então rolar uma lágrima nos olhos da filha...

**N**o sítio de Tibúrcio, separaram-se os três de Bento-função, que lhes entregou a prometida carta para o compadre Martinho. Partiram a cavalo. Mas em Jaguari uma nova decepção os esperava: Martinho estava viajando havia dois dias, e não devia voltar senão daí a mais de uma semana. E não havia quem o representasse e pudesse atender aos rapazes...

– Que fazer? – perguntou Juvêncio. – Voltar?

– Isso não! – respondeu logo Carlos. – Daqui, só para diante, e haja o que houver!

Deixaram os cavalos na casa de Martinho, e começaram a andar, tristes e apreensivos.

Juvêncio, que, com a sua previdência, não deixava de pensar em tudo, refletia. De repente, falou:

– Se eu arranjasse aqui o meio de ganhar qualquer dinheiro, trabalhando, estaríamos salvos. Poderíamos ficar uns dois ou três dias; e não seria inútil esse descanso, depois dos trabalhos e das comoções que tivemos...

– Arranjar trabalho? Aí está o que nem sempre é fácil... – disse Carlos.

Nesse momento, passavam diante de uma oficina de ferreiro. Lá dentro era grande a atividade. Via-se flamejar o fogo, e ouviam-se choques violentos e repetidos de metais. Juvêncio murmurou:

– Tenho uma ideia... Vou perguntar ali se precisam de um ajudante. Se disserem que não, paciência!

Entraram. O ferreiro, batendo com o malho um pedaço de ferro incandescente, que o aprendiz apoiava sobre a bigorna com uma tenaz, não pareceu dar pela entrada dos três viajantes.

– Desculpe-me, se o interrompo – disse Juvêncio –, o senhor não terá por agora necessidade de um ajudante?

O ferreiro interrompeu o trabalho, passou o martelo sobre o cepo da bigorna, e disse:

– Se tenho! justamente adoeceu hoje o rapaz que tratava do fole, e estou atrapalhado com um trabalho urgente. Você conhece alguém que me possa servir, rapaz?

– Conheço, sim, senhor!

– E quem é?

– Sou eu.

O homem examinou-o com atenção, e não pareceu ficar muito satisfeito com a sua pouca idade:

– Você?

– Sim, Senhor! não sou muito desenvolvido, mas sou forte, e trabalho bem. Além disso, conheço esse trabalho, porque já fui aprendiz de ferreiro.

– Homem! – disse o ferreiro, hesitando – você nessa idade não pode prestar grandes serviços... Depois, vocês todos, quando se querem empregar, pedem tanto dinheiro...

– Eu não! – acudiu Juvêncio – olhe! Não faço questão de salário. Deixe que durmamos aqui, eu e os meus companheiros; comermos um pouco do que houver, e, se o senhor, no fim da tarefa, ficar satisfeito comigo, poderá dar-me o que quiser...

– Lá quanto à dormida e comida, estamos entendidos. Não faltam por aí cantos onde vocês se deitem; e comida, graças a Deus, nunca faltou nesta casa... Vá lá! Aceito os seus serviços; e, se você

for trabalhador quanto é “despachado”, sempre há de ganhar algum cobre... Mas é bom ficar bem entendido que só o emprego enquanto o outro rapaz estiver doente.

– Não há dúvida! Nós temos necessidade de continuar a nossa viagem, e não tencionamos demorar-nos...

Juvêncio foi logo pôr o avental, e começou a trabalhar, com grande divertimento de Alfredo, que achava em tudo aquilo mais uma novidade para sua distração.

O rapaz sertanejo tomou conta do fogo da forja, e do grande fole, que era movido por uma grossa corda; ora deitava carvão no braseiro, ora puxava a corda: o fole abria-se e fechava-se, expelindo ar para o montão de brasas, e ativando as chamas, a que o ferreiro expunha as peças de ferro, até que ficassem incandescentes e prontas para o trabalho.

Carlos, deixando os dois companheiros na oficina, foi dar uma volta pela vila. Alfredo não quis sair; preferiu ficar ali, admirando a labuta dos ferreiros.

O patrão, ajudado pelo aprendiz, trazia as peças ao fogo, e ia depois batê-las sobre a bigorna. Um outro operário, nos fundos da oficina, estava ferrando um cavalo, pregando-lhe nos cascos as ferraduras novas, que ali tinham sido feitas. Um terceiro, com o auxílio de uma grossa lima de aço, estava polindo eixos de carroças.

Alfredo corria, encantado, toda a oficina, examinando os objetos que se enfileiravam, encostados à parede: instrumentos, eixos de carros, montes de pregos, argolas de ferro, grades. Havia também chaves e fechaduras, porque a oficina era, ao mesmo tempo, uma oficina de ferreiro e de serralheiro. Alfredo sentia apenas que Juvêncio não pudesse prestar-lhe atenção, para lhe explicar a utilidade de todas aquelas coisas...

Mas o sertanejo não tinha mãos a medir: trabalhava deveras. A forja chamejava. O fole movia-se, com um ronco surdo. E enchia-se a oficina de um barulho metálico e estridente, que ia ecoar longe, animando todo o lugarejo...

Carlos saía, sem destino, para se distrair. Deu duas ou três voltas, e parou na venda da vila – estabelecimento que era ao mesmo tempo armarinho, hospedaria e armazém de víveres.

À porta, um pequeno tomava conta de alguns cavalos arreados. Sentado no poial da entrada, um preto velho fumava cachimbo. De lá de dentro vinham vozes de pessoas que conversavam e riam. Carlos entrou para pedir um pouco de água.

Três viajantes, aos quais pertenciam, decerto, os cavalos que estavam à porta, jantavam em torno de uma mesa, ao fundo da venda. Tinham deixado sobre o balcão os chapéus, os rebenques e outros objetos de uso.

Bebendo água, Carlos reparou que, entre esses objetos, havia um maço de jornais dobrados e atados com um barbante – e reconheceu logo que eram jornais da Baía. Imediatamente, surgiu-lhe no cérebro uma ideia: aqueles jornais trariam, talvez, notícias que o interessariam... Refletindo melhor, não pôde deixar de sorrir dessa ideia: agora que o pai estava morto, que poderia haver de interessante em tal leitura? Mas, apesar dessa reflexão desconso-lada, a ideia voltou a martelar-lhe o cérebro. Não se conteve mais, e perguntou ao proprietário da venda:

– Faça-me um favor: pode dizer-me a quem pertencem aqueles jornais?



– São de um daqueles viajantes que ali estão jantando.

O menino ainda hesitou. Mas o desejo de ler os jornais foi mais forte do que o acanhamento; e, dirigindo-se aos homens que jantavam, Carlos perguntou-lhe se lhe permitiam passar os olhos pelas folhas...

– Que é que você quer ver nos jornais, menino? – perguntou um dos sujeitos.

– Tenho parentes na Baía, e como não vou lá há muito tempo...

– Pois, leia as folhas, contando que não as estrague, e torne a dobrá-las com cuidado.

O menino sentou-se, perto da porta, sobre um caixão, e começou a desdobrar e a percorrer com a vista os jornais. Nos dois primeiros que abriu, nada encontrou. Mas no terceiro, logo na primeira página, achou algumas linhas que o perturbaram, fazendo-o empalidecer de comoção.

Era um aviso da redação, com o título: “Meninos desa-parecidos”.  
Dizia:

Pedem-nos que chamemos a atenção dos nossos leitores e das autoridades deste estado e dos estados vizinhos para o anúncio que publicamos, na seção competente, sobre o desaparecimento de dois meninos, alunos de um colégio do Recife.

Carlos procurou ansiosamente a seção dos anúncios, e encontrou logo aquele que buscava, e vinha encimado pelo mesmo título da notícia:

De um colégio do Recife desapareceram há dias dois alunos, Carlos e Alfredo, o primeiro de 15 anos de idade, e o segundo de 10, filhos do engenheiro Dr. Meneses. Dar-se-á uma boa recompensa a quem os apresentar, ou a quem

deles der notícias seguras, ao Sr. Inácio Mendes, negociante, à rua... nº..., nesta cidade da Baía.

O menino abençoou o pressentimento que tivera ao avistar o maço de jornais sobre o balcão; tomou nota da rua indicada no anúncio e do nome do negociante, e, depois de dobrar com cuidado as folhas e de agradecer aos viajantes, saiu apressadamente, para comunicar a notícia a Alfredo e Juvêncio.

Na oficina cessara o trabalho. Era hora do jantar. Quando Carlos entrou, já estava preparada a refeição, frugal mas boa, a que o ferreiro, os seus ajudantes, e os três meninos souberam fazer honra. O ferreiro estava satisfeito com o trabalho de Juvêncio, e conversava com animação. Juvêncio e Alfredo notavam que Carlos estava visivelmente preocupado: e observavam que o seu ar era mais de alegria do que de tristeza.

Terminado o jantar, Carlos chamou de parte o sertanejo e o irmão, e deu-lhes parte do que acabava de ler no jornal da Baía. Alfredo começou logo a saltar de contente. Mas o irmão mais velho ainda não via o horizonte cor-de-rosa...

– Tudo está muito bom, mas ainda não sei como havemos de chegar até a Baía...

– Ora! como havemos de chegar à baía! – exclamou Juvêncio – como chegamos até aqui! Nestes dois dias de trabalho, sempre hei de ganhar alguma coisa, e poderemos caminhar até Vila Nova. Daí por diante, veremos! Deixe estar, que não havemos de morrer à fome!

O dia, seguinte ao da leitura dos jornais, passou-se sem novidade. À tarde, apareceu na oficina o aprendiz que tinha enfermado; vinha bom, e pronto para recomeçar a trabalhar no outro dia. Carlos chegou a estimar a ocorrência, porque todo o seu desejo, agora, era partir o mais depressa possível para a Baía. O ferreiro, que era bom homem, deu a Juvêncio dois mil-réis, com que este, antes de se deitar, comprou alguns víveres, carne e pão, para a viagem. Dormiram e, ao romper da manhã, puseram-se a caminho. Os meninos carregavam a matalotagem, e Juvêncio uma cabaça cheia de água.

Enquanto marchavam, iam conversando sobre a grande novidade que os preocupava. Quem seria aquele negociante da Baía? – que interesse teria ele em conhecer o paradeiro dos dois? Qual seria o intuito do anúncio?

– Só pode ser bom! – disse Juvêncio. – Os senhores não têm parentes na Baía?

– Não. É verdade que meu pai devia ter por lá alguns conhecidos... – disse Carlos. – Os únicos parentes que temos estão no Rio Grande do Sul.

– Bom. Mas esses parentes já devem ter recebido a notícia da morte de seu pai; talvez o negociante da Baía seja amigo deles.

– Talvez. Em todo o caso, tiraremos a coisa a limpo, quando lá chegarmos.

Alfredo, que ia um pouco adiante, parou de súbito, e inclinou a cabeça, como prestando atenção a um ruído.

– Que é? – perguntou-lhe o irmão.

– Psiu! – recomendou o menino.

E continuou a prestar atenção, voltando-se ora para um, ora para outro lado.

Os outros aproximaram-se.

– O que é? – repetiu Carlos.

– Estou ouvindo qualquer coisa como um gemido... Ouçam...

Carlos e Juvêncio afiaram o ouvido. Havia, de fato, alguma coisa. Era um como lamento longínquo...

– É voz humana! – murmurou Carlos.

– E vem dali, de dentro do mato, à esquerda... – acrescentou Juvêncio.

Seguiram, nessa direção. Os gemidos acentuavam-se. Chegaram a um valo, cavado no mato, perto do caminho; reconheceram que era efetivamente dali que partia a voz. Debruçaram-se, e viram lá embaixo um vulto estirado sobre os galhos secos. Era um velho.

– Está morto, coitado! – exclamou Alfredo.

– Qual morto! – disse Juvêncio – vosmecê já ouviu um morto gemer? Está vivo, e devemos socorrê-lo!

– Está claro! – afirmaram ao mesmo tempo os dois irmãos.

– O que eu não sei é como havemos de tirá-lo dali! Vejamos se ele é capaz de nos ouvir.

E falou alto:

– Que é isso, camarada? Que tem?

– Socorro! acudam-me! – gemeu a voz lá embaixo.

Era uma voz tão fraca, tão abafada, que parecia a de um moribundo.

– Vamos tratar de ajudá-lo! Espere um pouco!

Os três rapazes, debruçados sobre o valo, viram então mover-se vagorosamente, entre gemidos, a face do velho. As suas longas barbas brancas estavam ensanguentadas...

Não longe do lugar, ouviu-se logo um relincho prolongado. Entre as árvores, viram os rapazes um cavalo, que pastava tranquilamente.

– Que mistério será este? – disse Juvêncio.

– Água... tenho... sede... – sussurrou a voz do velho...

– Vou descer! – resolveu o sertanejo.

Apertou bem a corda que lhe atava às costas a cabaça, e deixou cair, com cautela, pelo declive, agarrando-se às plantas, apoiando os pés nos troncos secos. Em poucos segundos estava perto do homem e reconheceu que ele estava gravemente ferido. Levantou-lhe a cabeça, encostou-lhe à boca o gargalo da cabaça, e quando o viu saciado, refrescou-lhe a cabeça e a face com um pouco de água. O velho, reanimado, pôde então, em frases entre cortadas, explicar mais ou menos o que lhe acontecera.

Caíra do cavalo, rolara ali, e sentia bem que ia morrer...

– Quem é o senhor? – perguntou Juvêncio.

– Chamo-me Ricardo. Moro aqui perto, na Vila de Jaguarí... Tenho lá a minha família...

– O cavalo que está lá em cima é seu?

– Deve... ser...

– Bem! tenha paciência, que vou num instante à vila buscar socorros...

E gritou para cima:

– Seu Carlos!

– Hem!

– Veja se pode descer! Desça com cuidado! Preciso do senhor aqui...

– De mim também? – perguntou Alfredo.

– Não! Espere por mim...

Carlos desceu, sem grande dificuldade. Quando o viu ao seu lado, o rapaz avisou-o do que ia fazer: montaria o cavalo, e iria num momento à vila, enquanto ele, Carlos, ficaria ali, tomando conta do enfermo.

– E Alfredo?

– Vai comigo. Levo-o na garupa.

– Pois sim! – aprovou Carlos – mas não se demore!

– É um pulo!

E agarrando-se de novo às plantas e às pedras o sertanejo galgou a borda do valo.

**F**icando só com o mais velho dos irmãos, o enfermo ainda pediu um pouco de água, e contou dificilmente a sua história, parando de frase em frase.

– Ah! meu menino! estou vendo que não tenho muitos minutos de vida! Eu... já vinha... tão doente!

– Para onde ia?

– Ia a Vila Nova consultar um médico. Saí de Jaguarí à noite, porque tinha confiança no cavalo, e conheço bem estes caminhos. Mas, não sei como, rolei da sela... creio que tive uma vertigem... e vim parar aqui... Ai!... e a minha gente, que não sabe o que me aconteceu!

– Sossegue! – disse Carlos – o meu companheiro já foi prevenir sua família, e é impossível que ela não mande recursos para socorrê-lo!

– Manda... manda, com certeza! – falou o velho, com a voz cada vez mais cansada – no meu sítio... há bastantes trabalhadores... nós somos remediados... Mas... creio que os socorros... vão chegar tarde...

– Não! sossegue! não fale tanto assim, que se cansa inutilmente... O senhor está tão fraco!

– É que perdi muito sangue... devo ter... as costelas partidas! Acontecer uma desgraça como esta... a um homem velho... e doente, como eu!...

– Não fale mais, que isso lhe faz mal! – pediu Carlos.

– Não! – insistiu o enfermo – sei que vou morrer... e quero dizer-lhe uma coisa...

– Diga.

– Olhe! Meta a mão... aqui, no bolso direito das minhas calças...

Carlos obedeceu, e encontrou um maço de dinheiro.

– Guarde... esse dinheiro, meu menino... Se eu morrer, antes de chegarem os socorros, pode... ficar com ele... É seu!

– Não diga isso! – acudiu o menino. – O senhor não há de morrer. Guardarei o seu dinheiro, para entregá-lo ao senhor, quando chegarmos à vila, ou à sua família.

– Não! não!... é seu!... guarde-o – insistia o velho.

– Pois sim! pois sim! – disse Carlos, para não o contrariar... – Mas sossegue! Não fale mais! Sossegue!

– O meu sossego... é a cova! – gemeu o homem. – Também, nesta idade, já é... tempo... de morrer... trabalhei muito, meu menino! Felizmente... deixo a minha gente amparada, e filhos e netos já criados... e encaminhados... na vida... É tempo de...

A voz ia diminuindo mais e mais a ponto de parecer apenas um sopro. Carlos passou o braço por baixo da cabeça do ferido, e levantou-a, derramando sobre ela mais um pouco de água. O velho fechou os olhos, e não falou mais.

Carlos achava que o tempo custava extraordinariamente a passar. E os companheiros que não chegavam...

Felizmente, ouviu-se um tropel de cavalos.

Era o socorro esperado que chegava.



**E**ra Juvêncio que voltava. Vinham com ele três homens, empregados do velho, e traziam uma rede, e alguns remédios.

Apesar da sua pouca idade, Juvêncio, na organização dos socorros, portou-se como o mais velho e o mais experiente de todos. Foi ele quem explicou como deviam, com o auxílio, de cordas, içar o enfermo até a borda do valo, laçando-o pela cintura e pelos sovaços – o que se fez sem grande dificuldade.

Mas o pobre homem não dava acordo de si. Estava como morto, já quase sem respirar. Já nem gemia. E, quando conseguiram depô-lo no chão, sobre a estrada, todos tinham a impressão de estar diante de um cadáver... Abriram-lhe a boca, separando-lhe os dentes à força, e deram-lhe algumas gotas de vinho, que o reanimaram durante poucos minutos. Mas logo depois recomeçou aquela sonolência, que já era, sem dúvida, o começo da agonia.

– Creio que não devemos perder tempo – disse Carlos – se queremos entregá-lo vivo à família.

– Decerto! – apoiou Juvêncio.

Colocado o corpo na rede, foi esta solidamente suspensa de uma longa vara resistente; de cada uma das extremidades tomou conta um dos homens que tinham chegado com Juvêncio. Como tinham trazido animais, os dois meninos e o sertanejo puderam

fazer comodamente a viagem de regresso à vila, escoltando a rede em que ia o ferido.

Enquanto o préstito se punha a caminho, o terceiro empregado seguiu a galope, em direção à Vila Nova, a fim de trazer um médico.

A viagem foi triste.

Marchavam a passo. De quando em quando, Carlos aproximava-se da rede, e examinava o moribundo.

O seu estado era o mesmo. Nem sentia o balanço, e apenas um leve erguer e abaixar do peito denotava que a vida ainda não o abandonara.

Entraram na povoação às quatro horas da tarde. À porta de cada uma das casas, chegavam pessoas curiosas, a quem os dois empregados contavam o que sucedera ao patrão. No “sítio” deste, estavam apenas uma sua filha casada e o marido; numa ansiedade terrível, levaram o velho a uma alcova, e deitaram-no, esperando ainda poder salvá-lo com o auxílio do médico que tinham mandado chamar a Vila Nova.

Mas, poucos minutos depois, o homem expirava, sem ter voltado a si.

Carlos, quando viu que tinha passado a primeira explosão de dor, chamou de parte o genro do morto, e entregou-lhe o maço de dinheiro sem se referir à recomendação, que o velho lhe fizera, de guardar o dinheiro: repugnava-lhe aceitar aquele legado, cuja legitimidade não poderia provar.

À noite, o cadáver foi levado pela família e pelos três rapazes. O genro – chamava-se Oliveira – quis conhecer os nomes e a história dos meninos. Carlos contou-lhe sumariamente o que lhes havia acontecido até então. Oliveira, quando soube das precárias condições em que eles estavam realizando a sua viagem, quis imediatamente facilitar-lhes todos os recursos para o transporte até a Baía.

– Digam! digam o que desejam! digam quanto querem! que tudo quanto eu lhes der será ainda pouco para lhes pagar o favor que lhes devo!

– Não, senhor! – protestou Carlos – nada nos deve! Cumprimos apenas o nosso dever. Qualquer outra pessoa teria feito o que fizemos... E nada podemos aceitar.

– Menino! – disse Oliveira, com carinho – por que há de ser orgulhoso? É necessário que todos nos ajudemos nesta vida! Pensa, então, que depois do socorro que prestou ao meu sogro, e da proibição, de que deu prova, entregando-me o dinheiro, hei de consentir que vão daqui até a Baía, a pé, e sem recursos? Está muito enganado! Carlos ia ainda protestar. Mas Juvêncio interveio, com bom senso:

– Tudo se pode arranjar, a contento geral...

E dirigindo-se a Oliveira:

– O senhor empresta-nos algum dinheiro com que possamos tomar passagem de segunda classe até a Baía. Estes meninos têm parentes no Rio Grande do Sul; e há na Baía um negociante, que se interessa por eles; de maneira que poderão pagar-lhe depois esse dinheiro.

Oliveira quis opor-se à ideia do empréstimo; cedeu, porém, para não desgostar Carlos, que só nessas condições queria aceitar o auxílio.

No dia seguinte, logo às primeiras horas da manhã, fez-se o enterro do velho, sendo o caixão acompanhado até o cemitério pelos três rapazes.

Oliveira quis ainda detê-los:

– Não, não vão hoje! devem estar cansados, depois desta noite passada em claro...

Mas era tal a ansiedade de Carlos, por chegar à Baía, que não houve meio de convencê-lo.

Foi aí que Juvêncio veio a saber que o padre, seu conhecido, já não residia mais em Alagoinhas.

Logo depois de almoçar, os três compraram as passagens, e tomaram o trem.

A viagem até Vila Nova fez-se sem incidentes. No compartimento de segunda classe, os três rapazes não se cansavam de recordar os casos diversos que tinham havido até ali, durante aquela difícil peregrinação.

– Quanta coisa nos tem acontecido! – dizia Carlos – se fôssemos contar tudo isso, pensariam que estávamos inventando uma história...

– É verdade! – respondia Juvêncio. – Não lhe disse anteontem que não havíamos de morrer à fome? não lhe disse? Já almoçamos bem, temos dinheiro para chegar à Baía... A gente, nesta vida, deve ter confiança em si mesma. É preciso não desanimar nunca! O dia da desgraça é a véspera da felicidade.

– O que eu admiro, Juvêncio, é a sua calma! – observou Carlos – você é de uma coragem extraordinária! Depois de tudo quanto tem sofrido, a sua alegria é sempre a mesma. Olhe que bastavam aqueles sustos que você passou em casa do coronel para abater um homem forte!

– Ah! seu Carlinhos! A gente do sertão é toda assim! Nós não somos como muitos desses, das cidades, para quem a vida é fácil desde o princípio. No sertão, a gente sabe que só deve e pode contar consigo mesma... Depois, esta vida ao ar livre, no campo e na serra, no meio dos matos, é uma vida que dá alegria e coragem.

Alfredo, que adorava o pequeno sertanejo, e concordava com tudo quanto ele dizia, gritou:

– Apoiado! eu também já estou ficando sertanejo, não é verdade, Juvêncio? já monto a cavalo sem cansaço, e de nada tenho medo! A minha vontade era viver sempre no mato!

Carlos sorria, ouvindo a tagarelice do irmão. Juvêncio levantou os ombros, e respondeu:

– Não diga isso! o senhor é um menino de boa família... O senhor e seu irmão hão de estudar, hão de ser engenheiros como seu pai, ou médicos, e nunca mais hão de pensar no sertão, nem em mim...

Carlos, comovido, disse então, com voz grave:

– Juvêncio! não quero que você diga isso. Você então supõe que esqueceremos algum dia estas semanas em que vivemos e penamos juntos? eu e meu irmão não somos ingratos. Olhe! Vamos fazer um juramento, aqui: eu prometo que nunca me hei de separar de você!

– Ah! isso é coisa que nunca se pode jurar! – disse o rapaz – daqui a pouco, quando chegarmos à Bahia, eu irei para o meu lado, os senhores irão para o seu...

– Embora! – afirmou Carlos com energia – poderemos separar-nos pelas necessidades da vida, mas nunca pela indiferença ou pela inimizade. Vamos prometer que seremos sempre amigos. Eu, por mim, juro-o pela memória de meu pai!

– Eu também juro! – exclamou Alfredo com entusiasmo.

O pequeno sertanejo tinha os olhos cheios de lágrimas, e não sabia o que queria responder.

O trem corria, a toda velocidade. O dia era lindo. Um sol risonho alegrava a paisagem. E havia qualquer coisa tocante e sublime naquele grupo de três crianças, que o sofrimento unira, e que assim prometiam estimar-se sempre, querendo robustecer

pela constância do afeto os laços que as provações da vida tinham criado.

Juvêncio, por fim, disse com voz trêmula de comoção:

– Eu também juro que nunca me hei de esquecer dos senhores, e que hei de fazer o possível para, depois de homem feito, ir encontrá-los onde quer que estejam!

E continuaram a viagem, alegrados por aquele juramento de amizade.

**A**o partir o trem de Vila Nova, Alfredo, com o seu desembaraço de criança, angariou logo um novo conhecido. Era um homem de meia-idade, que trazia um grande cilindro, encapado de pano grosso e pardo, cosido a barbante nas duas extremidades: Alfredo, pelo aroma que se desprendia do cilindro, reconheceu logo um rolo de fumo.

– É fumo, não é? – perguntou o menino ao homem, para entabular conversação.

– É fumo, e muito bom! fumo, como este, não se encontra por aí em qualquer parte!

– Vai vendê-lo?

– É a minha ocupação. Vou levar estas amostras à cidade da Bahia.

– E é um negócio que dá bastante dinheiro?

– Bastante... – respondeu o negociante, lisonjeado pela curiosidade do menino. – A Bahia produz muito fumo, e todo de primeira qualidade. Mais de trinta municípios do estado cultivam e exportam em grande escala este produto. Há fumo, também, em outros estados do Brasil; mas a produção mais notável é a da Bahia. Ainda acabo de ler, em uma gazeta, que ultimamente, durante cinco anos, a exportação só de fumo em folhas, excedeu cento e trinta milhões de quilos, no valor de mais de cem mil contos de réis! E



exportam-se ainda milhões de quilos em rolos, em charutos, em cigarros.

– E a cultura é fácil?

– Muito fácil. Na Bahia, esta planta dá espontaneamente. Basta um pouco de estrume, e algum cuidado para extirpar das plantações as ervagens perniciosas e para impedir as pragas dos insetos nocivos.

– Mas o senhor ainda negocia em outros gêneros?

– Atualmente, só em fumo. Mas já fui comerciante em cacau, em café, em couros...

– A Bahia é rica! – exclamou Alfredo.

O homem sorriu:

– Será muito rica! muito rica, quando todas as suas riquezas naturais forem intensivamente exploradas. Na Bahia, há fumo, café, cacau, ferro, ouro, diamantes. E todas as lavouras, todas as indústrias e todo o trabalho que há, não só na Bahia, como em todo o Brasil, progredirão, ainda muito mais do que hoje, quando todo o território estiver coberto de estradas de ferro.

Daí, a conversa, em que também já tomavam parte Carlos e Juvêncio, estendeu-se a vários assuntos.

O trem galopava, parando em poucas estações.

– Esta estrada de ferro é nova – explicava o negociante de fumos. – Até há pouco tempo, só havia estradas de ferro da Bahia até Vila Nova. Agora, ela vai até Juazeiro. São mais de quinhentos quilômetros.

– É um dia inteiro de viagem? – perguntou Alfredo.

– Da Bahia a Juazeiro, dezesseis horas. Os senhores vão até a Bahia?

– Vamos – respondeu Carlos. – Não vale a pena parar em Alagoinhas.

– Se estão com pressa, está claro que não vale – concordou o homem. – Mas Alagoinhas é uma cidade importante. Tem um

grande comércio. Além desta estrada de ferro, que passa por lá, há uma outra, que de lá parte, oitenta e tantos quilômetros, até o Timbó.

**E**ntretidos na conversação, os meninos não sentiam passar o tempo. Sem descer do trem, comeram, ali mesmo, em companhia do negociante de fumos, que os forçou a aceitar um pouco do seu farnel.

Em Serrinha, o negociante, que dissera chamar-se Trancoso, trocou algumas palavras com um conhecido, que estava na estação. Falaram de fumo e de açúcar.

– Fabrica-se muito açúcar na Bahia? – perguntou Alfredo, assim que o trem se pôs de novo em movimento.

– Bastante...

– Ah! como deve ser bonito um engenho de açúcar! Deve ser uma coisa tão interessante!

– É realmente muito interessante. Se os senhores quisessem demorar a viagem, eu poderia levá-los a um engenho. Há um, abaixo de Alagoinhas, na estação do Catu. Devo ir até lá, amanhã, a negócio. Devo encontrar-me no engenho com um sujeito, que talvez me compre uma partida de fumos.

– Oh! Carlos! – exclamou o pequeno – porque não ficamos um dia no Catu?

– Não vale a pena...

– Mas seria tão divertido visitar o engenho!

– Seria! Mas agora já compramos passagens até a Bahia...

– Lá por isso não! – interveio o homem. – Fazendo as suas declarações ao chefe da estação, os senhores podem interromper a viagem sem perder as passagens.

Carlos, que não queria contrariar o irmão, acabou por aceder ao seu desejo. Ficou decidido que pernoitariam em Catu, visitariam o engenho no dia seguinte, e partiriam à tarde.

Quando o trem parou em Alagoinhas, os meninos reconheceram a importância comercial da cidade. Havia grande movimento na estação. Mas os nossos três viajantes não desceram. Só desceram no Catu, onde o negociante lhes ofereceu pousada até o dia seguinte.

Seriam nove horas da manhã, quando partiram para a visita ao engenho.

A estrada subia uma colina muito suave, de vegetação desigual e emaranhada: moitas de arbustos e pequenas árvores esgalhadas, gramíneas altas, enredadas em trepadeiras e lianas.

– Tudo isto aqui foi roça... – comentou Juvêncio.

– Como sabe você que isto foi roça? – acudiu Alfredo.

– Pelo mato... Além disso, veja ali as “socas”, touceiras de cana...

De fato, de espaço a espaço, via-se o verde alegre da cana-de-açúcar, afogado no capinzal bravio, que coroava todo o alto.

Torcendo o caminho para o outro lado, avistaram logo, na meia encosta da colina fronteira, um grande casa, baixa, quadrada, com o telhado negro corrido para os quatro lados. Dir-se-ia um enorme barracão, de cujo teto saía uma grossa chaminé, a despejar fumada espessa, e acompanhada de um tubo esguio, de onde esguichavam, contínua e regularmente, lufadas de vapor branco-róseo, como a névoa corada pela manhã.

Embaixo brilhava ao sol a água quieta de um açude, margeado de junco e tábua, e em cujo centro descansavam largas folhas de nenúfar.

– Lá está o engenho! – gritou alegre Juvêncio.

– Onde? – perguntou Alfredo.

– Pois não vê a bagaceira?

– Que bagaceira?

– Aquele chão branco amarelo! – e apontava uma larga mancha creme, que subia por um lado desde quase o açude até o alto do engenho. – É ali que se espalha o bagaço que sai da moenda; não vê aqueles bois que lá estão? Estão comendo bagaço fresco. Não vê aquele homem, com uma vara que está “virando” o bagaço, para que fique bem seco?

– Mas com que fim?

– Para que o bagaço possa ser aproveitado na fornalha do engenho...

**T**rancoso, o negociante e os visitantes, transpondo a porteira do pasto, abandonaram a estrada real, que passava à esquerda, e dirigiram-se logo para o lado oposto, que era justamente o lado da bagaceira, e onde o movimento era maior. Costearam o engenho pela parte de baixo. Esta face era meio fechada por uma parede baixa, de dois metros de altura; no canto, à esquerda, somente, a parede se elevava até o teto. Por cima da meia parede, viam-se os bustos suarentos de quatro homens, movendo-se por entre nuvens de uma fumaça esbranquiçada, que se derramava para todos os lados.

– Aqui estão as caldeiras e os tachos em que se cozinha o açúcar. Esta fumaça vem do caldo de cana fervendo... – comentou Juvêncio.

Ao dobrar o canto da direita, embaixo, notaram com espanto os dois meninos uma ribanceira que ia dar a um fosso, no fundo do qual um preto robusto bracejava, movendo grossos toros de lenha; viram também, na parede que se levantava em face dele, uma larga abertura mostrando o interior incandescente de uma fornalha.

– É a fornalha do engenho? – perguntou Carlos, sem hesitar.

– É sim – respondeu-lhe Juvêncio.

Contemplaram-na um instante, e, rodeando-a, penetraram na grande usina agrícola. O interior era o de um vasto galpão aberto,

exceto para o lado da estrada real, fechado pela parede que ia até o teto. Num pequeno patamar, sobranceiro à divisão onde ferviam os caldos de açúcar, estava o dono do engenho, um homem já idoso, mas robusto, tez queimada, olhar apagado, e fronte enrugada. Trancoso dirigiu-se logo para ele; os rapazes ficaram de pé, ao lado, atentos ao enorme movimento que os cercava; e mal tinham espalhado o olhar em torno, tiveram de apartar-se espremendo-se contra o patamar, para dar passagem a um rapazote conduzindo um burro que arrastava um largo couro de boi. Dirigindo-se para a moenda, que se levantava no meio da casa rapazote desatrelou o couro arrastado, e prendeu aos peitorais do animal os tirantes de um outro couro que ali se achava, já cheio de bagaço, e retirou-se, depois de bem ajustar o couro vazio para receber o bagaço que saía da moenda.

– Aquilo é a moenda – explicou Juvêncio, apontando com o dedo a espessa engrenagem de ferro, em cuja parte superior se viam três cilindros, movendo-se em sentidos contrários.

Um homem e uma mulher não paravam, apanhando as canas, às duas e às três, encostando-as aos cilindros da moenda, por entre os quais os caules lisos desapareciam, tragados em segundo, e surgindo do outro lado, transformados em bagaço. Os cilindros moviam-se apertadíssimos e as canas comprimidas chiavam e esguichavam longos fios de caldo, que vinham pintar a face dos “metedores”.

Perto da moenda, um pouco abaixo, fixava-se o motor – a máquina a vapor; o volante, alto de três metros, girava com um velocidade tal, que mal podia o olhar acompanhá-lo com as suas voltas.

O ruído do motor batendo surdamente, o chiado do esguicho do caldo, o ranger da moenda, o baque das canas atiradas, o arfar dos tachos cheios do melado fervente, as vozes dos trabalhadores,

– tudo isso formava um alarido contínuo, um concerto de rumores confusos, uma atmosfera de sons atroadores...

E perto do motor, por trás do volante, erguia-se uma vasta chaminé, que furava o teto.

Trancoso explicava aos três rapazes o funcionamento de todas as máquinas; e notava:

– O que estão vendo é apenas uma usina rudimentar. Há engenhos de açúcar cujo maquinismo é muito mais complicado do que este. Mas, enfim, já isto basta para satisfazer-lhes a curiosidade...



Quando tomaram o trem, que devia deixá-los na Bahia, eram mais de duas horas da tarde. Carlos respirou. Não deixara de apreciar a visita ao engenho, mas o desejo ardente que tinha de chegar à capital da Bahia não lhe dava margem para qualquer distração ou divertimento. Estava ansioso por tocar o termo daquela vida de aventuras e de expedientes. Enfim, via aproximar-se esse termo, tão fervorosamente ambicionado. Dali a menos de cinco horas – que tanto dura a viagem de Alagoinhas à Bahia –, ia ele saber o que o esperava, e qual o rumo que devia tomar com o irmãozinho.

O que mais preocupava Carlos não era a sua própria sorte; era a de Alfredo, tão criança ainda, e que daquele modo se expusera a perigos sem conta, atravessando os sertões, alimentando-se mal, dormindo mal, mal vestido. Felizmente, nada acontecera de muito grave. Mas só em pensar nos perigos passados Carlos estremeia de horror.

Alfredo, esse não tinha preocupações. Encostado à janela do carro, contemplava a paisagem, divertia-se com o movimento dos passageiros e com o atropelo das bagagens nas estações de parada, e fazia perguntas sobre perguntas a Juvêncio, que respondia como podia, às vezes bem embaraçado para satisfazer aquela inesgotável curiosidade.

Por volta das quatro horas da tarde, o trem atravessou sobre uma ponte o rio Jacuípe, de águas plácidas, banhando margens cobertas de abundante vegetação, e, logo depois, parou numa estação. Havia quinze minutos de demora, e os rapazes desceram, para, como dizia Juvêncio, desenferrujar as pernas. Assim que pisaram a plataforma da estação, uma voz gritou:

– Juvêncio!

O sertanejo voltou-se, e teve uma exclamação de júbilo:

– Oh! Manuel!... – e precipitou-se para abraçar um rapaz, pouco mais velho do que ele, que lhe retribuiu o abraço com efusão.

Eram conhecidos antigos, filhos da mesma terra, criados juntos. Juvêncio apresentou-o aos seus companheiros.

– Para onde vão? Perguntou Manuel.

– Para a Bahia.

– E eu também! – disse ele.

E começou a contar o que tinha feito, depois que saíra de Cabrobó. O pai mudara-se de lá para uma roça, perto da cidade de São Francisco. A mãe falecera, e o velho ficara muito acabrunhado de desgosto, começara a ficar inativo e triste, e agora estava doente, numa cama, sem se poder mover. De modo que era ele, Manuel, quem sustentava toda a família.

– Como, Manuel?

– Trabalhando. Apesar da minha pouca idade, sou o homem de confiança do dono da fazenda em que me empreguei. Sou eu, por assim dizer, quem dirige tudo, quem faz as compras, e quem paga as contas. Agora vou à Bahia receber um dinheiro do patrão, uns três contos de réis.

– E não tem medo de viajar sozinho, com tanto dinheiro? – perguntou Carlos.

– Não, porque ninguém imagina que um criança como eu ande com os bolsos cheios de contos de réis. Sei disfarçar, e até

hoje, apesar de sempre andar fazendo estas viagens, nunca me aconteceu coisa desagradável. Uma vez... Mas a locomotiva já apitou... Vamos tomar os nossos lugares, que em viagem lhes contarei a história.

Entraram no carro, sentaram-se, e Alfredo foi logo exigindo a narrativa.

– O caso é engraçado, – começou Manuel. – Eu andava fazendo cobranças entre Curralinho e Cachoeira, e tive de pernoitar numa venda, onde achei uns sujeitos mal-encarados, que também lá deviam passar a noite. Levava comigo quatro contos de réis; e, quando me fui deitar, num quarto pequeno, que havia no fundo da casa, tive um pressentimento mal: a porta do quarto não tinha chave, e as caras antipáticas dos dois sujeitos nada de bom anunciavam. Mas, como nunca me faltam expedientes, pus o dinheiro em-baixo de uma bacia de rosto, que havia sobre a mesa, deitei água dentro da bacia, e meti-me tranquilamente na rede, apagando a luz. Dormi; mas, uma hora depois, acordei ouvindo a porta ranger. Tive o cuidado de não fazer um só movimento: abri um pouco os olhos, e vi que eram os dois tratantes que entravam pé ante pé. Um deles trazia uma lanterna. Aproximaram-se da rede: fechei os olhos e fingi que ressonava. Acreditaram que eu dormia, e começaram a passar revista no quarto; esquadriharam a minha maleta, remexeram todos os bolsos da minha roupa, espiaram debaixo da mesinha, revistaram até as minhas botas. Depois, um deles, veio apalpar-me com toda a cautela, enquanto eu ressonava mais alto ainda; quando viram que nada achariam, saíram com o mesmo cuidado com que haviam entrado – e fiquei rindo sozinho... Os idiotas lembraram-se de tudo, menos de levantar a bacia!

– É boa! – exclamou Alfredo – mas olhe que o senhor esteve com a vida em perigo!

– Não há dúvida! Mas salvei-me, salvei o dinheiro do patrão, e ainda hei de salvar-me muitas vezes, graças ao meu sangue-frio e aos estratagemas que invento!

Com essa e outras conversas, passava-se o tempo. Ouviu-se um estrondo forte: era o trem que começava a passar uma longa ponte

– É a ponte da plataforma! – disse Manuel. – Já estamos sobre o mar.

E, dali a poucos minutos, o trem chegava ao termo da viagem. Os dois irmãos e Juvêncio despediram-se de Manuel, e foram procurar a casa do negociante, autor do anúncio.

O negociante, cujo endereço Carlos havia guardado, tinha o seu escritório comercial na cidade baixa. Àquela hora o escritório estava fechado, como quase todas as casas daquela parte da cidade, que somente durante o dia é animada pelo movimento do comércio. Mas em um armazém, que estava aberto, disseram a Carlos em que rua da cidade alta morava o homem procurado.

– É muito longe daqui?

– Não! vão pelo “Parafuso”, que fica a dois passos.

Ainda tinham algum dinheiro, e puderam pagar as passagens, no “Parafuso”, elevador elétrico, cujo modo de funcionar foi um grande divertimento para Alfredo.

A casa ficava perto da Praça Duque de Caxias, e não lhes foi difícil encontrá-la, graças às informações que iam pedindo de rua em rua. Era um prédio elegante, com um pequeno jardim ao lado. Bateram à porta.

– Diga ao Sr. Inácio Mendes que estão aqui os filhos do engenheiro Meneses – disse Carlos ao criado que veio ver quem era.

Logo depois, apareceu o negociante, espantado:

– Entrem! Entrem!

Entraram numa saleta de espera, onde o dono da casa começou a examiná-los com curiosidade. Era um homem alto e gordo, de

fisionomia franca e simpática, com o bigode raspado, e suíças já grisalhas. Esteve um momento calado, a fitá-los, e por fim falou:

– São então os filhos do Dr. Meneses?

– Sim, senhor – respondeu Carlos –; sou o mais velho, Carlos, e este é o mais moço, Alfredo.

– E este? – perguntou Inácio Mendes, apontando Juvêncio.

– Este foi o nosso companheiro de jornada, e devemos-lhe muita gratidão pelo auxílio que nos prestou durante a viagem difícil que tivemos de fazer, até aqui.

– Mas como fizeram a viagem?

– Oh! – exclamou Alfredo, intervindo – a cavalo, em canoa, em estrada de ferro, a pé...

Carlos, com um gesto, impôs silêncio ao irmão, e disse:

– Foi em Jaguari que, por acaso, lendo um jornal, encontrei o anúncio, em que o senhor prometia uma recompensa a quem lhe desse notícias de nós.

O negociante continuava a examinar os três rapazes com mal-contido espanto:

– E como foi essa história do seu desaparecimento?

Carlos ia responder; mas Inácio Mendes, mudando de ideia, disse:

– Bem! Bem! Temos tempo!... vamos lá para dentro; vocês precisam cear e descansar.

Já tratava os rapazes com familiaridade, e estes começavam a sentir-se atraídos por ele, pelo seu ar simpático e bondoso.

Inácio Mendes introduziu-os na sala de jantar, onde estava reunida a família. A mulher do negociante era uma senhora bem-conservada, parecendo moça. Estava à cabeceira da mesa; nos outros lugares, estavam as duas filhas, uma de quatorze anos e outra de doze, e o filho, ainda menino. Das duas mocinhas uma cosia, e outra bordava, sobre talagarça, em um bastidor. O menino folheava um livro com estampas.

– Ora, aqui estão os heróis de um romance! – disse o negociante, ao entrar na sala. – São os filhos do Dr. Meneses, que tinham desaparecido do colégio.

– Jesus! – exclamou a senhora, levantando-se. – Como foi isso, meninos?

– Tá! tá! tá! – interrompeu o negociante, rindo – por ora, creio que eles não poderão contar como foi, porque devem estar caindo de fome! Vamos dar-lhes de cear, e ouvi-los-emos depois.

Daí a pouco, servida uma ceia de carnes frias e de doces, Carlos, que já se sentia bem naquela atmosfera de família, começava a contar a sua história. Disse, sumariamente, como soubera da doença do pai, como saíra à procura dele em companhia do irmão, como tinha recebido a notícia da morte, e como viera até ali, entre mil perigos e dificuldades. A narração foi sucinta, mas, ainda assim, durou mais de uma hora, durante a qual o negociante, a mulher, e os filhos não continham por vezes a admiração e as lágrimas, ouvindo a relação de tantos riscos e tormentos. Carlos, apesar de resumir o mais possível a narrativa, não esqueceu o encontro com Juvêncio, nem os serviços que este lhe prestou, nem a doença do irmão...

– Coitados! – diziam compassivamente, de quando em quando, a senhora e as filhas.

Quando Carlos acabou de falar, houve na sala um silêncio comovido. O negociante foi o primeiro a rompê-lo, dizendo:

– Pois, meninos, eu não conheci pessoalmente seu pai. Sou apenas correspondente de seus tios do Rio Grande do Sul. Telegrafaram-me, há mais de dez dias, pedindo-me com muito empenho que eu descobrisse o paradeiro de vocês, desaparecidos do colégio, no Recife, em busca de seu pai enfermo na Boa Vista, no São Francisco. Imediatamente, fiz publicar aquele anúncio, e telegrafei para Alagoinhas, e outras cidades do interior, mas não obtive resposta... Imaginem o desassossego em que devem estar

os seus parentes do Rio Grande!... Enfim, vocês apareceram, e isso é o essencial. Amanhã veremos o que se deve fazer... Que caso extraordinário!

– Parece um romance! – disse uma das mocinhas.

– Um romance verdadeiro!

As duas meninas, Maria Nazaré e Georgina, tinham tomado conta de Alfredo, que conversava animadamente com elas. O filhinho do negociante, Otávio, caíra de bruços sobre o livro, e dormia; Carlos e Juvêncio conversavam com o dono da casa, dando-lhes ainda novos episódios da viagem.

Foi Inácio Mendes quem interrompeu o serão dizendo:

– Já é quase-meia noite! Vamos dormir, que estes meninos, depois da sua viagem tão complicada, devem estar morrendo de sono!



**N**o dia seguinte, logo cedo, ainda o negociante, antes de sair para o escritório, conversou com Carlos, acerca do que se tinha passado, e do que convinha fazer.

– Onde teve notícia da morte de seu pai?

– Em Juazeiro. Vínhamos de Boa Vista, no vaporzinho. Perto de Juazeiro, foi que um homem, que subia o rio numa canoa, nos deu a notícia do falecimento de papai.

– O homem conhecia seu pai?

– Não! Nem sabia como se chamava. Mas papai estava doente, era o único engenheiro que estava em Petrolina... Enterrou-se em Juazeiro, onde nos mostraram a sua sepultura.

– Mas não encontraram, em Petrolina, alguém que o tivesse tratado durante a moléstia, alguém que o tivesse conhecido ainda vivo?

– Não estivemos em Petrolina; e em Juazeiro dizia-se somente: “o engenheiro, que estava em Petrolina...” Coitado de papai! Enterrado numa cova rasa – sem um inscrição, sem o nome sequer...

– Enfim – disse Inácio Mendes –, o que há agora a fazer é passar já e já um telegrama aos seus parentes. Eles dirão que resolução vocês devem tomar. Hoje mesmo à tarde devemos ter uma resposta. E venham comigo ao escritório! Mandarei um empregado mostrar-lhes a cidade, que é bonita.

Depois do almoço, desceram todos. Assim que chegou ao escritório, Mendes mandou um caixeiro passar o telegrama, e encarregou um outro, moço inteligente e esperto, de sair a passeio com os três meninos.

O passeio foi um encanto, principalmente para Alfredo, que se deliciava com o aspecto das casas e da gente, com o movimento dos bondes, com a animação das lojas.

– A Bahia – explicava Honório, o caixeiro – tem dois bairros inteiramente distintos: a cidade baixa, que é apenas um bairro comercial, e a cidade alta, onde se concentra a vida das famílias. Conheço bem tudo isto, porque nasci aqui, e nunca daqui saí...

Viram a Escola de Medicina, o Palácio do Governo, o Senado, e entraram na Praça Duque de Caxias.

– Que coluna é esta? – perguntou Alfredo.

– É o monumento do Dois de Julho, comemorativo do dia em que se firmou na Bahia a Independência do Brasil, sendo as tropas portuguesas derrotadas pelo General Labatut. O Dois de Julho é a grande data da Bahia: todos os anos, é festejada com grande pompa, organizando-se préstitos cívicos, que, depois de percorrer toda a cidade, vêm aqui depositar coroas e bandeiras. Vamos ver agora o monumento de Castro Alves!

– Do poeta?

– Sim! O poeta de “Os Escravos” e da “Cachoeira de Paulo Afonso” era baiano. Lá está ele!

Rodearam o monumento, e continuaram o passeio, visitando o Palácio do Governo, a Câmara e o Senado, a velha Igreja de S. Francisco, onde admiraram as decorações de madeira esculpida, o Ginásio, o Passeio Público; e percorreram, em bonde, alguns dos subúrbios da cidade.

Assim passaram todo o dia. Quando chegaram à casa da família Mendes, eram mais de cinco horas da tarde, e já os esperavam para jantar.

O negociante, assim que os viu entrar, foi logo dizendo:

– Já temos resposta! Aqui está o telegrama!

– Qual a resposta! – perguntou Carlos, com alvoroço.

– Tenho ordem de embarcá-los no primeiro pacote que parte para o Rio Grande, fornecendo-lhes roupa e tudo aquilo de que precisarem... Ora, o primeiro navio parte amanhã, à tarde... Acho que seria melhor vocês esperarem o outro. Ficariam aqui mais alguns dias, e descansariam, antes dos incômodos de uma longa viagem por mar...

No correr do jantar, porém, por decisão de Carlos, ficou combinado que tomariam o pacote do dia seguinte. As duas mocinhas e o pequeno Otávio tentaram em vão o adiamento da viagem, apoiados por Alfredo, que também tinha o desejo de ficar. Mas o mais velho dos meninos foi inflexível; e Inácio Mendes acabou por concordar com ele:

– Acho que faz bem... É preciso obedecer à determinação dos seus parentes, e o telegrama é bem claro...

– Conheço-os pouco... – disse Carlos. – Há minha avó materna, e dois tios, filhos dela. Não nos veem há uns nove anos.

– Que prazer deve ter sua avó em acolhê-los! – exclamou a mulher do negociante. – É uma felicidade para ela, e para vocês. Uma avó é duas vezes mãe.

Generalizou-se a conversa, e Carlos notou, de repente, que Juvêncio, sentado a um canto da sala de jantar, nada dizia, conservando-se pensativo e triste.

Aproximou-se dele, e indagou o motivo daquela preocupação.

– E então, seu Carlinhos? Como não hei de estar apreensivo? Amanhã, partem os senhores, e não sei ainda que rumo tomarei na vida.

– Mas você vai conosco, Juvêncio! – exclamou o menino, sem mais reflexão.

– Isso não pode ser, seu Carlinhos...

Carlos foi logo entender-se com o negociante. Este refletiu longamente, e acabou por dizer:

– Sim! Ele não pode ir com vocês... não tenho autorização para isso. O que vou fazer é procurar para ele uma ocupação aqui na Bahia.

E, de súbito, batendo na testa:

– Oh! Tenho uma ideia! Rapaz, você quer trabalhar?

– Não quero outra coisa!

– Pois a ocasião não poderia ser melhor! Estou encarregado de contratar trabalhadores para grandes obras em Manaus. No Amazonas há bastante trabalho, e ganha-se bastante dinheiro. Você, se for para lá, ativo e inteligente como é, pode encetar admiravelmente a sua vida de homem!

Juvêncio nem discutiu a ideia. Ficou ali mesmo decidido que partiria o mais breve possível para Manaus, contratado e recomendado especialmente por Inácio Mendes.

**A**manhã do dia da partida foi toda empregada nos preparativos da viagem. Carlos e Alfredo ficaram munidos de boa roupa – porque os parentes haviam recomendado ao negociante que lhes fornecesse todo o necessário. À sua custa, Inácio Mendes também deu alguma roupa a Juvêncio, que devia ficar morando em sua casa, até seguir para Manaus. Um outro telegrama foi expedido para o Rio Grande, anunciando o embarque dos órfãos; e estes, depois de se despedirem da senhora do negociante, de Maria Nazaré, de Georgina, e do pequeno Otávio, desceram para embarcar.

No cais, esperando o bote que os devia levar ao navio, Carlos e Alfredo sentiram o coração apertado e não disfarçavam as lágrimas que lhes molhavam os olhos. Doía-lhes a separação. Ambos estimavam Juvêncio, como se ele fosse verdadeiramente um irmão. Juvêncio também estava triste; mas o seu bom senso, a sua inteligência prática de sertanejo faziam-no aceitar como uma fatalidade inevitável aquele apartamento.

– Isto não podia durar sempre! – dizia ele – e, depois, não vai haver uma separação; não se lembram do nosso juramento?

– E hei de sempre lembrar-me dele! – exclamou Carlos.

– E eu também! – acrescentou Alfredo.

– Pois, então? Ainda nos encontraremos, e sempre seremos amigos!

– Sim! – observou o mais velho dos irmãos – mas sempre é uma tristeza que você não venha conosco... Quando me lembro do que lhe devemos...

– Nem diga isso! – atalhou o sertanejo – que é que os senhores me devem? Eu é que lhes devo tudo! Se não fossem os senhores, eu não teria encontrado este homem, que me tratou como nunca tive quem me tratasse, acolhendo-me com carinho, dando-me trabalho, e encarreirando-me na vida!

E, comovido, beijou a mão do negociante.

– Bem! Bem! – disse, enternecido, Inácio Mendes, esquivando-se aos agradecimentos – que é isto? eu, se vou fazer alguma coisa por você, é porque você o merece. E aí está o bote...

Desceram os degraus da escada de pedra, e tomaram lugar no bote, que, logo, impelido pelas remadas fortes dos dois catraieiros, começou a afastar-se do cais.

A bordo, as despedidas foram rápidas e comovedoras. Inácio Mendes apresentou os meninos ao comandante e ao comissário do pacote, e abraçou-os carinhosamente, repetindo as recomendações que havia feito:

– No Rio de Janeiro, logo que chegar o vapor, irá recebê-los a bordo esse amigo, para quem lhes dou uma carta e a quem vou telegrafar logo que salte. Ele providenciará para que vocês sigam brevemente e com toda a segurança para o Rio Grande. Hão de ser tão bem acolhidos por ele como foram por mim.

Entre Juvêncio e os rapazes ficou combinado que se escreveriam a miúdo:

– Quero umas cartas bem compridas, Juvêncio! – recomendava Alfredo. – Você há de mandar dizer tudo quanto lhe acontecer!

– Prometo! Prometo!

Um último abraço, ainda mais apertado do que os outros, pôs termo às despedidas. Inácio Mendes e Juvêncio tomaram de novo

lugar no bote, que lentamente se foi distanciando do costado do navio.

Carlos e Alfredo ficaram por muito tempo agitando os lenços no ar.

Quando o bote se escondeu ao longe, entre as outras pequenas embarcações que enchiam o mar junto ao cais, os dois meninos deixaram-se ficar encostados à amurada, olhando as águas e a cidade longínqua.

Ao longo do litoral côncavo, alinhavam-se as casas imensas do bairro comercial, de quatro e cinco andares, como uma alta muralha, tapando o horizonte, e toda furada de janelas pequenas e simétricas. O sol declinava. O céu tocava-se de leves tons cor-de-rosa.

Carlos passou o braço pelo ombro do irmão, e beijou-o na testa...

O que mais o consolava era isto: o pai por várias vezes lhe recomendara que fossem sempre amigos, sempre unidos; e, felizmente, ali estavam eles, ao cabo de tantas aventuras e de tantos desgostos, sempre unidos e sempre amigos...

O paquete, em que partiam para o Sul Carlos e Alfredo, era novo. Era aquela a sua sétima viagem. A bordo, tudo reluzia, limpo e brunido; brilhavam os metais; os soalhos, lavados todas as manhãs a grandes jorros de água, estavam de um irrepreensível asseio.

O comandante, a quem os dois meninos tinham sido apresentados por Inácio Mendes, e que os havia recebido com carinho, era um antigo oficial da marinha brasileira, agora reformado. Era alegre e bondoso, amigo de conversar. Logo na tarde do primeiro dia de viagem, viram-no os dois irmãos na tolda, olhando o mar e conversando com um grupo de passageiros. Aproximaram-se dele.

Não se via a costa. O mar estava calmo. O sol fulgurava sobre as ondas, dando-lhes uma coloração de seda azul achamalotada. O paquete, deixando na água um rasto de espumas e no ar um longo penacho de fumaça, guardava uma bela marcha. Carlos e Alfredo notaram que o comandante e os passageiros olhavam com insistência um ponto distante, muito ao longe. Firmaram a vista, e descobriram um ponto branco, que oscilava, muito afastado do paquete.

– É uma jangada! – estava o comandante, dizendo aos companheiros.



– Mas, assim tão longe da costa?! – não pôde deixar de exclamar o mais velho dos dois irmãos.

– Pois, então?! – disse, sorrindo, o comandante. – os jangadeiros não têm medo do mar alto.

– É uma gente de uma bravura extraordinária! – afirmou um dos passageiros.

– Se é... Aqui não é muito comum o encontro de jangadas. Onde elas aparecem em maior número é da Bahia para cima. Ao longo de toda a costa do norte do Brasil, as águas estão sempre cheias dessas pequenas embarcações.

– E para que servem? – interessou-se Alfredo.

– Para a pescaria – explicou o comandante. – Os jangadeiros são pescadores.

Agora, o pequenino ponto branco pouco a pouco ia ficando mais distante.

– Mas sempre é preciso ter muita coragem para afrontar assim os perigos do mar!

– É uma questão de hábito – disse o comandante. – Essa gente está tão acostumada a arriscar a vida que já nem pensa nisso. Em cada uma dessas tábuas oscilantes, há sempre um homem, de pé, equilibrado, desafiando e vencendo a morte, manejando o remo fino, ou lançando a linha de pescar. Às vezes uma onda mais forte sobe para o céu, como uma montanha; jangada e jangadeiro desaparecem; mas, quando a onda cai sobre si mesma, a embarcação e o homem aparecem de novo, a embarcação sempre leve e linda sobre o mar azulado, e o homem sempre firme e sereno, tão calmo como se estivesse pisando a terra...

– Bravo! – exclamou Alfredo – que gente!

– Em Pernambuco, e em todo o norte do Brasil, há milhares de criaturas que vivem assim, nessa trabalhosa existência, expondo-se aos naufrágios, para ganhar o pão de cada dia...

Esses homens fazem-se ao mar ao romper da manhã, e veem o dia todo escoar-se lentamente, na solidão das águas, e só voltam à terra quando cai o crepúsculo da tarde. Mas nem sempre voltam...

– Muitos morrem, não?! – interrogou Alfredo.

– Alguns... O mar também tem fome – e não é muito raro que a jangada, surpreendida pelo temporal, fique boiando sozinha, sem o seu jangadeiro, tragado pelas ondas ou devorado por um tubarão.

A jangada tinha desaparecido de todo. Agora, nada mais se via, senão o céu e a água... Desfez-se o grupo dos que conversavam, e os dois meninos ficaram ainda algum tempo contemplando o mar.

– Quantos perigos corre a gente aqui! – disse Alfredo.

– Nem tantos! – tranquilizou-o Carlos. – Hoje a navegação é muito mais fácil, muito menos perigosa do que antigamente...

Ouviu-se um toque de sineta. Era a chamada para o jantar.

Nessa viagem, da Bahia a Vitória, Alfredo divertiu-se extraordinariamente. Logo cedo, saía do beliche, e vinha, com os pés nus, assistir à baldeação do navio. Depois conversava com os marinheiros, pedia a explicação de tudo, ia à proa, entretinha-se em contemplar as reses e as aves que tinham de ser sacrificadas à fome dos passageiros, vinha contemplar à ré o sulco de espuma que o pacote deixava na água, travava palestra com vários viajantes que gostavam da sua vivacidade – e prestava serviços a algumas senhoras, que enjoavam, estendidas em cadeiras de lona e vime, indo buscar lhes laranjas e limões.

Carlos, na tolda, olhando a extensão iluminada do mar, não podia deixar de sofrer, ao encarar o oceano agitado por onde o navio avançava; tudo agora lhe era desconhecido, como era desconhecida a vida que ia viver... E voltou o pensamento ao passado, e, em turbilhão acudiram-lhe à lembrança todas as cenas da vida que desaparecera com a pessoa do pai; os olhos arrasavam-se-lhe de lágrimas, torturava-o a saudade... “Nunca mais!... Nunca mais o veria! Nunca mais ouviria aquela voz, nem veria aqueles olhos de penetrante bondade!...” Carlos soluçava oprimido. “Nunca mais!... E se, por um milagre, ele aparecesse?!... E, se não tivesse morrido?” Com este pensamento, a fronte se lhe iluminou: “Quem sabe? O negociante da Bahia não conhecera seu pai... e não tinha a certeza

absoluta da morte dele. A notícia dessa morte só chegara a Inácio Mendes por intermédio dele mesmo, Carlos...”.

E lembrava-se Carlos de como recebera a notícia – perto de Juazeiro, a bordo da lancha... O homem da canoa dissera apenas: “Morreu o engenheiro que estava em Petrolina”, – e não dissera o seu nome... Em Juazeiro, também ninguém lhe dissera o nome do engenheiro falecido...

O menino levantou-se agitado, e começou a passear pelo convés, apertando as mãos uma contra a outra... “Sim! E se o pai não estivesse morto?!” E, dizendo isso de si para si, uma sensação estranha lhe agitava o peito...

Mas essa exaltação durou pouco. Alguns momentos de reflexão mais calma bastaram para mostrar a Carlos quanto era ilusória a esperança.

Que absurdo! pois eles não tinham seguido a pista do pai, de passo em passo, por assim dizer – no escritório da Estrada de Ferro de Águas Belas, em Garanhuns, em Piranhas, em Boa Vista, em Juazeiro?... O engano era impossível!

E, tomado de um grande abatimento, deixou-se o órfão cair de novo sobre a cadeira.

Dessa situação, veio Alfredo tirá-lo, correndo e gritando:

– Carlos! Carlos! Já se vê a costa do Espírito Santo!

Já se via, de fato, mal delineada no nevoeiro longínquo, uma vaga e baixa fita de terra.

– Antes da tarde, estaremos em Vitória! – disse um passageiro, moço ainda, que chegava à tolda com um grande binóculo.

– E poderemos descer? – perguntou Alfredo.

– Certamente! Mas não vale a pena.

– Como não vale a pena?! – exclamou o menino – sempre vale a pena ver uma cidade que nunca se viu!

– Não há dúvida! Mas...

– Então, a Vitória – interveio Carlos – é uma cidade tão insignificante que não mereça uma curta visita?

– Não é isso o que digo! – explicou o moço. Vitória é, ao contrário, uma linda cidade... Digo que não vale a pena porque o comandante não quer ficar mais de quatro horas no porto, e tenciona partir ainda hoje. Só temos um companheiro de viagem que se destina à Vitória; e, como o navio não tem de receber carvão nem carga, o comandante prefere apressar a partida para o Rio.

Efetivamente, antes de anoitecer, depois de pouco tempo de parada, o paquete deixou o porto, tendo apenas recebido quatro passageiros: um deputado, que ia tomar parte nos trabalhos da Câmara, e embarcava acompanhado da mulher e de dois filhos.

Alfredo jantou à pressa para ver a saída do porto. Todas aquelas manobras – o levantar das escadas, o ranger das correntes de ferro suspendendo a âncora, os primeiros movimentos do navio, rolando sobre si mesmo até colocar a proa na direção do mar largo –, tudo aquilo o interessava...

**N**o dia seguinte, logo depois do meio-dia, o calor apertou. O sol queimava. Quase não havia viração. Por volta das duas horas da tarde, uma nuvem negra começou a crescer no céu, sobre a proa do navio. Carlos e Alfredo ouviram o comandante dizer:

– Não tarda muito que a encontraremos! Caminhamos para ela, e ela caminha para nós.

– Ela, quem? – perguntou Alfredo curioso.

– A tempestade.

– Jesus! – exclamou o pequeno, empalidecendo – uma tempestade?! Então, estamos perdidos?!

O comandante passou-lhe a mão pela cabeça, e disse, gracejando:

– Fique sossegado, que ainda não chegou a hora da sua morte! A tempestade, que aí vem, não há de passar de uma boa trovoada, com uma boa carga de chuva...

A nuvem crescia cada vez mais. Agora uma viração passava. Ouvia-se longe o ronco do trovão. O navio começou a jogar com mais força. Quase todos os passageiros de primeira classe estavam na tolda, ao lado do comandante admirando o espetáculo do crescer da tormenta.

– Aqui as tempestades nunca são violentas. Para um marinho velho, como eu, a que nós vamos ver não passa de uma

brincadeira! Tempestades terríveis já vi eu!... E no mar largo, longe de todo e qualquer pedaço de terra, longe de todo e qualquer auxílio, durante longos dias seguidos!

– Qual foi a mais terrível tempestade que já viu, comandante? – interrogou um passageiro.

– Foi uma que vi no Pacífico, há uns vinte anos.

Enquanto o comandante falava, amiudavam-se os trovões. Com incrível rapidez, a nuvem crescera e cobrira todo o céu. As ondas avolumavam-se, encrespando-se, e balançando o paquete.

Começaram a cair alguns pingos de água.

– Já aí está a chuva... Daqui a pouco teremos o sol de novo, porque a tormenta vai em direção oposta à nossa. É bom que vamos para dentro, se não quisermos ficar inteiramente molhados...

Entraram para a sala de fumar. A chuva desabou com extraordinária violência.

– E como foi essa tempestade de que o senhor nos falava, comandante? – perguntou Carlos.

O oficial contou logo.

– Foi, como ia dizendo, no oceano Pacífico. Estávamos em viagem de instrução, a bordo de uma corveta de guerra. Tínhamos atravessado o estreito de Magalhães, e íamos para a Austrália.

Nesse ponto do globo as tempestades são tremendas... Ficamos seis dias sem governo, à mercê das ondas. A tormenta começou ao amanhecer de um sábado, e só amainou na quinta-feira à tarde.

Logo no primeiro dia, a fúria do vento despedaçou algumas velas, e começou a impedir todas as manobras. Era quase impossível estar no convés: o vento queria carregar tudo quanto achava no seu caminho, e soprava com uma violência incrível. Havia ondas que mais pareciam verdadeiras montanhas, subindo a uma altura extraordinária, e vindo desabar com fragor dentro do navio. Não havia a bordo um só lugar enxuto. Não comíamos, não dormíamos, estávamos extenuados de fadiga e de fome. No quarto dia

quebrou-se o leme... Foi então que nos consideramos perdidos... O navio, sem governo, dançava sobre as águas ao capricho do vendaval, e de instante a instante estávamos vendo chegar o momento da catástrofe final. Essa situação desesperadora ainda durou dois dias, ao cabo dos quais, quando já todos contávamos com a morte inevitável, o tempo melhorou de súbito.

– E ninguém morreu? – perguntou Alfredo.

– Perdemos dois homens, arrebatados das vergas pelo tufão... A bordo, estava tudo quebrado. Além da perda do leme, ainda tivéramos a do mastro grande, lascado por um raio. Foi nessa triste situação que nos encontrou um navio francês, ao qual devemos a salvação. A corveta foi conduzida até Sidney. Felizmente, a tempestade levara-nos até perto da Austrália...

– Não sabiam que estavam perto? – indagou o pequeno.

– Nada sabíamos, porque estávamos sem bússola, sem sextante. Tínhamos perdido tudo. Foi por um verdadeiro milagre que não perdemos também de todo a corveta...

A chuva cessara, como o tinha previsto o comandante. Saíram todos para a tolda. A tempestade já ia longe. O sol brilhava de novo sobre o mar, e o paquete continuava sem novidade a sua marcha.

– A que hora chegaremos amanhã ao Rio? – indagou alguém.

– Devemos chegar ao romper do dia – respondeu o comandante.



**A**inda a noite enchia todo o céu e cobria toda a terra, e já todos os passageiros estavam acordados, na tolda, ansiosos por admirar o espetáculo da entrada da barra do Rio de Janeiro. No escuro, os vultos moviam-se como fantasmas, falando alto e rindo; e todos esperavam com entusiasmo o gozo artístico que a contemplação do panorama lhes prometia. O primeiro luzir da manhã já encontrou Carlos e Alfredo de pé, ao lado dos outros, encostados à murada, do lado da proa.

Quando o paquete enfrentou a barra, uma leve cor de rosa desmaiada começava a tingir as montanhas cujos vultos imensos pareciam defender zelosamente a entrada do porto, como sentinelas de pedra. O paquete diminuiu a marcha. Com o lento clarear da aurora, a luz do farol da Ilha Rasa, que varria intermitentemente as águas, empalidecia. Uma claridade mais forte cobriu de repente o Pão de Açúcar, que se erguia à esquerda do navio, formidavelmente, dominando as águas. À direita, tremeluziam esmaecidas as luzes da Fortaleza de Santa Cruz. Os dois meninos, calados e trêmulos de emoção, contemplavam embevecidamente o extraordinário espetáculo. Todo o céu parecia agora arder num incêndio espantoso; e as nuvens, que se enchiam de chamas, refletiam-se no mar, que também fulgurava, coberto de fogo...

Quando o navio lentamente passou entre Santa Cruz e Lage, um enorme leque de varetas de púrpura subia do nascente; daí a pouco, essa púrpura principiou a dourar-se toda – e a claridade vitoriosa do sol iluminou a Bahia.

– Que maravilha! – exclamavam vários passageiros.

Carlos, respondendo a uma das multiplicadas perguntas de Alfredo, teve de explicar-lhe que a denominação de “Rio de Janeiro” foi dada porque, no dia 1º de janeiro, os primeiros navegantes, chegando a essa baía, supuseram estar diante da foz de um grande rio.

Mais longe, quando os dois estavam admirando em conjunto as serras, um passageiro lhes chamou a atenção para o famoso “Gigante de Pedra”.

– Que gigante? – perguntou Alfredo.

– Pois não reparou? Quando se enfrenta a barra, parece que as serras formam o vulto imenso de um homem deitado... Vêem-se perfeitamente a cabeça, o peito, as pernas... A semelhança é ainda melhor quando se vê do lado do sul, quando os navios entram a barra, vindo dos estados meridionais.

– É verdade! – exclamou o pequeno – reparei! É perfeito! E parece a figura de um índio...

– Justamente! Já houve um grande poeta brasileiro que cantou o “Gigante de Pedra”.

– Quem foi?

– Gonçalves Dias. Não conhecem a poesia?

– Não. Como é?

– Guardo apenas de memória algumas estrofes:

*E lá na montanha, deitado, dormindo,  
Campeia o gigante – não pode acordar!  
Cruzados os braços de ferro fundido,  
A fronte nas nuvens, os pés sobre o mar!*

*Nas duras montanhas os membros gelados,  
Talhados a golpes de ignoto buril,  
Descansa, ó gigante, que encerras os fados,  
Que os términos guardas do vasto Brasil!*

O paquete avançava agora pelas águas calmas da majestosa Baía de Guanabara.

Ao fundo, estendia-se a cidade, na curva da vasta praia, banhando na luz rosada da manhã as torres esguias das suas igrejas. Agora o dia triunfante avassalava tudo. O Pão de Açúcar, a Gávea, o Corcovado aprumavam-se radiantes. E havia um admirável contraste entre o espetáculo que se apreciava da proa do navio e o que se apreciava da popa. Atrás ficavam os montes de aspecto temeroso, uns cobertos de espessa vegetação, outros escalvados e nus; na frente, a cidade sorria, no seu tranquilo despertar, animada e faceira...

O paquete ladeava a Fortaleza de Villegaignon, quando uma voz infantil disse ao lado dos dois irmãos:

– Vão à terra?

Quem falava era o filhinho mais moço do deputado, Dr. Caldas, que embarcara na Vitória; chamava-se Jorge, e contava apenas oito anos; o irmão, Rodolfo, tinha catorze. Nessas poucas horas de convivência a bordo, de Vitória até ali, Alfredo, com o seu gênio expansivo, facilmente travara relações com eles; e Carlos também se aproximara dos dois, especialmente de Rodolfo, que vinha ao Rio para prestar os seus primeiros exames.

– Sim, vamos saltar – respondeu Carlos –, mas devemos esperar por um senhor, negociante aqui, que virá, ou mandará receber-nos...

– Não conhecemos amigos aqui – acudiu Alfredo –, e tinha tanta vontade de passear pelo Rio de Janeiro, antes de seguir para o Rio Grande!..

– Pois vão passear conosco...

Os pequenos voltaram-se ao ouvir estas palavras. Pronunciara-as o pai de Jorge.

Os dois pequenos aceitaram com gratidão a companhia que se lhes oferecia.

Então, já o paquete havia lançado ferro. A tolda ficara quase deserta; esperava-se a vinda das lanchas da Saúde e da Alfândega, e todos tratavam de aprontar-se para o desembarque.

– Por ora – disse o pai de Jorge –, isto ainda é uma balbúrdia. É um grande incômodo o desembarque. Mas daqui a poucos anos, todos os navios poderão atracar ao grande cais que se está construindo; e acabará este processo aborrecido e dispendioso de desembarque por meio de lanchas e botes. Já está terminado um largo trecho, e já podem atracar alguns paquetes.

– Onde fica o novo cais?

– Na Prainha. As obras já estão adiantadas. O cais vai ser monumental. Imaginem que terá 3.500 metros de extensão, desde a Prainha até a Ponta do Caju!

O mar animava-se de um grande movimento; dezenas de escaleres, saveiros, lanchas corriam para o navio que acabara de fundear; dois grandes paquetes, mais ao fundo do ancoradouro, recebiam um maior número ainda de pequenas embarcações; grandes barcas apinhadas de gente atravessavam a baía; os navios mercantes carregavam e descarregavam mercadorias; botes, batelões, rebocadores, cruzavam-se em todos os sentidos. No meio do porto, em face da cidade, enfileiravam-se os navios de guerra, pesados, como monstros de aço.

O negociante a quem vinham recomendados foi pessoalmente recebê-los. Desceram todos na mesma lancha, e foi então que o homem leu a carta que Carlos lhe entregara a bordo do paquete.

– Bem! Disse o comerciante – vocês têm de seguir quanto antes para o Rio Grande; tenho ordem de providenciar para isso, e fazer todas as despesas; e a ocasião é magnífica, porque, agora mesmo, vou mandar até lá um empregado da casa. Parte daqui a três dias, mas vai por São Paulo...

– E então? – interrogou Carlos.

– Ele vai a São Paulo, dorme lá, e no outro dia desde para Santos, onde toma o pacote para o Sul; e vocês, ou seguem daqui no pacote, e em Santos encontram-se com ele, ou vão a São Paulo...

– Sim – interveio logo Alfredo –, vamos a São Paulo...

– Faremos o que o senhor julgar conveniente – ponderou Carlos.

**F**oram três dias de passeio e contentamento, que Carlos e Alfredo passaram no Rio de Janeiro, em companhia dos filhos do deputado. Os quatro rapazes não ficavam em casa senão para almoçar, jantar e dormir: todo o resto do tempo era empregado em percorrer a cidade, visitando os seus pontos mais interessantes, vendo todas as suas curiosidades. Todas, não; porque, como explicava Rodolfo aos seus pequenos amigos, nem dois meses bastariam para isso...

– O Rio de Janeiro – dizia ele – é uma cidade imensa; ou melhor: é uma reunião de várias cidades... Imaginem que a área povoada é de quase quinhentas léguas quadradas!

– Então é a cidade maior do mundo! – exclamou Alfredo, com entusiasmo.

– Não! Não! – emendou Rodolfo, sorrindo – longe disso! Mas é uma das maiores. Em todo o caso, é a maior da América do Sul.

Foram ao Jardim Botânico, ao Corcovado, visitaram todos os parques, passearam pela Tijuca, e não esqueceram a visita ao Museu Nacional, onde Alfredo ficou pasmado diante do “Bendegó”, achando quase impossível que uma tão grande massa metálica tivesse podido cair do céu. No Jardim Botânico, o que mais os entusiasmou foi a admirável alameda de palmeiras. E mais entusiasmados ficaram ainda, quando souberam que todas aquelas palmeiras provinham da que foi plantada por D. João VI...

Foram visitar essa árvore veneranda, e olharam-na com verdadeiro respeito, vendo-a bem tratada, cercada de um pequena grade de ferro, e conservada como um relíquia.

Indo para o Jardim Botânico, e de lá voltando, extasiaram-se com o espetáculo da Avenida Beira-Mar, toda arborizada.

Tudo era novidade para eles, que, no entanto, no Rio de Janeiro tinham nascido e vivido os primeiros tempos; mas havia oito anos que o pai se mudara para o Recife; Carlos ainda guardava algumas lembranças, não da cidade propriamente, mas da casa onde nascera, uma grande chácara onde brincara, um horizonte de montanhas ao fundo... Nem sabia, porém, onde ficava a casa.

Para apresentar-lhes o Rio de Janeiro, num só panorama, o pai de Jorge levou-os ao alto do morro do Castelo; aí, evocaram o remotíssimo tempo em que Mem de Sá, em 1567, fundou a cidade, nessa mesma colina assentando as primeiras muralhas, os primeiros fossos de defesa e as primeiras habitações; ao seu espírito, acudiram, recordados em rápida síntese, todos os episódios da história urbana, todos os lentos progressos da sua existência; e, deslumbrados, viram e admiraram a atual grandeza da metrópole, toda a sua vida e animação: a fumarada que subia das chaminés das fábricas, a multidão a formigar nas ruas e nas praças, os bondes, as carruagens, os automóveis...

E, olhando as águas calmas de Guanabara, a cercar a cidade, desde a costa de Benfica até o recanto da Gávea, compreenderam que razão tinham os indígenas, em chamar a baía de: *Guanabara*, que quer dizer – “água escondida”... escondida na grandeza das montanhas que as fecham por toda parte.



**A**venida Central deslumbrou os dois meninos. A grande artéria urbana, com quase dois quilômetros de comprimento, e ladeada de magníficos prédios, parecia-lhes uma coisa ideal, uma fantasia, um sonho. E Carlos pensava, ao contemplar tantos palácios, tantas luzes, tanta beleza, na singularidade das aventuras que lhes aconteciam havia pouco tempo, e no contraste entre os deslumbramentos da cidade civilizada e a simplicidade dos rudes sertões por onde tinham andado perdidos...

Alfredo abria a boca, espantado; e chegou a pensar que o estavam enganando, quando lhe disseram que, para construir a Avenida, fora preciso demolir quinhentos e cinquenta prédios da cidade!

Um outro ponto do Rio de Janeiro, que os interessou vivamente, foi a Rua do Ouvidor. Por toda a parte tinham ouvido falar dela, e ambos tinham uma grande vontade de conhecê-la.

Em certa altura, Carlos, atônito, lançou um olhar para a outra extremidade da rua, e estremeceu: a multidão, que via diante de si, fez-lhe medo. Em outros lugares, já havia visto grandes aglomerações, em procissões, festas; mas era uma gente que não se parecia com aquele turbilhão de pessoas, a agitar-se em todos os sentidos, acotovelando-se, todas apressadas, indiferentes umas às outras, num movimento contínuo. Parecia-lhe impossível atravessar

aquele mundo, onde as pessoas se espremiavam e empurravam; parecia-lhe que o iam esmagar...

Então, já estavam na parte central da rua. O Dr. Caldas, ao mesmo tempo que ia indicando as casas mais importantes, e os homens mais em voga, cumprimentava a um e outro, pedia notícias, conversava com os amigos que encontrava, curvava-se em saudações para as senhoras que conhecia. E não faltavam senhoras, a entrar e sair dos armarinhos, todas elegantemente vestidas, de uma formosura muito esmerada.

Passara o susto do rapaz, e agora ele avançava frequentemente; como os outros, acotovelando, torcendo-se e desviando-se, parando para olhar quando o interesse era mais forte, mas já senhor de si no meio da multidão.

Absorvido no que via, não percebeu que o irmão tinha desaparecido. Quando o buscou com o olhar, e correu em torno, e não o achou, ficou aterrado. Então, sim, aquela multidão lhe pareceu terrível, capaz de afogar, consumir e devorar o irmãozinho, que ele com tanto cuidado trouxera desde o Recife, através de tantas dificuldades. Chamou em voz alta, indagou dos companheiros, que, atentos, se entretinham em ouvir o pai discorrer e conversar.

Mas o Dr. Caldas percebeu o que havia, e imediatamente tratou de achar o pequeno desviado. Mandou que os filhos e Carlos descessem a rua, até o princípio, e lá o esperassem, enquanto ele seguiria em sentido contrário.

Andou uns dez minutos e encontrou o pequeno, acolhido a um desvão de porta, chorando silenciosamente, rodeado de um grupo que já se interessava por ele.

Alfredo vira passar um velho, vendendo brinquedos, e instintivamente o seguiu; quando buscou os companheiros, já não os viu.

Apesar deste incidente, a impressão que a Rua do Ouvidor deixou no ânimo de Carlos foi das que nunca se dissipam.

O Sr. Ribeiro Gomes, o negociante a quem os rapazes vieram recomendados, providenciara efetivamente para a viagem; e, quatro dias depois da chegada ao Rio de Janeiro, tomaram Carlos e Alfredo o trem, na estação da Estrada de Ferro Central.

O Dr. Caldas, que os guardara sempre consigo, foi levá-los à estação. Já lá estavam o negociante e o empregado que tinha de seguir. Era este um brasileiro, moço de uns trinta anos, ares decididos.

Fazia frio, mas os rapazes quase não o sentiam, interessados pelo movimento que viam àquela hora: os trens de subúrbios despejavam ondas de povo.

A locomotiva silvou... As despedidas foram comoventes. E Carlos, quando o trem se pôs em movimento, embebido em pensamentos tristes, pensava: “Nesta longa viagem quantos amigos vamos deixando perdidos! Primeiro, papai! Depois, Juvêncio, Maria das Dores, tantos outros! – e agora, Jorge e Rodolfo...”

Tirou-o dessa melancolia o caixeiro:

– Vejam como é belo isto! – e apontava pela portinhola do trem.

Efetivamente, era uma beleza o que se via: as serras, ao fundo, envoltas em neblina, e a casaria da cidade embaixo; o trem passava, cortando ruas, margeando jardins, costeando trilhos de bondes... Mas tudo isto se via rapidamente, fugazmente. Depois as

casas fizeram-se mais espaçadas: eram quase todas chalés, dentro de jardins...

– Já estamos nos subúrbios – informou o caixeiro –, é daqui que vai para a cidade toda aquela gente que viram chegar à estação central. E há trens especiais para esse tráfego dos subúrbios, parando em todas as estações por onde vamos passando...

Alfredo ouvia atento, ao mesmo tempo que examinava a fisionomia simpática e decidida do homem. Chamava-se este Rogério Cortes.

– Sr. Rogério, este nosso trem não para?

– Para, sim, daqui a pouco, em Cascadura, e depois em Belém e depois em muitas outras estações...

Depois de Cascadura a máquina bufou, e o comboio partiu por uma baixada igual, salpicada aqui e ali de habitações, que se tornavam cada vez mais raras à proporção que o trem avançava. O horizonte fechava-se ao fundo por uma cadeia de montanhas. Mostrando-as, Rogério Cortes recomeçou a conversa:

– É a Serra do Mar... Lá adiante, vamos galgá-la, atravessando grotões, cortando despenhadeiros, furando montanhas... Há catorze túneis neste ramo de estrada de ferro, de Belém até a Barra do Piraí; é um trecho que se transpõe em uma hora, sempre em curvas e voltas pela serra acima. Um dos túneis, o “túnel grande”, tem mais de três quilômetros de extensão, e gasta o trem, para atravessá-lo, mais de três minutos.

Efetivamente, o comboio, desde que saiu da planície e passou Belém, enfiou pela serra, por entre cabeços de montes, a bufar ruidosamente por sobre barrancos, junto a penedias abruptas, que pareciam vir esmagá-lo. Varava túneis, e transpunha pontes, parando de vez em quando.

– Barra do Piraí! – anunciou o chefe do trem.

– Aqui acabam os túneis e a montanha. Tem este nome o local, – explicou o caixeiro – porque neste ponto deságua o Rio Piraí

no soberbo Paraíba. Nesta estação a estrada bifurca-se; a linha do Centro segue para Minas, e a linha de São Paulo vai margeando o Paraíba pelo vale acima até entrar no Estado de São Paulo. Lembrem-se da estação de Maxambomba, que lhes mostrei, logo depois de sairmos do Rio de Janeiro?... Foi aí que entramos no Estado do Rio de Janeiro; agora, estamos no Estado do Rio, e iremos por território fluminense até depois de Rezende: aí entraremos no território paulista, cuja primeira estação é Queluz.

Com isto, o trem já havia chegado à Barra do Piraí.

– Vamos almoçar; o trem demora-se aqui vinte minutos.

Almoçaram e partiram. O horizonte era agora outro: o longo vale quase plano, e estiradas cadeias de montanhas aos dois lados.

**R**ogério Cortes, expansivo, exuberante, falava sempre: a princípio, os rapazes pouco o ouviam, entretidos com as paisagens que se desenrolavam, e com o aspecto de cada estação em que parava o trem: Vargem Alegre, Pinheiro, Volta Redonda, Barra Mansa, Rezende... Mas nesta sucessão de estações a viagem, sempre pelo mesmo vale, já se ia tornando enfadonha.

Voltaram-se então os rapazes para o companheiro, e ouviram-lhe as explicações e descrições.

– Conhece a “linha do Centro”, que disse partir da Barra do Piraí? – perguntou Carlos. – Já viajou por ela?

– Oh! Muitas vezes.

– E por que a chamam “linha do Centro”?

– Certamente, porque é a linha que se dirige bem para o centro do país. É a linha principal. Está aqui é apenas um ramal, que se continua com a Estrada de Ferro do Norte, e vai até São Paulo. Já percorri toda a linha do Centro.

– E a viagem é sempre monótona?

– Não. Há muita variedade de vistas, de paisagens. Partindo da Barra do Piraí, a linha vai margeando o Paraíba até pouco antes do ponto em que este recebe o Paraibuna, outro rio que vem do interior de Minas Gerais. Aí, na estação de Entre-Rios, a linha parte diretamente para o interior; um pouco adiante apanha o Paraibuna, e segue-o até para lá de Juiz de Fora, uma das mais importantes

idades mineiras. É uma questão de duas horas de viagem. Depois começa-se a subir a famosa Serra da Mantiqueira. Já ouviu falar dela?

– Sim – disse Carlos –, é uma das mais altas do Brasil.

– Mas aí a serra tem um aspecto diferente da Serra do Mar, por onde passamos; é mais grandiosa, mais fechada, e o trem sobe fazendo uma grande curva. Passa em Palmira, e transpõe o alto da cordilheira na chamada “Garganta de João Aires”. É fortíssima a ventania aí; o lugar forma efetivamente uma garganta, e o vento esfuzia terrivelmente.

“Depois a estrada desce suavemente para Barbacena. Antes de chegar a essa cidade, há um ponto interessantíssimo, na Chapada da Mantiqueira; de uma certa altura, veem-se três córregos que irradiam e partem em rumos opostos: um leva a água para o Rio Doce, que vem ter às costas do Espírito Santo; outro vai para o Rio das Velhas e daí para o São Francisco; e o terceiro vai para o Rio das Mortes e daí para os rios Grande, Paraná, Paraguai, e da Prata: de forma que a água de um pequeno aguaceiro, caído ali, pode dividir-se e espalhar-se para todas as direções, indo até quatrocentas ou quinhentas léguas de distância... Sabem porque se chama ‘das Mortes’, esse rio de que falei?”

– Sei – respondeu Carlos –, porque aí se deu a célebre batalha dos Emboabas, entre os portugueses e os bandeirantes paulistas, que descobriram e exploraram todo este sertão do Centro e do Sul do Brasil, indo até Goiás e Mato Grosso.

– Contas-me isso, Carlos? – acudiu Alfredo.

– Depois, quando tiveres conhecido a cidade de São Paulo, de onde partiram quase todos os bandeirantes.

– De Barbacena para lá – continuou Rogério –, o caminho vai cortando cabeceiras de diversos rios. É um terreno que muda de aspecto, de momento em momento. Veem-se enormes faldas de montanhas cavadas pelos rios, profundas grotas, escarpadas

furnas, boqueirões imensos. Foi aí que antigamente mais se desenvolveu a mineração. Chegando à Estação de Burnier, depois de muitas horas de viagem, encontra-se um ramal, que vai a Ouro Preto, antiga capital do Estado de Minas. É uma velha e interessante cidade, muito montanhosa, situada num centro de mineração.

– E Ouro Preto já não é a capital? – perguntou Alfredo.

– Não! – explicou Carlos. – A capital é hoje Belo Horizonte, uma cidade admirável, construída em poucos anos, e que custou cerca de trinta mil contos de réis.



— **O** nome de Minas, dado a esta parte do Brasil – disse então Carlos a Alfredo – vem da abundância de minas de ouro e diamantes que há no seu solo.

– E há muito ouro? – perguntou Alfredo.

Neste ponto da conversa, um homem de certa idade, que viajava no mesmo carro, interveio, com bondade:

– Satisfaz-me muito a curiosidade com que procuram informar-se destas coisas. Venho há muito tempo ouvindo a sua conversa, e acho muito louvável o desejo que mostram de conhecer a vida do seu país. Sou engenheiro de minas e já trabalhei muito em mineração. Em Minas há muito ouro, muito diamante, e também muito ferro que ainda é mais útil.

– E a extração do ouro é difícil? – perguntou Carlos.

– Não é difícil, mas é muito dispendiosa. É verdade que se encontra ouro à flor da terra; mas as maiores quantidades jazem no fundo das minas, misturadas com outras substâncias nas rochas, que é preciso quebrar, triturar e lavar, por meio de muitos maquinismos complicados.

– E toda a gente pode apanhar ouro? – interrogou Alfredo.

– Sim – explicou o engenheiro –, toda a gente pode apanhar o ouro que aparece à flor da terra, no leito dos riachos e córregos, e muitas pessoas vivem dessa indústria. Apanham a areia dos

córregos, deitam-na com água na bateia, e passam muito tempo a agitá-la, renovando a água de tempo em tempo. A bateia é uma espécie de alguidar de madeira. Com o movimento e a lavagem, o ouro pouco a pouco se vai separando da areia e depositando-se no fundo do alguidar. Mas a quantidade do precioso metal recolhido por esse processo é sempre insignificante. A grande exploração faz-se nas minas, que pertencem a companhias, dispendo de grandes capitais.

– Que bonita deve ser uma mina de ouro! – exclamou o pequeno Alfredo. – Aquilo até deve fazer mal à vista!

O engenheiro sorriu, e desenganou o menino:

– Qual! É essa a ideia que muita gente faz de uma mina de ouro; mas não há ideia mais falsa. O ouro não aparece, porque está misturado com as substâncias que constituem a rocha. Uma das minas mais importantes é a do Morro Velho, no arraial de Congonhas de Sabará. Mais de 1200 homens trabalham aí. Para ir ao fundo da mina, segue-se primeiro a pé, por uma galeria horizontal, e depois entra-se em um grande cesto, chamado caçamba, que lentamente, por meio de um jogo de rodagens e cabos de aço, leva o visitante a uma profundidade de mais de duzentas braças.

– E como é que se faz o trabalho?

– Os operários despedaçam a rocha por meio da dinamite, e trazem para cima os blocos de pedra, que são triturados e reduzidos a pó, por imenso pilões hidráulicos; depois o pó é muitas vezes lavado, e submetido a vários processos químicos, até que deles se extrai o ouro puro.

– E os diamantes? O senhor já viu como se extraem?

– Já. Já estive no Jequitinhonha, que é um dos maiores rios de Minas, e onde se têm achado muitos diamantes. Os exploradores cercam um certo pedaço de rio, isto é: desviam desse trecho as águas, por meio de processos que não vale agora a pena descrever, e descobrem o leito. Então cateiam, isto é: tiram a camada inútil

de terras e areias, e encontram o cascalho miúdo, onde se acha, às vezes, o diamante bruto. Esse é o processo rudimentar. Mas em Minas e em Mato Grosso já há explorações de processo moderno, sendo as jazidas revolvidas por meio de possantes dragas.

— **Q**uanta riqueza há no Brasil! — exclamou Alfredo, que ouvira com a máxima atenção o que dissera o engenheiro de minas.

— Há muita! muita! — confirmou este. — E grande parte dessa riqueza, para não dizer quase toda, ainda é desconhecida. Nós todos falamos com assombro das jazidas preciosas que há no Estado de Minas, e nem pensamos nas que existem completamente ignoradas em Mato Grosso e Goiás.

— São dois estados muito grandes, não?

— São imensos. Mato Grosso, entre os estados do Brasil, é o segundo em extensão territorial: a sua superfície é maior que duas vezes a superfície da França. Goiás também é gigantesco; tem quase oitocentos mil quilômetros quadrados. Infelizmente essas duas colossais porções da terra brasileira são quase desconhecidas, por falta de vias de comunicação fácil com o litoral. Quando as estradas de ferro e as linhas de navegação fluvial tiverem estabelecido essa comunicação, ninguém pode imaginar a esplêndida prosperidade que reinará ali. Felizmente, já principiou uma era progresso. Já está adiantadíssima uma estrada de ferro — a de Madeira e Mamoré — comunicando Mato Grosso e o Atlântico, pelo Amazonas; o estado, por meio da Estrada de Bauru a Cuiabá, será ligado a São Paulo e Rio de Janeiro; haverá uma ligação entre

Goiás e Minas Gerais, pela Estrada de Formiga a Goiás; e haverá uma navegação a vapor nos rios Paraguai, Guaporé, Juruá e Mamoré... O solo é fertilíssimo, de extraordinário vigor; e ali as pastagens serão utilizadas para uma criação de gado, capaz de abastecer grande parte do mundo.

– E há muito ouro? Muitos diamantes? – inquiriu Carlos.

– Não só ouro, não só diamantes, mas também prata, cobre, ferro, cristais, chumbo, platina, manganês muitas pedras preciosas. No período colonial, era de Mato Grosso que saía a maior parte do ouro expedido para Portugal; houve tempo em que só nos arredores de Cuiabá se extraíam mais de mil quilos de ouro em cada mês.

– E Goiás?

– Em Goiás, o solo é também opulento. Foi lá que se deram no século XVII os episódios mais comoventes das viagens de exploração. Um dos primeiros exploradores foi Bartolomeu Bueno da Silva, que chegou até o Rio Vermelho, colhendo muito ouro. Os índios deram-lhe o apelido de Anhanguera, que quer dizer: diabo velho. E o que mais deve interessar os senhores, que são ainda crianças, é que o Anhanguera, nessa expedição, levou como companheiro um filho, que apenas contava doze anos de idade...

– Era mais moço do que tu, Carlos! – exclamou Alfredo, abraçando o irmão. – Mas tu também és um herói!

E, voltando-se para o engenheiro, acrescentou com orgulho:

– Nós também já viajamos muito! Acabamos de atravessar quase todo o norte do Brasil, e por terra, e a pé!

O engenheiro sorriu, e disse:

– Felizmente, já é possível atravessar todo o Brasil, por terra, não a pé, como os bandeirantes, mas em caminho de ferro.

– Como?

– Por meio das junções das estradas de ferro; o caminho parte de Montevidéu, república do Uruguai, transpõe a fronteira em Sant’ana do Livramento, no Estado do Rio Grande, atravessa este

estado, e os de Santa Catarina, Paraná e São Paulo, e entronca-se com a Estrada de Ferro Central. A linha principal, pela qual estamos agora viajando, chega até Pirapora, no Rio São Francisco. Até aí chegam também os pequenos vapores do norte, que vêm de Juazeiro.

– Esses mesmos vapores, em um dos quais viajei há algumas semanas?

– Perfeitamente. Depois do percurso fluvial até Juazeiro, iremos pela estrada de ferro até Bahia, e até o extremo norte, porque estão sendo construídas novas vias férreas destinadas a ligar todos os estados setentrionais.

**E**stavam já no Estado de São Paulo. O trem passou por Queluz, Lavrinhas e Cruzeiro. Entre Cruzeiro e Cachoeira, Carlos, vendo na falda da serra uma lavoura de moitas alinhadas, perguntou:

– Que é aquilo?

– É um cafezal – respondeu Rogério prontamente. – Existe ali uma fazenda de café; veja a casa, lá embaixo!

E o caixeiro apontava um casarão, que se via no sopé do morro.

– Então, é por aqui, Sr. Rogério, que se cultiva todo o café que o Brasil produz? – perguntou Carlos.

– Não. A grande lavoura de café de São Paulo faz-se hoje no oeste do estado, na chamada terra roxa. Por aqui, houve muitas fazendas importantes, mas, com a continuação, estas terras, que não são muito fortes, cansaram, quero dizer: já não produzem tanto como dantes.

Descobriram-se no oeste outras terras excelentes para o café, as terras roxas, e lá então se desenvolveu a grande lavoura. Depois, extinguiu-se a escravidão, e começaram a vir para aqui milhares de colonos italianos. São eles principalmente os trabalhadores nas fazendas do oeste. Cada fazenda tem a sua colônia, que é uma fila de casas, bem arruada, onde moram esses colonos estrangeiros.

– Então, não é toda a terra que serve para o café?

– Não. O café frutifica bem nas regiões serranas, em terras novas, até então cobertas de matas, e nos climas onde as estações sejam muito regulares. Aquela Serra do Mar, por onde passamos, no Rio, na mata de Minas Gerais, e aqui no norte de S. Paulo, já produziu muito café; hoje ainda produz; mas quase todas as antigas fazendas estão abandonadas.

– E como se planta o café?

– Derruba-se o mato, nas partes mais altas das serras, limpa-se o terreno, e plantam-se os grãos de café, ou as mudas, isto é: pés de café que se criam em pequenos vasos e só são levados definitivamente para a terra do cafezal quando já têm um palmo de altura. Escolhem-se os pontos altos, porque, aqui no sul, nas noites de grande frio, no inverno, costuma cair geada, isto é: um gelo miúdo, que é mais frequente nos terrenos baixos; a geada mata o café novo; e, por isto só, se escolhem para as plantações os terrenos altos. Às vezes, a geada é tão forte que alcança até os pontos altos; e então os lavradores costumam cobrir os cafeeiros novos com cestas que os protegem.

– E os cafeeiros produzem logo?

– No fim de quatro anos; então, já o arbusto tem a altura de um metro, mais ou menos, e produz os primeiros grãos. Com cinco anos, fica o cafezal carregado, e produz francamente.

– E o café dá durante todo o tempo?

– Não. Aqui, no sul, chove no verão, e faz estiagem no inverno: esta é a estação da seca. A colheita do café é feita no inverno. Em setembro e outubro, com as primeiras chuvas do verão, florescem os cafezais. Pelas encostas onduladas, aparece o verde arruado das lavouras, todo salpicado de branco, um branco puro... As longas vergôntes do cafeeiro pendem carregadas de flores, florinhas sésseis, agarradas ao ramo fino, por todo ele, e abrigadas na inserção das folhas; estas flores dão lugar a outros tantos frutos.



Com a fadiga natural da longa viagem, Alfredo adormecera; mas o irmão, Carlos, continuou atento. Aproveitando um momento em que o caixeiro suspendeu um pouco a conversa, perguntou-lhe:

– Mas, Sr. Rogério, como pode o senhor, que mora no Rio de Janeiro, conhecer tão bem assim a lavoura do café?

– É que tenho viajado por toda esta região, e já passei muitos dias em fazendas, tanto na época da plantação como na das colheitas... Em maio, entra a estiagem, os cafés estão maduros, começa a colheita. Um enxame de colonos segue para os cafezais. Com uma peneira presa à cintura, um samburá a tiracolo, panos e escadas para os cafezais mais altos, lá vão eles: são famílias inteiras – homens, mulheres e crianças. Cada grupo de trabalhadores segue por uma rua, de arbusto em arbusto, correndo as mãos pelos ramos, e despejando para o samburá os punhados de cerejas e de folhas. A planta fica nua, as varetas finas tremem ao vento, como ramalho seco, e a plantação parece, depois da colheita, uma roça devastada pelas formigas, ou assolada pelos gafanhotos. Não se pode colher de fruto em fruto; raspa-se todo o ramo, e, com um só movimento, apanha-se uma mão cheia.

O serviço é áspero; a haste nodosa do cafeeiro dilacera as mãos ainda não habituadas e calejadas. Colhida uma certa

porção, leva-se à peneira; retiram-se as folhas que ficam em cima, e vão os frutos para os montes. Cada apanhador de café tem o seu pano, espécie de lençol, que se estende em baixo do arbusto, e onde cai grande número de frutos; antes de passar adiante, ergue-se o pano, e recolhem-se todas as bagas que sobre ele caíram. Cada trabalhador leva para as grandes ruas do cafezal, para os caminhos de carro, o seu café, e aí o entrega, medido. Fazem-se grandes montes de café em cereja, isto é, do fruto maduro, colhido e fresco, ainda rubro ou alaranjado como a cereja madura. Dois, três, quatro dias passa aí o fruto, e os carros de bois o vão conduzindo para os terreiros de café, ao pé do engenho.

Esse terreiro é uma vasta esplanada, de chão nivelado, horizontal, cimentado, ou batido, de centenas de metros quadrados de superfície, e sobre o qual o café é espalhado para secar. Em face, fica o engenho; e, logo junto, o paiol, as tulhas.

Espalham-se as carradas de cerejas obre o terreiro, e aí fica o fruto, até secar completamente a casca, que toma o aspecto de um pequeno coco, ou de uma pequena avelã, comprida e quase negra. Dentro, chocalha o grão do café. É o café em coco. Para que ele chegue a esse estado, é preciso ficar por muitos dias exposto ao sol e ao ar livre. Para isso, espalham-no sobre o terreiro, em camadas muito finas, de menos de uma polegada: duas, três vezes por dia é revolvido; de espaço a espaço, abre-se a camada de café, e formam-se leiras estiradas, deixando a nu compridas faixas do chão do terreiro, para que receba o sol diretamente, e para que este enxugue toda a umidade.

Seco o fruto, o café em coco é lavado. Lavam-no em grandes tanques anexos ao terreiro, tanques dispostos em declive, tendo embaixo uma grade bastante fina para que

o coquilho não passe. Despeja-se o fruto, e sobre ele cai o forte jorro de água, que o desembaraça de todos os elementos estranhos: os gravetos, as folhas, os grãos apodrecidos; tudo isso vem à tona da água, e escapa-se pelos escoadouros dos tanques. As terras, as pedrinhas mais pesadas vão para o fundo. O café puro, lavado, é ainda uma vez estendido no terreiro limpo; e seco de novo, está pronto para entrar no engenho, onde será beneficiado; isto é: entra para as máquinas, que o descascam por completo, e separam os grãos, pelo tamanho, pelo formato. Estas máquinas são: os descascadores, os ventiladores, os catadores. O café sai do maquinismo para o saco. A maior parte das grandes fazendas já têm também despoldadores – máquinas que desembaraçam o fruto, apenas murcho, da casca carnosa, evitando-se deste modo o longo período do trabalho no terreiro, e obtendo-se um produto melhor.

Jantaram em Taubaté. Era noite quando o trem parou na Estação do Norte, na capital paulista.

Rogério já dissera aos companheiros que só passariam em São Paulo aquela noite e a manhã do dia seguinte, até às nove horas: tomariam o trem para Santos, onde almoçariam, e depois embarcariam para o sul, porque o pacote devia sair às três horas.

Da Estação do Norte até o centro da cidade, transportou-os um bonde elétrico.

– Este bairro paulista – explicava Rogério, logo ao mover-se o bonde – chama-se “o Brás”: é populosíssimo, e quase exclusivamente habitado por italianos; aqui residem, em grande parte, operários. Vejam que multidão, que vida! É quase toda italiana a colonização de São Paulo. É uma raça boa, inteligente, dotada de vivo gênio de iniciativa. Os italianos têm feito muito pelo progresso do estado.

Chegando ao centro urbano, Rogério tomou conta de dois quartos, num hotel; depositadas as bagagens, saíram os três.

– Reparem bem no hotel – recomendou Rogério –, tomem nota da rua, e do número da casa: é indispensável isto, quando a gente habita provisoriamente uma cidade desconhecida. Apesar da hora adiantada, ainda devo hoje tratar de negócios; mas vamos ao “triângulo”. O “triângulo” é o coração da cidade de São Paulo: uma

parte urbana limitada por três ruas, muito animadas, a Direita, a de São Bento, e a Quinze de Novembro.

As ruas, como as do Rio de Janeiro, regurgitavam de povo; as lâmpadas elétricas jorravam luz ofuscante; esplendiam as fachadas dos teatros e dos cinematógrafos, e os mostruários das luxuosas lojas de joias, de modas, de variados artigos. Dos cafés, das confeitarias, das cervejarias saía o rumor das músicas, das vozes, dos risos. Cruzavam-se os bondes, as carruagens atreladas, os automóveis. Pequenos vendedores apregoavam numa algazarra os jornais.

Entraram em um botequim. Rogério tomou café, e partiu, dizendo aos meninos que o esperassem ali, ou voltassem ao hotel, se não tivessem medo de perder-se...

– Qual! Perder-nos! – tornou Alfredo, muito senhor de si. – Prestei toda atenção ao caminho!

– Sim! Sim! – disse Carlos, rindo. – Já sei que és um grande andarilho, um herói! – Mas já não te lembras que te perdeste na Rua do Ouvidor...

Ficaram ali os dois, a princípio muito entretidos, a contemplar o movimento da casa e da rua. Mas fazia frio, o frio penetrante de São Paulo, e Alfredo, apesar do sobretudo que trazia, começou a tremer, e a pedir ao irmão que se fossem embora. Carlos, por sua vez, passada a primeira impressão de novidade, o que sentia agora era um absoluto isolamento; e com isto lhe veio a saudade desesperadora, e com a saudade aquela mesma ideia que já uma vez tivera: “E se o pai não tivesse morrido?...”. Desta vez a ideia voltava mais insistente ainda, e Carlos entrou a examinar as próprias dúvidas. Sim! Sentia dúvidas, isto é: não podia ter certeza; e esse pensamento, se o consolava um pouco, ao mesmo tempo lhe trazia uma certa angústia. Era uma vaga esperança que ansiosamente o atormentava...

Quisera poder voltar atrás, correr de novo aquelas paragens do norte, e trazer de lá a verdade clara... “Mas não!”, continuava a refletir, devorado de amargura e saudade, “ele morreu!... nunca mais, nunca mais, nunca mais o havemos de ver!”

Alfredo queixava-se do frio forte, e Carlos resolveu entrar.

**N**a sala do hotel, esperando Rogério, os dois pequenos viajantes já cochilavam, quando a sua atenção foi despertada por uma voz afetuosa:

– Então, já viram toda a cidade?

Era o companheiro de viagem, o engenheiro de minas, que lhes dera tão boas informações sobre o ouro e os diamantes de Minas Gerais.

– Quase nada pudemos ver – respondeu Carlos –, e, como devemos partir amanhã cedo...

– Pois é pena. São Paulo possui muita coisa digna de ser vista: magníficos jardins, esplêndidas casas, bairros novos já muito animados, e muitas boas escolas. O progresso desta terra nunca cessou. A imigração italiana tem dado grande desenvolvimento à lavoura, e as cidades do interior desenvolveram-se continuamente.

A um lado, na sala do hotel, alguns outros hóspedes conversavam em voz alta. Via-se que eram fazendeiros. Falavam do preço do café e da abundância da colheita naquele ano. Um deles dizia que a produção ia ser talvez de vinte milhões de sacas de sessenta quilos: mais da quarta parte da produção do café, de todo o resto do mundo...

– Estão ouvindo? – observou o engenheiro. – Mas não pensem que a única fortuna de São Paulo é o café. Se, porventura – hipóteses absurdas! – desaparecesse a lavoura do café aqui, ou os

mercados do mundo não consumissem a produção dos cafezais paulistas –, ainda assim a riqueza do estado seria assegurada.

“Os governos têm sido previdentes, criando um sem número de outras fontes de opulência. Este povo é enérgico; a história de São Paulo é uma bela lição. Ainda existe a tradição dos bandeirantes!”

– O senhor é paulista? – perguntou Carlos.

– Não. Sou mineiro, nasci em Campanha, e formei-me na Escola de Minas de Ouro Preto. Mas descendo de uma família de paulistas – e de uma família de bandeirantes. Está claro, que não tenho “fumaças” de nobreza: o homem vale unicamente por si mesmo; e decerto eu seria exclusivamente um “zero”, se todo o meu valor moral fosse apenas a vaidade de possuir um nome de antepassados...

– E ainda há famílias descendentes de bandeirantes?

– Muitas. Ah! esses bandeirantes! E ainda não nasceu no Brasil um poeta capaz decompor a definitiva epopeia sertanista! Aqueles homens, invadindo os sertões, criaram o Brasil. Gabriel Soares, Melchior Dias, Francisco de Souza, Fernão Dias Pais, Antônio Dias, Arzão, Bueno de Siqueira, Borba Gato, Moreira Cabral, Bueno da Silva e tantos outros, desbravaram as florestas virgens, e exploraram todo o território de São Paulo, de Minas, de Goiás e de Mato Grosso. E quantos episódios heroicos, quantas aventuras épicas! Essas peregrinações formaram pequenas aldeias, pequenos núcleos de civilização: e assim nasceram as cidades hoje admiráveis, cheias de vida, burburinhantes de trabalho e esplêndidas de fecundidade... Mas, voltando ao que dizia: São Paulo tem hoje todas as lavouras e todas as indústrias. Há aqui toda a variedade dos terrenos: há serras, matas, campos, zonas secas, zonas alagadiças, mangues, areais; de modo que todas as culturas têm sido experimentadas e adaptadas: abundância de arroz, de todos os cereais, de cana, de fumo, de cacau. Em todas as cidades, e, em torno delas, vibram e rumorejam fábricas, de onde saem todos os artigos, cujo



uso é exigido pelas necessidades da vida civilizada. E o progresso moral é também extraordinário: a instrução primária, o ensino profissional são o orgulho de São Paulo.

– E a população, naturalmente, aumenta?

– Naturalmente. A riqueza natural, o conforto material, e a cultura moral atraem sempre as correntes imigratórias. Só em 1909, entraram em São Paulo mais de quarenta mil imigrantes.

Mas chegava Rogério:

– Vamos dormir! É tarde, e devemos partir cedo.

**N**a hora combinada, partiram. Os dois meninos admiraram muito a magnífica estação central da Companhia Inglesa, no bairro da Luz, onde tomaram o trem que os levaria a Santos.

– É a mais bela estação de caminho de ferro que há no Brasil – observou Rogério. – E esta estrada é importantíssima: vai de Santos até Jundiáí, e ali entronca-se com a Companhia Paulista.

Pôs-se o trem em movimento. Logo ao sair da cidade, notou Alfredo um palácio monumental sobre uma pequena colina que se erguia no vasto campo. Antes que o menino houvesse perguntado qualquer coisa, acudiu Rogério:

– Aquele é o monumento do Ipiranga. À margem do regato que passa por ali, e tem esse nome – Ipiranga –, descansava o Príncipe D. Pedro, que de São Paulo voltava para o Rio, quando deu o grito de “Independência ou Morte”! Viram no Rio de Janeiro, no Largo do Rocio, a estátua de D. Pedro I?... Pois essa estátua representa o príncipe no momento em que parte para o Rio, e lança o grito histórico...

Já o trem conseguira vencer a distância entre São Paulo e a Serra do Cubatão, muralha grandiosa que se ergue em face do oceano.

O comboio penetrava pelas gargantas da serra e começava a descer entre os barrancos e sobre as pontes e viadutos, que dominavam e transpõem abismos horrendo, cujo fundo não se vê.

A descida é íngreme, e a todo o momento parece que o trem vai despenhar-se por aqueles penhascos... Alfredo tremia de pavor, e Carlos admirava os homens que conseguiram fazer aquela obra portentosa.

Mas o companheiro Rogério não os deixava ficar muito tempo nessa muda admiração:

– Vejam! vejam isto aqui! – e, com a mão estirada, mostrava-lhes por uma abertura da montanha, em face do mar, a cidade de Santos, numa paisagem única. Era lá fora o oceano, a entrada do porto, o porto, uma larga enseada com os navios e vapores, e a casaria à margem do rio para onde confluíam outros rios e regatos... Antes, porém, que eles pudessem apanhar todos esses detalhes do esplêndido panorama, já o trem dera meia-volta, e tudo desaparecera...

Embrenhou-se o trem na serra, e viram-se novas escarpas cobertas de pujante vegetação. Enfim, terminada a descida, passada a estação do Cubatão, na raiz da serra, foi vencida a várzea; quase às onze horas da manhã, chegavam os viajantes a Santos. Entre os paquetes, no cais, estava o *Santos*, que devia transportar Carlos e Alfredo ao Rio Grande.

Almoçaram, e acompanharam Rogério, que tratava dos negócios da sua casa comercial. Atravessaram várias ruas centrais, muito animadas, cheias de faina dos negociantes, comissários e corretores.

– Daqui, de Santos – dizia-lhes Rogério –, sai todo o café de São Paulo, e grande parte do de Minas. Santos, depois do Rio de Janeiro, é o primeiro porto marítimo do Brasil. É um empório comercial de extraordinário movimento. E sabem? aqui nasceu o famoso Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, inventor do aerostato...

Quando se dirigiram para o paquete, admiraram o imenso cais, as docas em que atracavam e desatracavam navios. Enfileiravam-se armazéns da alfândega e de depósitos. Montes de sacas de café

enchiam os armazéns, empilhavam-se ao longo do cais, atulhavam os carroções em filas que interrompiam o trânsito.

O pacote afastou-se lentamente do cais, e ganhou o mar...

Quando, a bordo do *Santos*, chegaram Carlos e Alfredo a Paranaguá, encantou-os a vista da terra. Abria-se aos seus olhos um lindo panorama: o porto, vasto e quieto, cercado de um amplo círculo de montanhas.

Alfredo estava ansioso por descer à terra:

– Vamos, vamos! quero ficar conhecendo a capital de mais um Estado do Brasil!

– Quê? – atalhou o irmão sorrindo – então Paranaguá é capital?

– É verdade! – exclamou o pequeno – que tolice a minha! Bem sei que a capital do Paraná é Curitiba...

– Curitiba fica a uns cento e dez quilômetros daqui – explicou Rogério; – de Paranaguá até a capital faz-se a viagem em caminho de ferro; são seis horas, se tanto.

Baixaram à terra, e com eles um homem alto, forte, louro, que se ofereceu para lhes mostrar a cidade. Era um alemão, que, apesar de não estar no Brasil há mais de cinco anos, já falava perfeitamente o português. Chamava-se Schumann, e era muito conversador e simpático.

Os quatro viajantes percorreram com prazer a pequena cidade, conversando. O alemão residia na capital de Santa Catarina, mas conhecia bem o Paraná.

– Não podem fazer ideia do que é a estrada de ferro que vai daqui até a Lapa e Rio Negro. É uma maravilha que honra a engenharia

brasileira. Tem obras de arte admiráveis, viadutos, túneis. Em certos pontos, na serra, o trem fica suspenso sobre abismos, cuja contemplação dá vertigens. Não há talvez no mundo inteiro um coisa tão bela!

– E o estado é muito rico? – perguntou Carlos.

– Muito rico, não é – disse Schumann –, mas é próspero, e as bases da sua prosperidade são os pinhais e o mate. O pinheiro-do-Paraná, a *araucaria brasiliensis*, dá uma madeira tão boa como a da Noruega: é uma árvore corpulenta, que às vezes atinge à altura de trinta e seis metros. Há aqui pinheirais admiráveis, em grandes florestas que cobrem os planaltos. Li há poucos dias um artigo, cujo autor calcula em mais de oitenta milhões os pinheiros que formam essas florestas...

– E o mate?

– O mate do Paraná também é célebre, e é o mais saboroso. A exploração dos ervais é rendosíssima.

– Ervais?

– Chamam-se “ervais” as zonas das florestas em que abunda a erva-mate. Cortam-se as folhagens, e, depois de empilhadas, são sapecadas ou chamuscadas a fogo forte; em seguida secam, e são batidas em receptáculos de madeira que têm o nome de canchas: separam-se, assim, dos fragmentos grosseiros as folhas, e os pecíolos, e os raminhos mais delicados. Uma vez “cancheado”, já o mate pode ser entregue ao consumo e à exportação; mas o produto da melhor qualidade ainda é submetido a processos mais demorados, em usinas, onde a planta seca é tratada por meio de pilões. O produto exporta-se em surrões, ou sacos de couro, ou então em barricas fabricadas no estado; a fabricação das barricas é uma das grandes indústrias do Paraná.

Assim conversando e passeando, passaram os viajantes cerca de hora e meia em Paranaguá.

Voltaram para bordo. O *Santos* tomou de novo o rumo do Sul.

**E**m Santa Catarina foi curta a demora do navio, e os três viajantes não baixaram à terra.

Os dois rapazes viam com prazer aproximar-se o termo da viagem, já fatigados de tanto movimento e de tantas mudanças; já não achavam encanto no que viam: só desejavam chegar, achar o aconchego da família, descansar o corpo e repousar o espírito e o coração no seio daqueles que os esperavam no Rio Grande do Sul.

Assim não lhes deu grande pesar a impossibilidade de visitar Florianópolis, a antiga Desterro, edificada na Ilha de Santa Catarina, separada do continente pelo Estreito.

– Aqui, em Santa Catarina, nasceu uma grande brasileira, grande pelo seu nobre coração, pelo seu valor, e pela ternura e dedicação com que associou a sua vida à vida de um herói! – disse Rogério.

– Quem foi? – perguntou logo Alfredo.

– Anita Garibaldi, mulher do famoso cabo de guerra italiano, que, além de entrar nas campanhas da unificação da Itália, também no Brasil serviu à causa da liberdade, tomando parte na Revolução dos Farrapos.

– É bonita Florianópolis?

– É. Muito quieta e pitoresca. Possui lindo jardins.

Nesse momento embarcava uma família de alemães, com destino ao Rio Grande. Eram oito pessoas: pai e mãe, e seis filhos. Gente corada e forte, sadia e alegre.

– Estão vendo? – disse Rogério – o Estado de Santa Catarina tem hoje uma densa população alemã. E não só Santa Catarina, como o Paraná e o Rio Grande do Sul... Os alemães preferem para estabelecer-se o sul do Brasil, cujo clima é muito semelhante ao da Europa. Aqui há muitos... algumas cidades do estado, como por exemplo Blumenau, são quase exclusivamente habitadas por eles e pelos seus descendentes, já brasileiros, mas ainda conservando o tipo germânico.

Quando o vapor saiu do porto, a tarde declinava. O céu tingia-se de uma cor de rosa desmaiada, com estrias de ouro pálido; e uma funda melancolia se espalhava pela face das águas calmas.

O *Santos* acelerou a marcha. Carlos e Alfredo, à popa, olhando o litoral que se afastava, deixavam-se dominar pela tristeza da hora e da paisagem.

De repente, Carlos rompeu o silêncio:

– E Juvêncio?...

Alfredo replicou, com a voz trêmula de comoção:

– É verdade! Que será feito dele? Que estará fazendo a esta hora?



**E** Juvêncio?  
É tempo de saber o que foi feito desse bravo sertanejo, que tão amigo se mostrou dos dois pequenos viajantes, durante a sua triste peregrinação pelos sertões do norte.

Dois dias depois da separação, Juvêncio embarcava, à proa de um paquete nacional, em viagem para Manaus. Era quase noite, quando o vapor se fez ao largo; e a melancolia da hora, a tétrica solidão do mar, a tristeza e o abandono em que se via o pobre rapaz quase o desesperaram. Caiu sobre um rolo de cabos, na proa do navio, a soluçar. Um marinheiro ainda moço teve pena dele, quis saber o que tinha; tentou fazê-lo levantar-se. Juvêncio não pôde, estava tonto. Veio-lhe o terrível enjoo.

No outro dia, o ar fresco da manhã, a vista da terra – o vapor seguiu a costa à vista – reanimaram-no um pouco. Reagiu, ergueu-se: estava bom.

Agora tudo era novidade para ele: a faina de bordo, o horizonte sem fim do mar, o revolver incessante das vagas, a vista da costa – uma linha de dunas alvas, salpicadas de arbustos, e por trás uma fila intérmina de espiques e palmas verdes.

– Que é aquilo? – perguntou Juvêncio ao marinheiro que se mostrara amigo.

– São coqueiros. Toda esta costa, daqui até Pernambuco, e mesmo para além, é coberta de coqueirais. É a fortuna desta gente. Um

coqueiro vive mais de cem anos, e, depois de formado, com cinco anos, só exige o trabalho de colher os frutos.

– Qual é o primeiro porto em que entra o vapor?

– Maceió, capital de Alagoas. Passaremos pela costa de Sergipe; daqui a quatro horas, estaremos defronte de Aracaju, mas não entraremos. Amanhã cedo, entraremos em Maceió, sairemos amanhã mesmo, à tarde. Depois de amanhã, estaremos no Recife.

– Já vi a navegação no São Francisco, e em Juazeiro; mas é tão diferente desta!...

– Ah! Sim! Também já viajei muito em rio, no Cotinguiba, porque sou Maroim, em Sergipe. Conheço também o São Francisco, embaixo. Já morei em Penedo. Hoje mesmo, ao escurecer, passaremos defronte da barra do São Francisco...

No outro dia, uma onda de passageiros invadiu a proa do paquete. Eram outros trabalhadores contratados para Manaus. Era gente do centro do sertão, caboclos vigorosos; Juvêncio reconheceu-lhes os gestos, o falar, e ficou satisfeito com a companhia.

Não podia ir à terra, por muito que o desejasse: queria evitar despesas.

Maceió, vista de longe, pareceu-lhe uma cidade encantadora: o porto agitado, a gente alegre, a paisagem pitoresca.

Partido o vapor, formou-se uma roda de pessoas, não muitas, porque a maior parte enjoou. Uma delas tomou a direção da conversa. Era quem chefiava o grupo – um cearense decidido, que viera por toda a costa a engajar trabalhadores: organizava as turmas, e mandava-as; aquela era a última, e ele seguia com ela.

Discorria como um professor.

– Então, você é de Pernambuco? – perguntou Juvêncio. – Boa terra, conheço-a; mas também é muito boa esta, Alagoas! Para onde vai?

– Para Manaus.

– Para os seringais?

- Não, vou trabalhar na cidade.
- Venha trabalhar então comigo!
- Já vou recomendado a um senhor de lá.
- Pode ser muito feliz, mas é preciso ter cuidado.

E o falador – chamava-se Gervásio Sena – desenvolveu as suas teorias sobre o bom modo de viver na Amazônia, ganhando dinheiro e conservando a saúde: “o que é preciso é viver com sobriedade e ter muita atividade”.

Era noite. Juvêncio adormeceu, embalado no sonho das riquezas que o homem lhe apontara à imaginação.

No outro dia, logo cedo – Recife. O vapor deteve a marcha, num mar revolto, bem em face da cidade, de que o separava a muralha baixa e negra, contra a qual se quebravam as ondas furiosas; depois, aprofundou para uma abertura dessa mesma muralha, e penetrou no porto, – uma espécie de doca natural, onde os navios se apinhavam uns contra os outros.

Enquanto o vapor manobrava, entrando o porto, um oficial de bordo explicou a Juvêncio:

– Nem todos os navios podem manobrar aqui, como este. Os de grande calado ficam lá fora, no mar largo. Mas já se está construindo um novo cais imenso, como o do Rio de Janeiro, e o de Santos, podendo receber todos os paquetes. E também haverá novos cais, magníficos portos na Bahia, no Ceará, no Maranhão, e no Rio Grande do Sul.

A demora foi de dois dias, e Juvêncio teve o prazer de passear longamente pelas ruas da capital de sua terra. Achou-a belíssima; admirou muito o Beberibe e o Capiberibe, que a cortam, e as pontes que ligam os diversos bairros separados por esses rios.

Na tarde da partida, quando o navio transpunha de novo a muralha negra, perguntou Juvêncio ao marinheiro:

- Mas isto é realmente um muro?

– Não! É um recife, isto é: uma muralha natural, de pedra coral; e vem assim, mais ou menos paralela à costa, desde a barra do São Francisco, prolongando-se até a do Paraíba, no Piauí. Nas bocas dos rios, forma o recife estas aberturas naturais.

A viagem até a Paraíba não teve incidentes. Tristezas e saudades, em quase todos os que deixavam a terra natal... Muitos enjoados... Poucas horas de viagem.

**N**a Paraíba, a demora foi curta. O navio deixou mercadorias, recebeu dois viajantes, e continuou o seu rumo.

– Tenho pena de não conhecer a Paraíba! – disse Juvêncio ao marinheiro com que se acamaradara.

– É pequena, mas bonita. Há a cidade alta e baixa. As igrejas são lindas, há um grande mercado, um bom teatro, um passeio público. A parte baixa, que se chama Varadouro, é o centro comercial. A gente é muito boa, muito afável.

No dia da chegada ao Natal havia na cidade uma grande festa. Quase todos desceram. Juvêncio divertiu-se muito.

Na hora do embarque, verificou-se que três dos engajados por Gervásio Sena não voltaram. Certamente não puderam resistir às saudades, e fugiram...

Este fato irritou o contratador, que dois dias não apareceu quase.

Mas, ao chegar à Fortaleza, no Ceará, já era o mesmo homem.

– Minha terra! Minha terra! Terra da Luz! – exclamava com ênfase. – Fomos nós que fizemos a abolição; fomos os primeiros a não querer escravos em terras brasileiras!

Não há propriamente porto em Fortaleza. O vapor ancora em costa aberta; a cidade espalha-se radiante e alegre, numa planície baixa. O mar rebenta forte, e muitos passageiros transportam-se em jangadas.

O contratador, que decididamente simpatizara com Juvêncio, fez questão de descer com ele:

– Há aqui um demora de seis horas; quero fazer-lhe as honras da minha terra!

Desceram, e longamente passearam pela cidade, de ruas bem alinhadas, bem edificadas e calçadas; admiraram as estátuas dos generais Tibúrcio e Sampaio; foram, em bonde, ao Outeiro.

...

Já todos estavam afeitos à vida de bordo, e Gervásio tinha os ares de um oficial. É verdade que, depois de tantas viagens feitas por aquela costa, ele a conhecia como um verdadeiro marujo. Por isso, apontando o litoral, ia explicando tudo:

– Daqui por diante, a configuração da costa muda completamente; até aqui a linha da terra era regular, agora começam a aparecer entradas e pontas, principalmente neste trecho do Maranhão ao Pará. É um dédalo de baías, enseadas, ilhas, ilhotas, lagos, canais, que mudam de aspecto constantemente de maré a maré. As vagas são violentíssimas, e o mar invade a terra dia a dia, comendo-a. De quando em quando, surge em uma dessas ilhotas um coqueiro isolado, cujo raizame a maré vai corroendo, corroendo, até estendê-lo na costa...

A demora no Piauí foi de poucas horas. A cidade não se mostrava quase; era um dia de forte chuva. Ninguém desceu.

Gervásio, que conhecia o Piauí, elogiou a terra e o povo:

– Há bastante lavoura, e bastante indústria pastoril. A gente é ordeira, e forte, temperante, e capaz de rude labuta e duras provações – como em geral, toda a gente do Norte. A capital, Teresina, é nova: foi fundada há pouco mais de cinqüenta anos. O porto do mar é Amarração, perto da cidade de Parnaíba.

**D**urante dois dias, estive o paquete em São Luiz do Maranhão. Os passageiros espalharam-se pela cidade. São Luiz não tinha o aspecto sorridente de Fortaleza, nem a quietude simples do Natal. Era solene e triste; mas Juvêncio não se cansava de passear pelas ruas. Não poderia dizer por que, mas a terra agradou-lhe. Era a beleza geral da cidade, a sincera cordialidade da gente...

O pequeno sertanejo, sem instrução, não podia compreender bem todas as conversações que ouvia. Mas percebia o natural orgulho com que o povo falava da história do Maranhão, das guerras contra os franceses e os holandeses, e das revoluções contra o domínio português e o Império. Um homem do povo, que passeava com Juvêncio, à noite, ao luar, mostrou-lhe a estátua de Gonçalves Dias; e cantou, com uma singela música tocante, alguns versos do poeta maranhense:

*Enfim te vejo! Enfim posso  
Curvado a teu pés, dizer-te  
Que não cessei de querer-te,  
Pesar do quanto sofri...*

No dia seguinte ao da partida de São Luiz, discorria Gervásio, como de costume, falando a Juvêncio:

– Já deve estar cansado do mar, hein?

– Sim, já me tarda a chegar.

– Amanhã estaremos em Belém, e depois veremos o grande Amazonas: é um mar de água doce.

– O senhor conhece todo o Amazonas?

– Sim; todo o Amazonas, e muitos dos rios do interior: o Xingu, o Tapajós, o Madeira, o Purus, o Rio Negro... Todos eles vêm ter ao Amazonas...

– E por que há tanto dinheiro por lá, e de que é que vive a gente?

– Da borracha. A borracha é feita com o suco que se extrai de uma árvore, que há em abundância pelas matas extensíssimas, às margens dos rios. A árvore tem o nome de seringueira, e os lugares onde se encontram em grande quantidade são chamados seringais. Eu mesmo já tive um seringal. Vendi-o por sessenta contos.

O seringal é dividido em ruas; cada rua – um certo número de árvores – está a cargo de um trabalhador, um seringueiro, que tem aí o seu rancho. De quarto em quarto de légua, ou de meia em meia légua, encontram-se esses ranchos. Às vezes, o seringueiro habita completamente só; outras vezes tem consigo a mulher, ou um companheiro. São geralmente cearenses – caboclos do sertão do norte, que vão ganhar a vida na selva amazônica.

O Amazonas apresenta duas quadras completamente distintas; é por elas que toda a vida se regula. A primeira é a época da cheia, de dezembro a abril, em que os rios transbordam sobre as terras baixas, e em que a extensão das matas é um alagadiço, todo varado de igarapés. A navegação é franca por toda a parte; descem as embarcações, carregadas de bolas de borracha; sobem outras, atulhadas de gêneros. Toda a gente sai do interior das selvas, e vem para os barracões altos, nos raros pontos não atingidos pelas águas, ou dirige-se para a capital.



Na outra época, que é a da seca, os rios afluentes, até caudalosos, tornam-se inavegáveis: cessa toda a comunicação das grandes povoações com o interior das terras; a mata está em seco, e os seringueiros entregam-se ao trabalho.

Logo que a terra enxugou, o seringueiro está no mato, na sua faina. Acorda às quatro e meia da manhã, e parte pela sua rua, levando pendente ao ombro um rosário de tigelinhas de folha. Chega à árvore, e vai talhando, à machadinha, a casca do tronco, e logo embaixo enterra o grampo da tigelinha, destinada a receber o leite que escorre do corte.

Em cada árvore, vai deixando oito, dez, quinze tigelinhas. Às oito ou nove horas da manhã, está terminada esta primeira parte do trabalho: e o homem volta, recolhendo o leite, de tronco em tronco.

Às dez horas, chega ao rancho para almoçar, rápida e frugalmente; e trata logo de fazer a borracha, isto é: defumar o leite. Nisto consiste o preparo da borracha. Queima-se num grande fogaréu um certo coco, de uma palmeira abundante ali, muito fumarento, e vai-se expondo à fumaça o leite da seringueira. Para isto, despeja-se todo o leite numa bacia ou num caldeirão; introduz-se aí um pedaço de pau, do tamanho de uma longa bengala um tanto grossa; retirado o pau, vem aderente a ele uma porção de leite viscoso, que é exposto logo à fumaça, até adquirir a consistência da borracha bruta. Leva-se esta ao depósito, e junta-se uma outra camada de leite, que é da mesma forma exposta à fumaça: e assim, sucessivamente, até formar-se um grosso rolo, ou uma bola, com um orifício no centro, correspondendo ao pau que serviu de espeto.

Está, então, pronta a borracha, para ser entregue ao dono, ao fornecedor. Assim o seringueiro vai juntando no seu rancho a sua colheita, que dura três meses na média.

Juvêncio esperava com ansiosa curiosidade o momento de entrar no grande rio. Gervásio explicava-lhe que não era bem no Amazonas que iam entrar desde logo, e sim no Rio Pará; todavia, já era majestoso o espetáculo que se oferecia aos seus olhos; não parecia a entrada de um rio, mas uma vasta baía... No meio da água agitada, fundeava a barca-farol. O navio avançava; deixava as águas verdes e cristalinas do mar, e penetrava nas ondas embaciadas do rio.

– Mas é verdadeiramente um mar! – exclamou Juvêncio.

– É! – disse Gervásio – de uma das margens não se avista a outra!

– Lá em frente, fica a Ilha de Marajó – disse um passageiro –, do outro lado fica a verdadeira barra do Amazonas.

– Já entrei lá mais de uma vez – disse o oficial do navio.

– Conhece então a pororoca?

– Oh! Sim!... Imagine que o Amazonas é um rio que tem mais de seiscentas léguas de comprimento. A quinhentas léguas acima da barra, já esse rio tem quase meia légua de largura; a cem léguas do mar, a sua largura é de três léguas, e a profundidade é de cento e vinte metros! Na embocadura há quarenta léguas!... Assim, a quantidade de água, que se despeja no mar, é portentosa. E, quando é a ocasião das grandes marés, as águas do mar avançam pela embocadura do rio colossal, encontram-se com a formidável massa de água que dele vem; e desse choque forma-se uma vaga

tremenda, de mais de dez metros de altura, avançando numa corrida impetuosa a que nada resiste: vira as embarcações, despedaça árvores, destrói tudo... E atrás de uma vaga vem outra, outra... com um ruído que se ouve a duas léguas... É a pororoca!...

**E**m Belém, houve um grande movimento. Muitos viajantes desceram, muitos outros embarcaram. A cidade encantou Juvêncio pelo seu aspecto e pela sua agitação. Belos edifícios, ruas largas, bem calçadas e arborizadas, muita gente nas praças públicas e na grande Avenida da República.

A partida de Belém para Manaus foi alegre: havia muitos viajantes novos, e o navio regurgitava.

Poucas horas depois, o *Santos* passava à vista de Breves, pequena povoação, e entrava depois, enfim, no Amazonas. Juvêncio não se fartava de admirar a portentosa paisagem que se desenvolvia a seus olhos. As águas desciam plácidas, como as de um grande lago que se deslocasse por entre florestas. Ora o vapor seguia o meio do rio, ora chegava-se para uma das margens, a roçar quase a ramagem da mataria que descia até às águas.

– Admire! Admire! – dizia com ingênuo orgulho o cearense a Juvêncio, atento a contemplar o grande rio. E continuava:

– É tudo assim. Adiante são ilhas e mais ilhas... Veja aquele banco de areia, coalhado de garças!...

– E é muito fundo o rio?

– Se é fundo! talvez daqui a pouco encontraremos grandes árvores, árvores imensas, mais altas do que uma torre, descendo pelo rio abaixo, como se fossem gravetos; e troncos enormes mergulham nas águas, sem tocar o fundo do rio, e a sua copa, mais

vasta do que uma casa, aparece boiando em cima, como uma ilha flutuante. Por vezes encontram-se mesmo verdadeiras ilhas flutuantes...

– Mas de onde vêm essas árvores e ilhas?

O imediato do navio, ouvindo a conversação, deu ao pequeno sertanejo as explicações que Gervásio não lhe sabia dar:

– O rio nem sempre está neste nível. Há regularmente época da cheia, e a outra, da vazante. Em fevereiro, março, abril, o Amazonas e todos os afluentes começam a encher, e o seu nível sobe mais de quinze metros. Então, todas as ilhas baixas desaparecem; as margens são inundadas, cobertas: todos esses braços do rio, esses “furos”, e lagos comunicam-se; as águas invadem tudo, alagam todas as florestas, e as canoas podem viajar pelo mato adentro, léguas e léguas... Depois, quando começa a vazante as águas, escoando-se para o leito do rio, cavam as terras frouxas e encharcadas das margens, e fazem cair grandes bancos de terra, arrastando tudo quanto ali existe. Os índios daqui – porque ainda se encontram muitos índios, quase todos já domesticados –, os índios conhecem bem quando a terra começa a afrouxar, e embarcam logo, para não ser arrastados. Assim, desaparecem ilhas inteiras. Nessas destruições, acontece que se entrelaçam grandes árvores, e a elas se vem juntar então uma erva que nestas águas se desenvolve muito – a canarana –, formando ilhas flutuantes, sobre as quais não é raro encontrar até animais terrestres.

Passaram dias... A grandeza da paisagem, a contínua majestade das águas, a constante opulência da vegetação verde e assombrosa causavam já monotonia.

O *Santos* navegava entre as ilhas, seguia a sua rota, sem incidentes. Passou por Óbidos...

O imediato e Gervásio conversavam sempre com Juvêncio, alimentando a sua curiosidade, desvendando-lhe a novidade daquelas regiões maravilhosas. Gervásio, que conhecia os habitantes

de quase todos os seringais e “sítios” que se viam pelas margens do rio, contava a existência daquela gente corajosa; narrava a fatura, mas às vezes as tristezas dos trabalhadores, e a história das grandes fortunas que tinham granjeado alguns proprietários dos seringais. O imediato, por seu turno, relatava as suas viagens pela extensão do “rei dos rios”; e descrevia o imenso percurso da formidável artéria fluvial – nascendo na República do Peru, chamando-se a princípio Velho Maranhão, depois Novo Maranhão quando entra no território brasileiro, depois Solimões, e enfim Amazonas; e falava ainda o imediato das povoações que marginam os afluentes do Amazonas, e as cidades recém-nascidas que já estão florescendo no Acre...

Enfim, numa tarde linda, o navio, deixando as águas do maior dos rios do Brasil, entrou no Rio Negro, e fundeou no porto de Manaus.

**A**gora que o nosso bom Juvêncio chegou ao seu destino, podemos encontrar-nos de novo com os outros dois heróis desta narrativa – Carlos e Alfredo.

No sexto dia depois da saída de Santos, estavam em frente à barra do Rio Grande. A vista da terra, onde poderiam enfim descansar, e o pensamento dos parentes que iam encontrar restituíram-lhes a animação. Voltaram-lhes ao olhar o fulgor e ao espírito a curiosidade dos primeiros dias.

A costa, baixa, parecia-lhes bem diferente daquelas por onde haviam passado desde Espírito Santo até Santa Catarina. O mar raivoso era mais terrível, e o frio, mais vivo.

– Boa ou má estará a barra? – era a pergunta de toda a gente.

A barra estava boa: o paquete ultrapassou-a serenamente, e logo depois passava perto da pequena povoação de São José do Norte, para chegar à cidade do Rio Grande, onde esperava Carlos que os tios os viessem receber.

Mas nenhum conhecido apareceu no primeiro momento, o que foi uma forte decepção. Rogério procurou distraí-los, convidou-os a seguir para Porto Alegre.

– Não! Sei que meus tios não podem deixar de vir! – disse Carlos.

Efetivamente, alguns minutos depois de fundeado o navio, apareceram a bordo dois homens, procurando pelos rapazes. Eram eles.

Carlos reconheceu-os logo, principalmente o mais moço, pela sua extrema semelhança com aquele cuja imagem ainda o menino guardava nos olhos e no coração.

E os meninos caíram nos braços dos tios, aos soluços, soluços convulsivos, que diziam toda a saudade, todo o desespero, que traziam acumulados na alma. Mas os tios não os deixaram assim por muito tempo:

– Ora! ânimo! Para que chorar?...

E isto diziam num tom tão natural, tão desprendido, que a Carlos pareceu quase impossível que assim lhe falassem parentes... O rapaz ergueu a cabeça, e olhou-os surpreendido, quase indignado. Então, maior foi o seu espanto, ao reparar que os tios não estavam cobertos de luto.

– É verdade! – disse um dos tios – ainda não tomamos luto. Depois lhe direi por quê! Agora vamos desembarcar. E não nos demoraremos na cidade; vamos para a estância, onde está mamãe.

– Mas por que não estão de luto? – perguntou Carlos, sem se conter, assim que desembarcaram.

– Porque não podemos ter a certeza da morte de seu pai! Esperávamos vocês, para saber alguma coisa mais segura. Que certeza têm da morte de seu pai? Viram-no, morto?

– Não...

– Disse-lhes alguém que o viu morrer? Disse-lhes alguém o nome dele, os seus sinais? Deu-lhes alguém a prova positiva, cabal, do falecimento?

– Não...

– E então? Não se pode aceitar um fato importante, como este, sem uma prova, ou, ao menos, um fundamento razoável, um indício ponderável... Ainda, esperamos ter a certeza.

Ouvindo isso os dois meninos entreolharam-se, e sentiam-se cheios de uma nova animação. Pareceu-lhes outro o mundo... era como se, na treva de uma noite espessa, tremeluzisse o primeiro raio longínquo da luz de uma estrela.



Carlos perguntou, ansioso:

– E agora? e como?...

O tio sorriu, abraçando-o, confortando-o:

– Agora? como? Esperemos! Quando suspeitamos a existência de uma desgraça, não podemos ter a segurança da sua impossibilidade, mas também não devemos perder toda a esperança. Esperemos! e vamos seguir imediatamente para Pelotas; hoje mesmo iremos para a estância, onde mamãe nos espera ansiosa.

Despediram-se do excelente Rogério, e partiram.

Deste modo, nem puderam ver o Rio Grande. Tiveram tempo apenas para almoçar, e partiram. Viram o cais, e duas ou três ruas principais.

– Há povoações inteiras de alemães, aqui; são as antigas colônias – explicavam-lhes os tios. – É como em Santa Catarina...

Às duas horas da tarde, chegaram a Pelotas. A cidade pareceu-lhes linda, situada numa eminência alegre. Mas a ânsia de chegar era grande.

Às cinco horas da tarde, estavam na “estância”, que é o nome dado no Rio Grande às fazendas de criação.

A velha avó não se pôde conter: recebeu-os em pranto, lágrimas ao mesmo tempo de prazer e saudade. Beijando-os, parecia-lhe beijar o próprio filho, que vira pela última vez havia onze anos. Quanto aos rapazes, esses continuavam naquele estado incerto de sonho e dúvida em que os havia deixado as palavras dos tios...

**D**ona Maria Meneses, septuagenária, era ainda forte e sadia: a sua face corada e os seus olhos azuis tinham ainda um brilho de vida e de energia; a sua cabeça, cheia de mocidade, emoldurava-se de cabelos completamente brancos, de uma alvura de neve. Os dois filhos, Roberto e João, um de vinte e cinco anos, outro de vinte e dois, dirigiam a administração da estância; adoravam a velha mãe, num culto fervoroso, em que se misturavam carinho e veneração.

Carlos e Alfredo enterneceram-se, sentindo-se acariciados, respirando livremente, com confiança, nessa atmosfera de sossego e afeto.

Acalmadas as primeiras expansões, Carlos tratou logo de conduzir a conversa para a morte do pai, na ansiosa curiosidade de ouvir da avó qualquer opinião mais precisa. Ela repetiu-lhe, porém, o que já lhe haviam dito os tios: que não havia certeza; e, enquanto falava, sorria. Refletindo bem, Carlos desconfiou que “não lhe diziam tudo...”.

– Mas que sabe a senhora a respeito de papai, vovó?!...

Foi um dos tios que respondeu:

– Sabe o que todos nós sabemos. Conte-nos você, outra vez, como tudo isto se passou, e diga-nos como teve notícia da morte de seu pai.

E Carlos recomeçou mais uma vez a história de todos os transes.

A hora do jantar veio alcançá-lo ainda a relatar tristezas e peripécias, cuja história era entrecortada a todo momento pelas exclamações penalizadas da velha estancieira.

Alfredo, mais criança, e fatigado da última jornada, deitou-se cedo, e adormeceu logo, profundamente. Carlos, depois do serão familiar, conciliou dificilmente o sono quando se deitou e velou durante muito tempo, preocupado, numa febril agitação do espírito, entre dúvida e esperança. Ao levantar-se, de manhã, falou de novo aos tios, assediando-os de perguntas. E tanto os importunou que Roberto, o mais velho, procurando aliviá-lo, disse-lhe:

– Bem! Dou-lhe uma promessa formal: se, daqui a oito dias, não recebermos notícias positivas, irei à Bahia e dirigirei pessoalmente um inquérito. E agora vamos ver a estância, porque vocês nunca viram uma estância, não é verdade?

– Nunca vimos.

A casa principal era um vasto e sólido edifício quadrado, de paredes brancas e simples, irradiante de luz. Ficava na eminência de uma colina suave, em meio de uma vasta campina, levemente ondulada. Um horizonte sem fim, onde o manto verde claro das campinas era de longe em longe interrompido pelo verde forte dos capões, estendia-se ante o olhar de Carlos e Alfredo...

– São as pastagens! – disse o tio João, abrangendo com um gesto a extensão do horizonte. – Temos quatro léguas de campo.

Alfredo, encantado já com a vida da estância, queria percorrer os pastos e ver o gado.

– Verás amanhã! passarás algum tempo na estância, e percorrerás o campo, a cavalo, quando quiseres. Mas é preciso que saibas montar; com algumas lições, ficarás sendo um bravo gaúcho!

– Os pastos estão cheios de bois?

– De bois, de cabras, de carneiros. E temos também muitos cavalos. E verás também a charqueada.

– Que é a charqueada?

– É o estabelecimento em que se prepara a carne salgada e seca. A carne seca chama-se também *charque*. Produzimos mais de duzentos mil quilos de charque por ano.

– É esta estância uma das mais ricas do estado?

– É uma estância de algum valor. Temos alguns milhares de cabeças, incluindo as reses bovinas, ovinas, caprinas – também os porcos.

Continuaram a visitar a fazenda.

Em torno da casa, estendiam-se as residências dos empregados e outras dependências: paióis de forragens, salas de arreios, alpendre para os carros, e depois, os currais e potreiros, as estrebarias, – tudo fechando a vivenda num vasto quadrilátero.

Em frente, debaixo do outro alpendre, estava uma roda de peões – os empregados da estância, os que lidavam com o gado. Tomavam tranquilamente o seu chimarrão: é o nome que os gaúchos dão ali ao mate, como usam tomá-lo – sem açúcar; a erva perfumada, reduzida a pó grosso, é trazida na pequena cuia, com a respectiva bombilha, que é um tubo com um crivo na extremidade; despeja-se dentro a água a ferver e a cuia passa de mão em mão, cada um sugando pela mesma bombilha o líquido fumegante.

– É a bebida usual, entre os gaúchos – disse Roberto. – Os peões rio-grandenses nunca viajam sem a sua cuia e a sua bombilha...

— **O** gaúcho é um tipo humano, especial. — disse Roberto. — O ar franco, a vida sadia do campo, a liberdade, o espetáculo cotidiano de um horizonte ilimitado dão a esta gente um temperamento distintivo, uma força de alma, uma independência e uma alegria extraordinárias. Os homens são naturalmente corajosos, dispostos a arriscar a vida, sem pestanejar perante a morte. E são naturalmente nobres, incapazes de uma traição. Amigos do trabalho e da ordem, têm um certo ar de arrogância, mas não são turbulentos sem razão; o que os indigna e revolta é qualquer ameaça de escravidão, qualquer suspeita de servilismo. E são cavaleiros admiráveis!... Um escritor disse que o gaúcho é um “centauro”. Sabem o que isto quer dizer?

— Sei! — disse Carlos. — É uma ficção da mitologia, monstro fabuloso, meio homem e meio cavalo.

— Pois é assim um cavaleiro rio-grandense. O cavaleiro e o cavalo são inseparáveis. Vejam: lá está um gaúcho, e, não longe, o seu cavalo.

Por trás de um grande potreiro, viram um homem, de cócoras, picando fumo para o cigarro. Era moreno, musculoso, despenado. A curta distância, pastava o cavalo, arreado, com o laço pendente da sela.

Os estancieiros apresentaram-lhe os sobrinhos, e contaram-lhe rapidamente a história da longa travessia dos rapazes. Depois nomearam-lhes o gaúcho, dizendo:

– É o mais forte destas cochilhas no laço e na bola.

O gaúcho riu, e não tardou a mostrar as suas reais habilidades. Não longe dali, relinchava um potrilho; e o homem, tendo montado a cavalo, fez girar a longa corda de couro cru, tecida, terminada em três pontas, cada ponta com uma bola. Segurou a extremidade livre da corda, e agitou no ar as três bolas, atirando-as depois na direção do animal, que imediatamente se viu preso; as cordas emboladas enrolaram-se lhe em torno das pernas, peando-o completamente. O potro pinoteava, furioso, com grande prazer dos rapazes, para quem o espetáculo era inteiramente novo.

Depois, ainda viram com admiração e comoção o gaúcho montar em pelo um cavalo xucro: o animal corcoveava, relinchava, escoiceava, mas não conseguiu deitar ao chão o cavaleiro, que acabou por subjugar-lo e reduzi-lo à obediência.

...  
...  
...

Quando chegaram à casa, a velha avó os recebeu à porta, dizendo?

– Ouçam, meninos! não me contenho mais! quero dizer-lhes toda a verdade! Não a disse mais cedo, porque sei que muita alegria também faz mal, e receava que vocês ficassem fulminados pela boa notícia... Ouçam, seu pai não morreu! não foi ele quem morreu! não foi ele quem morreu!

Seu pai está vivo!...

**E**fetivamente, o engenheiro Meneses não morrerá. O homem da canoa dissera: “um engenheiro que estava em Petrolina morreu... Enterrou-se ontem, em Juazeiro”. Era verdade: morrerá um engenheiro, que estava doente em Petrolina; mas esse era um engenheiro que trabalhava na estrada de ferro de Alagoinha a Juazeiro, e viera doente, passando-se para Petrolina, na esperança de melhorar, e lá falecera.

Quanto ao Dr. Meneses, viera de Boa Vista com febres palustres e não chegou a demorar-se vinte e quatro horas em Petrolina; seguiu imediatamente para o interior, sete léguas adiante; onde um abcesso do fígado o levou quase à morte: mas salvou-se, no fim de trinta e tantos dias de moléstia.

Restabelecido, voltou a Juazeiro, e só então pôde telegrafar ao gerente do escritório central e ao diretor do colégio, dando notícias suas e pedindo notícias dos filhos.

A resposta revelou-lhe tudo: que os rapazes tinham fugido, indo procurá-lo, recebendo em caminho a notícia da sua morte; e soube ainda que, como todos o consideravam falecido, Carlos e Alfredo haviam seguido para o Rio Grande do Sul... Imediatamente telegrafou para a Bahia, para o Rio, e para o Rio Grande, desfazendo o equívoco. Mas os telegramas não puderam alcançar, durante a viagem, os pequenos viajantes...

Por isso, no Rio Grande, os tios os receberam prazenteiros mas não lhes deram a boa notícia de chofre, para poupar-lhes uma forte emoção; quiseram preparar-lhes o espírito.

Assim se desfez todo o equívoco, e assim teve um desfecho feliz a dolorosa história dos pequenos heróis, que, considerando-se órfãos, afrontaram, com uma coragem rara, todos os riscos e todas as proações de uma longa viagem através do Brasil.

Sabendo por telegrama que os filhos estavam na estância em Pelotas, o Dr. Meneses, com saudade deles, e ainda abatido pela doença que quase o matara, resolveu seguir também para o Rio Grande a fim de descansar no seio da família. Obteve uma licença e partiu.

Na Bahia, o negociante Inácio Mendes contou-lhe como acolhera os rapazes, e como os encaminhara para o Sul; e falou-lhe também largamente de Juvêncio, narrando-lhe o auxílio e o carinho com que o sertanejo tratara Carlos e Alfredo durante a triste peregrinação pelos sertões.

– E, justamente – concluiu Inácio Mendes –, acabo de receber um telegrama em que me dizem que esse pobre rapaz, Juvêncio, está bem doente, atacado de beribéri...

Ouvindo isto, o Dr. Meneses logo resolveu mandar buscar Juvêncio:

– Preciso passar algumas semanas na Bahia, para tratar de negócios da empresa da estrada de ferro, e posso esperá-lo.

Assim se fez. E, um belo dia, Carlos e Alfredo receberam em Pelotas, com um contentamento indizível, este telegrama:

“Parto hoje para aí. Juvêncio vai comigo.”







© 2012, Fundação Darcy Ribeiro  
Direitos desta edição pertencentes à Fundação Darcy Ribeiro  
Rua Almirante Alexandrino, 1991  
20241-263 - Rio de Janeiro – RJ  
www.fundar.org.br

1ª Edição. 1ª Impressão. 2014.

BIBLIOTECA BÁSICA BRASILEIRA – CULTIVE UM LIVRO

**Curadoria**

*Paulo de F. Ribeiro – Coordenação Geral*  
*Godofredo de Oliveira Neto*  
*Antonio Edmilson Martins Rodrigues*

**Comitê Editorial**

*Eric Nepomuceno – Fundação Darcy Ribeiro*  
*Oscar Gonçalves – Fundação Biblioteca Nacional*  
*Norberto Abreu e Silva Neto – Editora Universidade de Brasília*  
*Anibal Bragança – Fundação Biblioteca Nacional*  
*Lucia Pulino – Editora Universidade de Brasília*

**Produção**

*Editora Batel*

**Coordenação editorial**

*Carlos Barbosa*

**Projeto gráfico**

*Solange Trevisan <sup>z</sup>c*

**Diagramação**

*Solange Trevisan <sup>z</sup>c*

*Ilustrarte Design e Produção Editorial*

**Tratamento de textos da coleção**

*Clara Diament*

*Edmilson Carneiro*

*Cerise Gurgel C. da Silveira*

*Carina Lessa*

*Léia Elias Coelho*

*Maria Edite Freire Rocha*

**Projeto de capa**

*Leonardo Viana*

**Assessoria de Comunicação Fundar**

*Laura Murta*

Texto estabelecido segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

B595a

Bilac, Olavo, 1865-1818

Através do Brasil / Olavo Bilac, Manoel Bomfim. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013. 280 p.; 21 cm. – (Coleção biblioteca básica brasileira; 23).

ISBN 978-85-635-7436-7

1. Literatura infantojuvenil brasileira. 2. Brasil – Descrições e viagens – Literatura infantojuvenil. I. Bomfim, Manoel, 1868- 1932 II. Fundação Darcy Ribeiro III. Título. IV. Série.

CDD-808.899282

Roberta Maria de O. V. da Costa – Bibliotecária CRB7 5587



**Patrocínio:**



**Realização:**

Ministério da  
Cultura



**Impressão e acabamento :**





## **FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO**

### **Instituidor**

*Darcy Ribeiro*

### **Conselho Curador**

*Alberto Venâncio Filho*

*Antonio Risério*

*Daniel Corrêa Homem de Carvalho*

*Elizabeth Versiani Formaggini*

*Eric Nepomuceno*

*Fernando Otávio de Freitas Peregrino*

*Gisele Jacon de Araújo Moreira*

*Haroldo Costa*

*Haydée Ribeiro Coelho*

*Irene Figueira Ferraz*

*Isa Grinspum Ferraz*

*Leonel Kaz*

*Lucia Velloso Maurício*

*Luzia de Maria Rodrigues Reis*

*Maria de Nazareth Gama e Silva*

*Maria Elizabeth Brêa Monteiro*

*Maria José Latgé Kwamme*

*Maria Stella Faria de Amorim*

*Maria Vera Teixeira Brant*

*Mércio Pereira Gomes*

*Paulo de F. Ribeiro*

*Paulo Sergio Duarte*

*Sergio Pereira da Silva*

*Wilson Mirza*

*Yolanda Lima Lobo*

### **Conselho Curador – In Memoriam**

*Antonio Callado*

*Carlos de Araujo Moreira Neto*

*Leonel de Moura Brizola*

*Moacir Werneck de Castro*

*Oscar Niemeyer*

*Tatiana Chagas Memória*

### **Conselho Fiscal**

*Eduardo Chuahy*

*Lauro Mário Perdigão Schuch*

*Trajano Ricardo Monteiro Ribeiro*

*Alexandre Gomes Nordskog*

### **Diretoria Executiva**

*Paulo de F. Ribeiro – Presidente*

*Haroldo Costa – Vice-Presidente*

*Maria José Latgé Kwamme – Diretora Administrativo-Financeira*

*Isa Grinspum Ferraz – Diretora Cultural*

*Maria Stella Faria de Amorim – Diretora Técnica*





